



O Agir
INVISÍVEL
de Deus



.....
LUCIANO SUBIRÁ



(041) 3016-6588
www.orvalho.com

ATENÇÃO

Proibida a reprodução total ou parcial. Os infratores serão processados na forma da lei. O autor permitiu a divulgação de seus e-books de forma gratuita na internet. Porém a comercialização dos mesmos é terminantemente proibida. Somente a forma impressa, cedida exclusivamente à Orvalho.Com pode ser comercializada!

O AGIR INVISÍVEL DE DEUS

1999 - *Direitos Reservados* - Luciano Subirá

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

3ª. edição - 2004

Diagramação: Luciano Subirá

Capa: Julio Carvalho

Revisão: Mirtes Diotalevi

Todos os textos citados, salvo menção em contrário, são da versão Atualizada de Almeida (Sociedade Bíblica do Brasil)

Abreviações das outras versões usadas:

ARC - Almeida, Revista e Corrigida (SBB)

TB - Tradução Brasileira (SBB)

NVI - Nova Versão Internacional (Ed.Vida)

Categoria: *Vida Cristã*

Aos amigos

*Arie & Louise Ros,
Sanderson & Mirtes Diotalevi e
Robert & Maria Thereza Ferter*

pelo apoio e amparo durante o conflito interior que me
introduziu na compreensão destas verdades.

ÍNDICE

Prefácio.....	05
Introdução.....	06
01 – O Agir Invisível de Deus.....	10
02 – Satanás a Serviço de Deus.....	26
03 – Mais que Vencedores.....	54
04 – O Canto do Galo	82
05 – Nas Asas da Águia.....	103
06 – Os Aguilhões de Deus.....	123
07 – Os Abalos de Deus.....	140
08 – Planos de Bem e Não de Mal.....	152

PREFÁCIO

Por mais atentos que estejamos ao agir de Deus, Ele, em sua soberania ilimitada sempre nos surpreenderá em coisas que ainda não percebemos. O agir invisível de Deus só será frutífero em nossas vidas à medida que aprendemos a depender do Espírito Santo.

A Palavra de Deus diz que Jesus é o agir encarnado de Deus na Terra, e é um mistério a ser revelado, que primeiro precisamos conhecer (Cl.2:2), depois falar (Cl.4:3) e por fim manifestar: o mistério que esteve oculto desde todos os séculos e em todas as gerações e que, agora, foi manifesto aos seus santos (Cl.1:26). Em Cristo Jesus podemos fazer parte do agir invisível de Deus e manifestá-lo na Terra.

Para mim, o pastor Luciano é um homem de Deus em busca de desvendar os segredos de Deus. Fui muito abençoado com a leitura deste livro e recomendo a todos sua leitura que redundará em edificação espiritual.

Pr.Francisco Eduardo Gonçalves
Curitiba, 01 de Setembro de 1999

INTRODUÇÃO

Tenho aprendido bastante nos últimos anos acerca da estranha maneira de Deus agir e sinto-me desafiado a compartilhar isto com tantos quantos eu puder fazê-lo.

Alguns debaterão o que digo simplesmente porque são intransigentes; outros porque ainda não conheceram a dor de circunstâncias aparentemente sem explicação e com cara de “*abandono de Deus*”; mas sei que muitos leitores receberão estas verdades como um bálsamo divino. E oro para que sejam um instrumento de restauração e edificação em sua vida, pois quero que as vítimas da injustiça de alguns cristãos (que criam explicações simplistas e falam daquilo que não entendem e não viveram), possam ter alento.

O que compartilho neste livro não é, necessariamente, a resposta para cada circunstância adversa; há momentos em que algo ruim ocorre como consequência de nossos próprios erros. Mas, a perspectiva do agir invisível de Deus, além de poder ser a resposta *para muitas destas circunstâncias*, é também uma tentativa de mostrar que nosso atual universo de raciocínios e explicações dos fatos da vida cristã está longe de ser completo; é limitado, pobre, cego, e deve nos lembrar de

que carecemos buscar em Deus mais revelação de sua Palavra.

Vivemos dias em que a fé evangélica tem crescido e se espalhado grandemente. Graças a Deus por isto! Mas temos que reconhecer que este crescimento numérico tem se dado numa velocidade e intensidade muito maior do que a capacidade da Igreja de fazer crescer *em maturidade*. O próprio crescimento gera inúmeros problemas. Um deles é que muitas igrejas, na busca de abrir tantas novas frentes de trabalho para acolher os novos convertidos, tem formado uma nova geração de ministros às pressas. Não com um embasamento forte na Palavra, mas com o estritamente necessário para atender a demanda. E isto tem trazido ao arraial do povo de Deus um evangelho diluído, simplista. Há uma diferença entre o evangelho simples, que toca o homem diretamente nas suas necessidades e que dispensa qualquer intelectualismo, de um evangelho simplista que tenta dar respostas diferentes da Bíblia, e que ao tentar simplificar as questões esquece-se que está lidando com gente que pensa, que tem sentimentos. E assim estamos edificando uma geração confusa, machucada, cheia de dúvidas e até descrente - embora para se fugir do inferno as pessoas aprendam a conviver e até mesmo conformar-se com todas estas coisas.

Algo precisa sacudir-nos de nossa prepotência de acharmos que podemos entender Deus e sua forma de agir e ditar sempre e até antecipadamente como serão as coisas. Se algo acontece com alguém, sabemos porquê aconteceu; se deixa de acontecer sabemos exatamente porquê não aconteceu; temos respostas para tudo!

Eu não posso negar que o reino espiritual é regido por princípios, e que sempre tais princípios serão

imutáveis; mas há uma grande diferença entre vê-los funcionando e discerni-los! Por exemplo, se alguém peca contra Deus, vai colher as conseqüências, que variam em função do comportamento da pessoa, se ela se arrepende ou não. Davi pecou adulterando e matando um amigo, foi perdoado por Deus (o que remove a mancha da culpa) mas colheu as conseqüências que lhe foram anunciadas pelo profeta Natã. Em uma outra situação (na carta à igreja em Tiatira) vemos Jesus repreendendo o pecado de uma mulher chamada Jezabel, e dizendo que no caso dela não se arrepender, seria julgada e prostrada de cama, num leito de enfermidade.

O pecado sempre tem conseqüências. Se me arrependo sou perdoado mas, ainda assim, colho as conseqüências. No caso de não me arrepender serei julgado. São situações diferentes, mas sempre haverá conseqüência. Pelo pecado de alguém podemos saber que haverá conseqüências e até prevenir a pessoa disto, mas o que não posso aceitar é a *análise inversa*. Pelas circunstâncias que alguém está vivendo, tentar dizer se ela está ou não em pecado. É um campo onde não podemos entrar, além de que não cabe a nós julgar!

A Igreja do Senhor tem falhado muito nesta matéria nestes dias... São respostas simplistas para tudo. Se alguém não recebeu a resposta à sua oração, é falta de fé. Se algo negativo aconteceu foi o diabo e é porque houve brecha espiritual. Se as coisas não estão bem é porque a pessoa está em pecado. E assim por diante. Muitas vezes o que está acontecendo pode ser uma destas coisas, mas não quer dizer que seja sempre só isto!

Não podemos nos considerar doutores em psicologia

divina. Alguns são assim, parece que conseguem até mesmo se antecipar ao que Deus vai fazer. Neste caso Ele fará assim, no outro fará assado... mas os caminhos de Deus são mais altos que os nossos e seus pensamentos também! Paulo declarou aos coríntios: “*Se alguém julga saber alguma coisa, com efeito não aprendeu ainda como convém saber*” (I Co.8:2). Ninguém pode agir como um “sabe-tudo” em relação às coisas de Deus, principalmente em relação ao seu agir personalizado na vida de seus filhos.

Voltemos a confiar na soberania de Deus e a aceitar que nem sempre teremos as respostas, mas sempre poderemos caminhar na certeza de que Ele tem o melhor para nós, quer o entendamos, quer não.

1

O AGIR INVISÍVEL DE DEUS

Nossa reflexão bíblica começa com um texto escrito pelo homem que foi considerado o mais sábio em toda história da humanidade: Salomão. Não penso ser coincidência que Deus o tenha escolhido para escrever acerca disto; na verdade não acredito em coincidência; a definição dela que aprendi com outros irmãos em Cristo é que *coincidência é a obra divina onde Deus não reclama a autoria*. O fato é que o rei Salomão era a pessoa mais indicada para nos dar a pista de que o agir de Deus nem sempre é visto e compreendido pelo homem, não importando quão sábio ele seja. Observe:

“Assim como tu não sabes qual o caminho do vento, nem como se formam os ossos no ventre da mulher grávida, assim também não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas.”

Eclesiastes 11:5

Três coisas são mencionadas como algo que “não sabemos”: o caminho do vento, a formação dos ossos de uma criança ainda no ventre materno, e o agir de Deus.

Na verdade, com a expressão “*não sabes*”, entendemos que o escritor falava de coisas que “*não vemos*”. Podemos saber o caminho do vento através do balançar das folhas de uma árvore, pelas evidências de que ele sopra, mas nunca por ser visível aos nossos olhos. O caminho do vento em si é algo oculto à nossa visão, ocorre fora do alcance da vista dos olhos.

Semelhantemente, a formação óssea de um bebê ocorre fora da vista dos nossos olhos; não podemos ver como ela se dá. Creio que a expressão “*não sabes*” que o rei sábio usou estava apontando para “*o que não vemos*”, senão nem contemporânea seria esta afirmação, pois hoje a ciência tem trazido uma perfeita explicação da formação óssea do feto; podemos “saber”, mas continuamos impedidos de *ver*. Lembro-me que durante a gravidez de nossos dois filhos minha esposa e eu fizemos algumas ecografias e pudemos ver a formação física do Israel e da Lissa mesmo antes deles nascerem. Contudo, mesmo com todos estes recursos da ciência moderna, a formação óssea do feto – e não falo da certeza que isto ocorre e nem de como ocorre, mas sim do *processo* – encontra-se fora da vista de nossos olhos. É algo semelhante ao caminho do vento. Sabemos que ocorre e até temos evidências disto, mas é oculto aos nossos olhos; o que nos leva a defini-lo como *invisível*.

Com o agir de Deus não é diferente. O texto bíblico diz que *Deus age em todas as coisas*. Depois o versículo nos deixa claro que as duas menções anteriores de coisas ocultas aos nossos olhos, eram apenas um paralelo que ilustra o agir divino. Deus age sempre e em todas as coisas, porém, nem sempre este agir será visível aos nossos olhos,

pois o que o caracteriza é esta sua definição bíblica de que é *invisível*.

Em nossos dias tenho visto o prejuízo da falta de conhecimento deste princípio e também da falta de temor de Deus. Como pastor ouço pessoas dizendo coisas absurdas com: “Ah, eu já coloquei Deus na parede; se em tanto tempo Ele não me atender, eu...”. Dá vontade de dizer para alguns: - “Você o quê? Que ameaça é esta? Se Ele não fizer o que você quer, você faz o quê? Dá as costas para o Senhor e vai para o inferno? Quais são suas opções?”

É incrível a falta de respeito com a qual muitos se dirigem a Deus. Os papéis andam trocados. Pelo comportamento destas pessoas parece até que Deus já não é mais Senhor, mas simplesmente um secretário. Está errado; quem está na condição de servo somos nós e não Ele!

Há o ensino bíblico da fé, e eu creio nele, pois afinal de contas o que é bíblico é o conselho de Deus e ponto final. Creio no que Jesus ensinou sobre *falar à montanha*; creio em *dar ordens* aos problemas e obstáculos para que se movam de nossas vidas e sejam lançados no mar. Contudo, é um absurdo confundir as coisas e achar que podemos dar ordens para Deus! Ninguém dá ordens a Deus. Diante dele todos devem se calar. Ele é soberano. Ele é santo. Ele é Deus. Ele é todo suficiente. Faz o que quer, como quer, quando quer. A Igreja precisa reaprender isto!

Sei que há promessas e princípios bíblicos que já são uma revelação da vontade divina, e que em situações onde eles podem ser indiscutivelmente aplicados, não precisamos orar para descobrir qual é a vontade do Senhor e o quê Ele quer fazer. Mas mesmo quando já sabemos o quê Ele quer fazer, nem sempre poderemos entender como

Ele vai fazer o que quer, ou mesmo quando isto se dará.

A forma de agir de Deus nunca foi e nunca será previsível. O homem não pode compreender o agir de Deus com sua mente e raciocínio, pois a operação de Deus está muito acima do nosso entendimento.

Quando Salomão mencionou *o agir invisível de Deus*, não disse que o Senhor deixa de agir nas circunstâncias onde pareça ausente, mas sim que nós não podemos ver sua operação. Não se trata de Deus deixar de agir, mas sim de fazê-lo de tal forma que nós não o vemos em ação.

Em lugar algum da Bíblia nos é apresentada uma ação divina padronizada. Não vemos o Senhor lidando com as pessoas por atacado, seu agir em nossas vidas é pessoal. Cada pessoa e cada situação é tratada por Deus com carinho e criatividade. Há um agir personalizado e isto é inegável. Mesmo nas guerras e batalhas (acontecimentos muito comuns e repetidos nas páginas do Velho Testamento), nunca vemos duas intervenções divinas que sejam iguais. Para cada situação houve uma intervenção diferente, embora os resultados finais fossem similares. O que concluímos é que mesmo quando a vontade expressa de Deus era livrar seu povo das mãos do inimigo, a forma como Ele faria era sempre um mistério. Ou seja, mesmo quando sabemos *o quê* Ele quer fazer, não podemos saber *como* irá fazê-lo.

O que necessitamos então, é parar de achar que Deus nos deva satisfação do seu agir. Ele age sempre e em todas as coisas (circunstâncias). A parte que nos cabe é crer e esperar sua manifestação, e não exigir que o Senhor mostre qual a forma de operar que foi adotada. Há muita gente cobrando de Deus uma *explicação* para o que eles não

entendem. Só que o Pai nunca prometeu que daria explicação de como Ele estaria operando. As únicas coisas das quais Ele falou foi que podíamos ter como certo é que Ele agiria, e enquanto Ele trabalhasse de forma invisível aos nossos olhos, que nós crêssemos.

Um exercício contínuo de fé

Aliás, quero chamar sua atenção para a importância do fator confiança. Deus espera que nosso coração repouse Nele em todo o tempo e circunstância, e aceitar um agir invisível aos nossos olhos é um belo treinamento para a nossa fé! Talvez esta seja uma das razões porque o Senhor tenha escolhido agir assim: exercitar continuamente nossa fé. E a definição bíblica de fé é esta:

“Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem.”

Hebreus 11:1

Crer no agir de Deus é ter a convicção de algo que não se vê. Nosso irmão Paulo disse aos coríntios que *“andamos por fé e não por vista” (II Co.5:7)*. A lição que o Senhor Jesus deu a Tomé após sua ressurreição é mais um atestado disto. A fé nunca se baseia no que vê, mas na certeza de que o que Deus prometeu é um fato e terá seu cumprimento. Ora, estas coisas se aprendem logo no início da caminhada cristã e não são difíceis de aceitar; tampouco geram discussões entre o povo de Deus, pois são indiscutíveis. Mas na hora em que alguém está em aperto e não consegue ver Deus agindo (pois Seu agir é oculto aos

nossos olhos), esta pessoa se esquece rapidamente disto!

Ninguém tem o direito de exigir do Senhor satisfação sobre sua maneira de agir. Primeiro, porque Ele é Senhor e não está em posição de ser questionado. Segundo, porque Ele nunca prometeu que alguém veria sua forma de agir; pelo contrário, ensina-nos em sua Palavra que seu agir é invisível aos nossos olhos e que nossa caminhada deve ser por fé e não por vista. Ou seja, não devemos esperar ver, mas somente crer na fidelidade Daqule que prometeu agir em todas as coisas. Concluindo, Ele não tem nenhum compromisso de ter que explicar como está agindo, embora nós tenhamos a responsabilidade de permanecer em fé mesmo sem que haja evidência visível da operação de Deus.

Desde o início do relacionamento de Deus com os homens, vemos esta dificuldade humana de crer no invisível e a insistência divina de que deve ser assim. Quando Deus se manifestou de uma forma tão intensa a todo povo de Israel que saíra do Egito, absteve-se de aparecer em alguma *forma* para que não tentassem imitá-la depois na forma de ídolo:

“Então, o Senhor vos falou do meio do fogo; a voz das palavras ouvistes; porém, além da voz, não vistes aparência nenhuma.

Guardai, pois, cuidadosamente, a vossa alma, pois aparência nenhuma vistes no dia em que o Senhor, vosso Deus, vos falou em Horebe, no meio do fogo; para que não vos corrompais e vos façais alguma imagem esculpida na forma de ídolo, semelhança de homem ou de mulher, semelhança de algum animal que há na terra, semelhança de algum volátil que voa pelos céus, semelhança de algum animal que rasteja sobre a terra, semelhança de algum

peixe que há nas águas debaixo da terra.”

Deuteronômio 4:12, 15-18

O que este episódio retrata é a dificuldade que todo ser humano tem de confiar naquilo que não vê. O Senhor escolheu esta dimensão de relacionamento baseada na fé e confiança. E cada vez que Ele age sem que nossos olhos vejam ou nossa mente compreenda, está proporcionando-nos um exercício de fé. Na verdade, como Ele age sempre assim, proporciona-nos um exercício *contínuo* de fé!

O homem tem dificuldade de aceitar isto; vive tentando criar atalhos e se dá mal, pois quando entra num caminho que Deus não abriu, acaba indo cada vez para mais longe d’Ele. A idolatria em todo o mundo é prova disto; cada povo e cultura, em todos os períodos da história tem conhecido a fabricação de ídolos. É um meio de tornar a fé visível e palpável; acham mais fácil crer no que se vê (ainda que seja um pedaço de pau ou de gesso) do que naquilo que é invisível. Mas Deus tem se revelado assim e quem quer relacionar-se com Ele tem que se submeter a isto. E cada vez que nós, cristãos, murmuramos por não termos evidências aos nossos olhos para o agir de Deus, estamos incorrendo no mesmo erro dos idólatras! Parece mais ameno, mas a premissa é a mesma e se não cuidarmos, entristeceremos ao Senhor e nos afastaremos dele.

O não saber como Deus agirá não é, em momento algum, uma incerteza quanto ao fato de se Ele vai agir ou não; é somente a expectativa de como Ele nos surpreenderá com os caminhos que escolheu ao intervir em cada nova circunstância de nossa vida.

Devemos depender inteiramente do Senhor e

aprender a exercitar continuamente nossa fé. Nos dias do ministério terreno de Jesus houve pessoas a quem Ele criticou por sua pequena fé e houve algumas a quem Ele elogiou por sua grande fé. Mas houve uma pessoa, da qual Cristo disse não ter achado fé semelhante a dele em todo Israel. Era um centurião romano. Em Mateus 8:5-13 podemos ler sobre o pedido dele para que Jesus curasse um criado seu, e no momento em que Cristo se dispõe a ir a sua casa, este homem reconhece que isto nem era preciso e diz que se Jesus dissesse apenas uma palavra seria suficiente para que o milagre acontecesse, pois quando alguém está investido de autoridade suas ordens tem que ser obedecidas. Este centurião não quis nenhuma evidência visível; sua fé estava apoiada *na Palavra de Cristo* e isto bastava. Jesus disse que este foi o mais alto nível de fé que Ele encontrou. É neste nível que devemos nos sentir desafiados a nos mover quanto às coisas do Senhor!

Não devemos e não podemos agir tentando nos apoiar naquilo que é visível, mas crer e depender inteiramente do que Deus tem dito em sua Palavra. E, à medida em que procedemos assim, exercitamos nossa fé. De fato, confiar em Deus sem depender de um testemunho visível é um exercício de fé. E repito: como Deus age sempre assim, então, o que teremos será um *exercício contínuo de fé!*

Pensamentos mais altos

Nossos olhos não alcançam a esfera da operação de Deus porque ela está num plano superior. Uma outra razão bíblica - além do exercício da fé - que encontramos para o fato de o Senhor agir num plano invisível aos nossos olhos,

é que seus pensamentos são mais elevados que os nossos. A mente de Deus é infinitamente maior que a nossa e sua sabedoria é tão gigantesca que não há como dimensioná-la. Esperar que Ele aja de forma que nós entendamos é limitar e rebaixar grotescamente seu agir. A maneira de nosso Senhor agir transcende o limite humano de compreensão. Quando as Escrituras falam dos caminhos de Deus mais altos que os nossos, relaciona este fato com o de seus pensamentos também serem mais altos que os nossos:

“Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos.”

Isaías 55:8,9

Podemos afirmar com toda certeza que o fato de Deus agir por caminhos mais altos - e isto deriva-se do fato de que seus pensamentos também são mais altos - deve-se à sua infinita capacidade de gerenciar todas as coisas. Quando pensamos na resposta para o nosso problema nossa mente limitada e egoísta só pensa no problema; mas quando Deus pensa na resposta para o nosso problema, vai além, muito além...

Ele consegue propor respostas que não se limitem só ao momento e conseqüência, mas que toquem *a causa* do problema e tenham também o poder de *continuar agindo* em nós quando o que considerávamos problema já não estiver mais presente. Também podemos sugerir que além de nos

tocar isoladamente, Ele ainda pode estar propondo soluções que não envolvam somente a nós, mas também outras pessoas. Deus pode ainda estar tocando não só uma área problemática, mas toda uma rede de outros problemas interligados ao que nos incomodava mais. Ou tocar valores e escolhas erradas que permitiram a entrada e instalação do tal problema. E mais, muito mais!

Nossa mente pode fazer uma grande e abrangente lista, mas não interessa o quão longe nossa perspicácia e raciocínio possam nos levar, jamais chegaremos perto da forma de pensar de Deus que é muito mais elevada.

A sabedoria de Deus nos é apresentada na Bíblia como tendo muitas formas. Em Efésios ela é denominada como multiforme sabedoria. Isto fala de uma sabedoria que não é limitada, mas que se abre num leque infinito de dimensões da operação divina. Esta ilimitada sabedoria pluraliza a resposta de Deus para cada problema ou obstáculo que o ser humano enfrenta em vez de tocar de forma direta numa única questão, Deus tem o poder de trazer várias intervenções nas situações em que jamais enxergaríamos a necessidade delas.

Considere também que o Senhor conhece o futuro, coisa que homem algum e nem mesmo o diabo tem capacidade de conhecer; portanto a ação de Deus não está voltada somente ao já e ao agora, mas ela se estende para o futuro e sempre priorizará o nosso melhor sob uma visão global, mais abrangente do que jamais nossa mente poderá alcançar. A atuação de Deus é integrada e sinérgica.

Para o ser humano, o desvendar de mistérios parece ser algo de suma importância. Deus, por outro lado, parece fazer questão de ocultar algumas coisas, especialmente

aquilo que diz respeito à sua ação em nossas vidas. Salomão foi um homem sábio e inquiridor, mas enxergou em Deus esta característica e a mencionou não apenas no livro de Eclesiastes, mas também no de Provérbios:

“A glória de Deus é encobrir as coisas, mas a glória dos reis é esquadrinhá-las.”

Provérbios 25:2

Esquadrinhar não é coisa somente dos reis, mas de todo ser humano; só que no caso dos reis da antiguidade, quanto mais conhecedores dos mistérios eles eram, mais respeito ganhavam do povo. Mas esquadrinhar é algo que está ligado ao homem de forma geral; todos queremos entender bem e saber explicar as coisas, e diante disto, esta forma de Deus operar parece ser inaceitável à nossa própria carne. Gera lutas, mas precisamos aprender a superá-las e descansar em fé no Senhor.

Parece que quanto *mais* tentamos entender o agir de Deus, *menos* conseguimos enxergá-lo. Temos um acontecimento bíblico que exemplifica isto. É o episódio da aparição de Jesus aos dois discípulos no caminho de Emaús.

Este texto mostra que temos a tendência de traçar nossos próprios planos para o agir de Deus. É como se, inconscientemente, estivéssemos dizendo a Deus como Ele deveria agir. Nos fixamos tanto em esperar que Ele aja de determinada maneira que, ao agir diferente do que esperávamos, não o conseguimos ver. Precisamos aprender a esperar pelo agir de Deus sem nos prendermos ao modo como Ele agirá.

Esperávamos que fosse

Este episódio se deu após a morte e ressurreição de Jesus, quando dois discípulos caminhavam tristes para Emaús, não sabendo que Cristo havia ressuscitado, e o próprio Jesus aparece a eles, mas não puderam reconhecê-lo, pois seus olhos estavam fechados:

“Naquele mesmo dia, dois deles estavam de caminho para uma aldeia chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios. E iam conversando a respeito de todas as coisas sucedidas.

Aconteceu que, enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e ia com eles.

Os seus olhos, porém, estavam como que impedidos de o reconhecer.”

Lucas 24:13-16

Repare que o texto diz que os olhos deles estavam impedidos de reconhecê-lo. Não sei se você já parou para pensar porque estavam impedidos, mas eu já. Durante muito tempo eu achei que Jesus não quis que eles o reconhecessem, ou que Ele talvez estivesse diferente depois da ressurreição, mas o fato é que não ocorreu nem uma coisa e nem outra.

Diferente Jesus não estava, pois quando aparece ao restante dos discípulos Ele mostra até mesmo as cicatrizes da ferida que lhe fizeram ao lado como também as dos cravos nas mãos e nos pés; o corpo ressuscitado era o mesmo em sua aparência.

A continuação do texto nos mostra porque eles não podiam ver que era Jesus:

“Então, lhes perguntou Jesus: Que é isso que vos preocupa e de que ides tratando à medida que caminhais? E eles pararam entristecidos.

Um, porém, chamado Cleopas, respondeu, dizendo: És o único, porventura, que, tendo estado em Jerusalém, ignoras as ocorrências destes últimos dias?

Ele lhes perguntou: Quais? E explicaram: O que aconteceu a Jesus, o Nazareno, que era varão profeta, poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo, e como os principais sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram.

Ora, nós esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel; mas, depois de tudo isto, é já este o terceiro dia desde que tais coisas sucederam.”

Lucas 24:17-21

Os dois discípulos estavam tristes e abatidos e Cristo se faz de alheio e lhes pergunta porque estavam com o semblante daquele jeito; na resposta que dão, percebemos que eles tinham uma expectativa com relação a Jesus e que a crucificação tinha arrebetado com ela! Os judeus em geral esperavam um Messias que se manifestaria como um general de guerra e que os livraria do domínio dos romanos para estabelecer seu próprio reino. É por isso que Tiago e João pediram, numa certa ocasião, que quando Cristo se assentasse no trono de sua glória, que eles pudessem assentar-se um à direita e outro à esquerda d’Ele; imaginavam um reino físico e, ao lado do rei, queriam ser ministros da fazenda e do planeamento!

Cleopas e seu companheiro demonstram claramente

sua frustração ao concluírem com estas palavras: *“esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel; mas, depois de tudo isto, é já este o terceiro dia desde que tais coisas sucederam”*.

O que eles estavam dizendo?

Que achavam que através dele viria a redenção (física) de Israel, mas já fazia três dias que ele havia sido morto; ou seja, esperavam que fosse ele, mas não foi... Era mais ou menos isto que eles davam a entender.

A expressão *“esperávamos que fosse”* é a chave aqui. Eles tinham uma expectativa de como Deus iria agir, mas Deus agiu diferente do que eles esperavam. Enquanto esperavam um reino físico só para Israel, Jesus estava cuidando da redenção dos pecados de toda a humanidade e estabelecendo o aspecto espiritual do reino. Em seu retorno a esta terra Ele virá estabelecer o aspecto físico do reino, mas a primeira vinda não envolvia este aspecto. Só que os discípulos estavam tão fixados nesta idéia que não conseguiam ver Deus agindo de outra forma! Achavam que a morte de Jesus na cruz tinha sido uma derrota e não conseguiam imaginar Deus no controle dela; e porque só esperavam o agir de Deus de uma única maneira, não podiam ver o que Deus estava fazendo de modo diferente do que haviam pensado.

Assim também é conosco. Fantasiamos tanto o agir de Deus, criamos as hipóteses de como faríamos se nós fôssemos Deus; fazemos nossos planos, fixamo-nos em nossas idéias, e quando o Senhor acaba agindo de modo diferente não conseguimos vê-lo em ação!

Quero desafiá-lo a parar de tentar ensinar Deus como fazer as coisas quando você ora por algo. E mesmo quando

você não o faz verbalmente, acaba fazendo com os pensamentos. E por se fixar tanto na espera de uma única forma de atuação divina, seus olhos não reconhecem quando Deus está operando na sua vida.

Muitas vezes não podemos ver o agir de Deus porque realmente Deus o ocultou, mas há momentos em que nós nos excluímos da possibilidade de ver por ficarmos presos ao que esperávamos d'Ele. Foi só depois que Jesus lhes explicou biblicamente o que devia acontecer com o Cristo, e demonstrou pela sua conhecida forma de partir o pão que era Ele falando com eles, que os olhos deles se abriram! Pois agora já não mais esperavam o general de guerra, mas o Cristo crucificado e ressurreto; e quando começaram a esperar que Deus agisse exatamente como estava agindo, já não havia mais o que os impedisse de ver.

Eu senti o mesmo que estes dois discípulos sentiram. Nunca esperei que Deus pudesse agir em circunstâncias aparentemente negativas; portanto, nos momentos em que Ele estava agindo em minha vida de forma diferente da qual eu esperava, não podia ver que era Ele. Uma espécie de cegueira espiritual estava sobre os meus olhos e não permitia que eu reconhecesse Deus comigo. Eram os conceitos errados e fantasiosos que eu mesmo criara de como deveria ser a ação de Deus naquele momento. Mas assim que o Senhor começou a me fazer entender a Palavra, e que havia maneiras diferentes d'Ele agir, meus olhos se abriram e pude reconhecê-lo comigo nas horas em que não parecia que Ele estivesse. E foi exatamente assim que se deu com os discípulos:

“E aconteceu que, quando estavam à mesa,

tomando ele o pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu; então, se lhes abriram os olhos, e o reconheceram; mas ele desapareceu da presença deles.

Lucas 24:30,31

Em nossa ânsia de querer compreender tudo de forma racional, esta forma de agir de Deus não parece ser algo assim tão bom. Contudo, à medida em que trazemos mais luz da Palavra sobre esta forma divina de trabalho, percebemos quão linda e inspiradora ela é!

O que inicialmente quero estabelecer, não explicar, é que isto é um princípio. O agir de Deus é invisível, e está fora do alcance da nossa vista. E isto se deve a várias razões. Mencionamos a necessidade de um andar pela fé. Falamos sobre os pensamentos de Deus serem mais altos e que não podemos compreender sua multiforme sabedoria e a pluralidade das respostas que Ele traz numa única circunstância. E falamos, também, que muitas vezes somos tão limitados pela nossa maneira de pensar, em como Deus deveria agir, que quando Ele trabalha de modo diferente não conseguimos vê-lo. Mas em tudo isto o que mais quero destacar é a enorme e indizível diferença que há entre a nossa forma de pensar e a de Deus em sua multiforme e infinita sabedoria.

Só que esta vantagem divina de pensamentos mais altos não é só sobre o homem mas, também, sobre Satanás e seus demônios...

2

SATANÁS A SERVIÇO DE DEUS

Chovia na maior parte do percurso enquanto seguíamos pela Br-116 rumo a Curitiba. Embora o apelido da estrada fosse “Rodovia da Morte”, ela não nos amedrontava, talvez porque já havíamos feito várias vezes o trajeto de São Paulo até a capital paranaense e vice-versa; e também pelo fato de confiarmos na proteção de Deus.

A viagem seguia tranqüila e sem excessos e, como de costume, gastávamos a maior parte do tempo em oração. Foi assim até a divisa de Estados e outros quatro quilômetros e meio depois. Então, aconteceu o que marcaria para sempre minha vida, não pelas implicações naturais do ocorrido, mas pelo que Deus viria a me mostrar e ensinar, bem como pela nova direção que tomaria a minha vida.

Estávamos em dois no carro, Harold McLaryea e eu. A equipe ministerial contava com mais um integrante nas viagens, o Robert Ros, que tinha viajado antes de nós. Nós estávamos mudando a base de nosso ministério de Campinas para Curitiba e nesta viagem carregávamos tudo o que coubera no carro, uma Parati. O banco traseiro estava deitado e o carro estava cheio até o teto, além de malas

sob nossas pernas que repousavam no chão do automóvel. A soberania divina fez com que a falta de espaço poupasse o Robert do acidente e o levou tranqüilo à capital paranaense num ônibus da Viação Cometa.

Foi no dia 23 de Agosto de 1993, uma segunda feira. Não tenho muitos detalhes em minha memória, que apagou quase completamente o ocorrido e que teima em permanecer “esquecida”. Mas somei os relatos das pessoas que se envolveram e consegui informações suficientes para entender o que aconteceu.

Os pneus já estavam bem gastos e o carro não tinha seguro. Disto, o único culpado era eu mesmo, embora durante vários meses quisesse transferir a responsabilidade para Deus. Quase cinco quilômetros depois de termos entrado no Paraná, ultrapassei um caminhão, e isto fez com que eu elevasse a velocidade do carro a um pouco mais do que a que vínhamos mantendo, cerca de cem quilômetros por hora. O caminhão não queria perder seu embalo e eu forcei um pouco a ultrapassagem, o que me fez terminá-la quando havíamos entrado numa ponte e voltar para minha pista um pouco antes de um outro caminhão que vinha no sentido contrário cruzar conosco.

Foi o tempo de voltar e andar uns duzentos metros apenas, então uma aqüiplanagem aconteceu. Chovera toda a tarde, e nesta hora, umas cinco e meia da tarde, caía uma garoa fina, mas a pista ainda tinha muita água. Não sei o tamanho da poça d’água, só me lembro do carro ter perdido a direção e saído da pista para a esquerda. Não colidimos com ninguém, a coisa ocorreu só conosco, e nos levou direto para um enorme barranco com degraus com mais ou menos uns quarenta a cinqüenta metros de desnível.

Ainda me lembro da hora em que o carro saiu da pista e o Harold clamou pelo nome de Jesus. De repente o carro voou barranco abaixo e depois do primeiro impacto deu-se um verdadeiro tobogã, que se responsabilizou por fazer com que tudo o que estava no carro fosse jogado fora, exceto o motorista e o passageiro, presos ao cinto de segurança.

Fomos parar a uns setenta metros da rodovia. Bati várias vezes a cabeça, o que me fez perder a consciência. O caminhoneiro que eu havia ultrapassado assistiu a cena e parou para prestar socorro; Harold e ele me levaram barranco acima e logo um carro parou, levando-nos até o posto da polícia rodoviária mais próximo; e eles, por sua vez nos levaram até o hospital em Campina Grande do Sul, próximo a Curitiba.

Tive traumatismo craniano, levei uns trinta pontos no rosto e na cabeça, e devido à uma fratura mais séria na mão esquerda, precisei fazer uma cirurgia e colocar dois pinos de platina. Por causa da intensidade das pancadas na cabeça precisei passar dois dias em observação na U.T.I. Já o Harold saiu ileso e sem nenhum arranhão.

Já no hospital descobri que havia perdido tudo. O carro dera perda total. Nossas malas foram roubadas. Quanto ao resto da mudança, o que não se estragou na queda e no barro, também foi roubado.

Mas a dor não era tanto a da perda, mas a de um sentimento estranho que começou a brotar em minha alma. Era um misto de abandono com rejeição; algo contra o qual eu lutava, mas que aos poucos parecia me engolir.

Por que Deus havia permitido aquilo?

E as orações que lhe havíamos feito?

E suas promessas de proteção e cuidado?

Entrei em crise. Os irmãos me visitavam e tentavam me animar mostrando que o Senhor guardara nossas vidas. Afinal eu lhes havia contado que o médico me mostrou o resultado da tomografia que acusava dificuldade de distinguir massa branca e cinzenta e lesões nas partes moles do cérebro; isto em si não era assim tão complicado, mas indicava a intensidade do trauma; só que o médico havia me dito que considerando que este trauma aconteceu na fonte, a parte mais sensível da cabeça, eu poderia até mesmo ter morrido. Havia ainda a questão do meu olho; minha pálpebra esquerda foi restaurada no centro cirúrgico pois havia se rasgado até um pouco mais da metade, e os médicos ali disseram que meu globo ocular (e conseqüentemente minha visão) foi poupado de forma milagrosa.

Vendo-me abatido, os irmãos em Cristo tentavam me mostrar o lado da intervenção de Deus. Só que algo dentro de mim doía muito; eu não ousava dizer, mas pensava comigo mesmo que, intervenção milagrosa por intervenção milagrosa, não teria sido mais fácil o Senhor colocar meu carro de volta na pista na hora em que desgovernamos?

Por que Ele havia nos deixado cair barranco abaixo para então resolver proteger?

Onde Ele estava à hora em que precisei dele?

Se eu dera minha vida ao ministério e à obra do Senhor, cuidando das coisas d'Ele, por que Ele não cuidara de mim e das minhas coisas?

Pensava como um insensato e sabia disto. Não tinha coragem de dizer aquelas coisas, mas não conseguia parar

de pensar. E uma dor profunda me atravessava o peito, querendo me convencer de que Deus havia me abandonado na hora em que eu mais precisei dele. Para minha razão não havia a menor sombra de dúvida de que o Senhor é justo e fiel, mesmo quando as circunstâncias insistem em fazer parecer que não; mas eu não conseguia convencer minhas emoções. Meus sentimentos diziam outra coisa e uma verdadeira batalha interior começou, vindo a durar muitos meses. Em alguns momentos eu achava que era muito drama interior para um rapaz de vinte anos e que eu podia estar aumentando as coisas, mas não havia meios de me convencer e aplacar o sentimento.

Eu pregava desde os dezoito anos e já fazia dois anos que viajávamos por várias cidades e estados, levando o mover do Espírito a muitas igrejas. Tive o privilégio de ver muitos milagres e intervenções poderosas de cura; o sobrenatural era freqüente nas reuniões; e ainda havia a ênfase de uma vida vitoriosa que sempre dávamos, e na verdade, era isto o que mais me incomodava, pois eu me sentia como que se tivesse sido golpeado pelo inimigo. Aquele acidente não tinha nada a ver com a vida vitoriosa que eu acreditava. E ele derrubou os castelos espirituais que eu havia construído com um pouco de fantasia.

Na época, tínhamos uma agenda de viagens bem cheia para o ano todo e foi necessário dar uma parada, pelo menos para a minha recuperação. E de repente os planos mudaram. Na verdade não apenas mudaram, mas acabaram-se de vez! E comecei a deixar as coisas rolares e pedir que Deus estivesse no controle...

Foi neste período que acabei indo para Guarapuava, no Paraná. Estivemos várias vezes na cidade, pregando

numa igreja denominacional que foi fortemente impactada pelo mover do Espírito. Depois, o pastor teve problemas para permanecer na denominação e começou um novo trabalho, mas não ficou muito tempo. Uns quatro meses após ter iniciado o trabalho, acabou indo para outra cidade. Como o único contato que aquele grupo de irmãos tinha como nova igreja era conosco e com os pastores da Comunidade Cristã de Curitiba (onde congregávamos), pediram-nos ajuda.

Comecei a estender auxílio ao trabalho, embora com a intenção de não ficar em definitivo, pois não me considerava pastor, somente um ministério itinerante de apoio. Mas Deus falou ao meu coração e ao do grupo, e decidi investir pelo menos um tempo no trabalho local. Inicialmente pedi reforço ao Luís Gomes, amigo e companheiro de muitas viagens, que na época não compunha nossa equipe, mas desempenhava seu próprio ministério. Alguns meses depois, Harold e Dorilene McLaryea, ainda recém-casados, se uniam conosco na missão de pastorear a Comunidade Cristã de Guarapuava, hoje chamada Comunidade Vida. Que viravolta! Eu sempre havia declarado a muitos irmãos e amigos que a última coisa que eu queria neste mundo era ser um pastor. E de repente ali estava eu! Não sei o que pensei ao certo, mas sei que não tinha planos de ficar muito tempo. Mas tenho aprendido que *“O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do Senhor.”* (Pv.16:1).

Passei muitas crises interiores com o acidente, mas cansei de brigar com Deus e não ter resposta e acabei desistindo de insistir e engolindo minhas interrogações até quando agüentasse. Um ano e três meses depois do

acidente, e com quase um ano em Guarapuava, fomos ordenados e reconhecidos como presbitério local; nossos pastores vieram de Curitiba e procederam como de costume, pedindo-nos que nos preparássemos para uma ministração profética que ocorreria junto com a ordenação. Nesta época eu já *desconfiava* que Deus tinha aproveitado tudo aquilo para nos levar a Guarapuava, mas tinha minhas dúvidas e o medo de estar sendo acomodado demais ao transferir toda a responsabilidade da mudança ao controle divino.

Foi então que aconteceu algo marcante para mim. Através dos pastores, Deus falou ao meu coração sobre como ele havia quebrado algumas pontes para tratar comigo e me guiar dentro de seu plano; que Ele havia me tirado daquele ministério itinerante para me fazer crescer e que a seu tempo eu seria liberado para um ministério que abençoaria toda a nação. O Senhor usou Miguel Piper, Thomas Wilkins, e Francisco Gonçalves, cada um acrescentando algo; mas não foi só o encorajamento trazido pelas palavras, houve um sentimento novo, uma testificação espiritual de que era aquilo mesmo. Um novo vigor entrou em mim! Louvado seja Deus por aquele dia tão especial, mas os detalhes do que eu precisava ouvir vieram quase um mês depois, quando o pastor Francisco Gonçalves voltou para nos visitar e ministrar. Numa conversa descontraída em casa falávamos sobre nossas experiências com anjos, eu, Luís, e ele. E acabei lhe perguntando qual fora a experiência mais recente que o Senhor lhe tinha dado. Para minha surpresa, ele respondeu que havia sido na nossa ordenação, e que a palavra profética que ele havia proferido, era, na verdade, uma visão que Deus lhe dera e

que ele havia conversado com um anjo acerca do meu ministério, e apenas transmitiu o que ouviu na conversa! Fiquei espantado e comecei a inquirição para arrancar cada detalhe do que fora aquela experiência.

Não quero parecer sensacionalista ao contar a experiência em seus detalhes. Justamente pela sua humildade, o pastor Francisco nem havia me dito o que acontecera, só dera a mensagem de Deus sem alardes. Mas naquela época eu jamais teria aceitado esta mensagem se ela não tivesse vindo desta forma.

O que o anjo revelou

Enquanto o pastor Francisco orava por mim, Deus lhe abriu os olhos espirituais e ele viu um anjo em pé ao meu lado. O mensageiro celestial se apresentou de maneira formal dizendo:

- *“Fui enviado da parte do Deus Altíssimo para te fazer saber algumas coisas acerca destes ministérios (a referência plural envolvia nós três). Você tem uma preocupação muito grande por eles, mas Deus te faz saber que eles estão nas mãos do Senhor, e que estão no lugar certo, na hora certa, fazendo a coisa certa.”*

Após esta referência ao nosso ministério plural, a palavra passou a ser especificamente sobre a minha vida. O anjo prosseguiu:

- *“Quanto a este, é um guerreiro divertido; ele não pergunta se é o tempo de Deus ou não para atravessar a ponte...”*

E então a mensagem continuou, não apenas nas palavras que ele usava, mas em visões que ilustravam o

que ele estava falando. No momento em que o anjo afirmava que eu não perguntava o tempo de Deus para atravessar uma ponte, Francisco via a cena: eu estava diante de uma ponte e afirmava:

- *“Ponte foi feita para passar”, quase como que dizendo: “Se ela está aí eu não preciso esperar nenhuma hora específica, é só seguir em frente”.*

E era isto que o pastor me via fazer na visão; passei correndo uma, duas, três, várias pontes! E ele simplesmente sabia, mesmo sem lhe ser dito, que as pontes significavam o acesso de um nível ministerial a outro; Deus comunicava-lhe isto ao espírito à medida em que a revelação vinha. Eu passava as pontes bem depressa, e uma atrás da outra! Até que o mesmo anjo foi e quebrou algumas pontes diante de mim para que eu não as atravessasse; foram mostradas três pontes específicas que ele destruiu para que eu não passasse. E então veio a explicação pela boca do mensageiro celestial:

- *“Ele estava avançando para níveis ministeriais sem que estivesse pronto, tratado, para isto. Por isto foi necessário quebrar algumas pontes, mas ele é rebelde e não aceita o tratamento de Deus. Quanto àquele acidente do ano passado, diga-lhe que Satanás tentou tirar-lhe a vida, mas diga por que Deus o permitiu, embora sem deixar que sua vida fosse tocada. Seu ministério estava crescendo muito rápido sem que ele fosse trabalhado no íntimo, e neste ritmo ele iria sucumbir debaixo do peso do próprio ministério; era uma questão de tempo. Por isso Deus o parou; mas também para trazê-lo a esta cidade e tratar com ele; e quando ele estiver pronto, o Senhor irá liberá-lo para abençoar esta nação e lhe dará um ministério de proporções ainda maiores.”*

O impacto desta mensagem foi e ainda é muito forte em minha vida. E até hoje quando conto esta experiência me emociono e ao mesmo tempo me envergonho. Eu questioneei a justiça e fidelidade de Deus muitas vezes por Ele ter permitido que aquele acidente ocorresse. Eu não falava isto, mas repetidas vezes eu pensei. E enquanto eu o julgava assim no meu coração, Ele estava cuidando de mim! O Senhor estava me protegendo de algo pior, não me abandonando naquela hora. Ele nunca nos abandona. Ele prometeu estar conosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Jamais haverá um único dia sequer em nossas vidas no qual o Senhor não esteja ao nosso lado! Nosso problema é tentar compreender o agir de Deus em vez de confiar que Ele está no controle - mesmo que de modo estranho aos nossos olhos e maneira de pensar.

Meu coração se quebrou quando entendi o que havia acontecido. Pedi perdão ao Senhor por não confiar n'Ele de todo coração e ter interiormente duvidado e murmurado contra Ele. Sei que Deus me perdoou, mas até hoje tenho vergonha do papelão que fiz. Como fui tolo, insensato! E muitos cristãos têm feito isto; ficam criticando Deus enquanto Ele os defende, protege e provê o seu melhor para eles. Somos os únicos injustos (e ingratos!) nesta história, e não Deus. Mas sei que o Espírito Santo vai lhe revelar muitas coisas sobre sua vida pessoal à medida em que você prossegue na leitura deste livro. Aconselho-o a não oferecer resistência, mas quebrantar-se diante de Deus e permitir que Ele o sare. Eu estava muito ferido e machucado por dentro devido às mentiras que o Diabo havia assoprado em minha mente, mas a compreensão do que Deus esteve fazendo fora da vista dos meus olhos sarou-

me por completo e revelou-me uma nova dimensão do amor e do cuidado d'Ele por mim. Muitas outras verdades bíblicas começariam a ser desvendadas diante dos meus olhos a partir daquela revelação.

Até então, se eu ouvisse alguém ensinar o que hoje estou ensinando, eu discordaria e possivelmente até entraria em choque. A influência que recebi do “ensino da fé”, me fez criar uma fantasia de que o crente deveria ser intocável. Recebi uma grande influência dos ensinamentos de Kenneth Hagin, Dave Roberson, e outros ensinadores da fé. E louvo a Deus por suas vidas e ministérios, pois eles têm sido instrumentos de Deus para resgatar a vida vitoriosa que há em Jesus e vivem o que pregam. Mas o Senhor começou a me mostrar que eu havia criado *uma mentalidade errada a partir de princípios corretos*. De fato Deus prometeu vitória sobre o inimigo, mas isto não queria dizer que eu nunca sofreria um acidente como o que sofri, pois foi uma vitória sobre Satanás! Como disse o anjo, se isto não tivesse acontecido e conseqüentemente me brecado, eu poderia até ter perdido o ministério; e isto sim, seria uma derrota. Mas o acidente não foi derrota, foi vitória e a forma como Deus não apenas me livrou de um ritmo perigoso, como também redirecionou o meu ministério e começou a tratar com o meu caráter e alma de forma mais profunda.

O detalhe que eu não via nestes homens de Deus é que o que eles pregavam era um alvo de vida cristã, não algo que ocorreria de forma imediata ou instantânea com ninguém, pois nem em suas vidas foi assim. Hoje, tendo passado a fase do tratamento de Deus, eles estão numa outra dimensão, e creio que Deus realmente quer que

avancemos para uma dimensão mais profunda de vida cristã, se movendo mais intensamente no sobrenatural e em grandes conquistas. Mas ninguém se iluda, pois isto não acontecerá sem o tratamento de Deus em nossa alma!

O Diabo não entende o agir de Deus

Agora quero chamar sua atenção para um outro fato: não somos os únicos a não compreender a forma divina de operar; o Diabo também não entende o agir de Deus!

Algo que o anjo deixou bem claro no diálogo com o pastor Francisco, foi que Satanás tentou me destruir naquele acidente, mas que Deus, em sua soberania, deixou o Diabo trabalhar só até certo ponto, e guardou-me a vida. Não tenho a menor sombra de dúvida de que o plano maligno era parar um ministério que estava incomodando o reino das trevas. A razão da investida do adversário era esta: parar definitivamente o meu ministério. Mas o Diabo não conhece o futuro! Quando um espírito maligno faz previsões que se cumprem, ele estava trabalhando com planos já conhecidos. A razão porque não conseguem acertar sempre é porque o futuro só é conhecido por Deus. Se Satanás conhecesse o futuro, não precisava ter tentado me parar com aquele acidente, era só deixar tudo como estava, e com o tempo a própria pressão de um ministério que cresceria demasiadamente rápido me liquidaria!

O Diabo não conhece o futuro e também não entende o agir de Deus, e o que ele me proporcionou através daquela investida em 1993 redundou numa grande benção! Este é o assunto de nosso capítulo. Porque o Diabo também não entende o agir de Deus, ele muitas vezes acaba trabalhando

para Deus! No meu caso ele trabalhou para Deus, e o que quero mostrar são vários textos e exemplos bíblicos que mostram que isto é um fato.

Satanás tem uma forma de pensar semelhante à nossa. Logicamente na condição de anjo - caído - ele é mais inteligente e astuto e tem uma mente superior, mas a forma de pensar é parecida. A comparação é mais ou menos como se fossem dois computadores, um bem mais potente que o outro, mas ambos com o mesmo programa; embora um seja mais veloz que o outro, e com maior capacidade de armazenar informações, o funcionamento é o mesmo pois trata-se do mesmo programa. Jesus mencionou isto:

“E Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá.

Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro: Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens.”

Mateus 16:22,23

O Senhor falou a Pedro e aos discípulos que era necessário que ele sofresse em Jerusalém, fosse morto e ao terceiro dia ressuscitasse. E Pedro tenta persuadir Jesus a pensar de forma diferente, o que era totalmente contrário ao plano de Deus. Não sei se Jesus se sentiu tentado a ter dó de si mesmo, mas o fato é que ele reconhece que naquela hora Pedro estava sendo *influenciado em sua forma de pensar* por outra pessoa, e repreende a Satanás. Mas é a frase utilizada por Jesus que nos chama a atenção: *“não cogitas das coisas de Deus, mas dos homens”*. Cogitar é

pensar. O que o Mestre disse é que a forma de pensar de Satanás não se assemelha à de Deus, mas à dos homens. Isto nos leva a concluir que não interessa o quão astuto o adversário seja, ele também não pode entender a forma de Deus agir! Os pensamentos de Deus são mais altos, muito mais altos que os do Diabo. Para o nosso inimigo, o agir de Deus também é invisível e incompreensível.

E a revelação que o Senhor começou a me trazer de sua Palavra, após aquela visão do Francisco, foi a de que Ele age desta forma imprevisível e invisível para propositadamente confundir Satanás e seu exército e, ainda, tirar proveito fazendo com que trabalhem para Ele. Foi isto que Deus fez naquele meu acidente de carro; usou uma investida maligna para me guardar de uma queda, levar-me de volta à direção ministerial que Ele tinha, e ainda não só tratar comigo como também me ensinar claramente estas verdades. Deus é soberano. Ele não deixou o Diabo tocar naquele carro à toa; na verdade o Senhor pôs uma armadilha diante de Satanás.

Ouvi, há uns anos atrás, a irmã Valnice Milhomens ministrando, e ela usou na ocasião um trocadilho que nunca esqueci; ela falou sobre Deus colocar “sataneiras” diante de Satanás. Então explicou: Quando você quer pegar ratos, põe uma *ratoeira* como armadilha. E como Deus não pega ratos, não usa ratoeira; para pegar Satanás Ele sempre usa as “*sataneiras*”.

As sataneiras de Deus

Não estou baseando a ação de Deus na experiência que eu tive, mas nos muitos exemplos bíblicos que

encontramos. Ao narrar a minha experiência, o faço como um ponto de partida que geraram estas descobertas e mudaram minha forma de pensar. Examinaremos algumas passagens bíblicas que mostram Deus agindo de forma que o Diabo não entendeu; e a primeira delas já nos revela que Deus usou tal ocorrido para mandar *um recado* ao reino das trevas: sua multiforme sabedoria não pode ser compreendida.

“A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo e manifestar qual seja a dispensação do mistério, desde os séculos, oculto em Deus, que criou todas as coisas, para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais, segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor”

Efésios 3:8-11

O texto fala sobre um mistério, um segredo, que desde os séculos estava oculto, escondido em Deus. O contexto (os dois capítulos anteriores e o começo deste) nos revela que tal segredo era a inclusão dos gentios (ou seja, a Igreja) no plano de Deus para estabelecer seu reino na Terra. Embora o que se esperava lendo o Velho Testamento era que Israel cumpriria o plano divino, Deus tinha um segredo prometido nas entrelinhas das profecias acerca de Israel, e que apontava para a Igreja gentílica; isto só veio a ser revelado nos dias do Novo Testamento (Mt.21:33-46 e Ef.3:2-5).

A revelação do mistério foi a manifestação da Igreja, e através dela o apóstolo Paulo disse que Deus tornou sua multiforme sabedoria conhecida dos principados e potestades nas regiões celestiais. Não que estes principados não conhecessem antes a sabedoria de Deus; o livro de Tiago diz que os demônios crêem em Deus e estremecem; eles conhecem o poder e a grandeza de Deus. Só que quando a Igreja surgiu, isso foi algo totalmente inesperado no reino das trevas; foi uma verdadeira “*sataneira*”.

O Diabo não esperava por esta! Havia uma expectativa tremenda nos dias de Jesus pela vinda do Messias, que estabeleceria o reino de Deus, conforme fora dito claramente pelo profeta Daniel. Os profetas apontavam a vinda de um rei e seu reino, e era isto que os judeus esperavam; e foi contra isto que Satanás se armou. Para que um reino se estabeleça, é preciso pelo menos duas coisas básicas:

- 1) O povo do reino - os súditos;
- 2) O Rei do reino.

Se tirarmos qualquer um destes elementos, não haverá um reino. E os registros bíblicos nos revelam que Satanás fez destes elementos o seu alvo para tentar impedir a manifestação do reino.

Alistei o povo antes do rei não por ordem de importância, mas de chegada. Pelo menos aparentemente, já se sabia quem era o povo bem antes de se saber quem era o rei. Digo aparentemente, pois embora Deus tenha feito promessas à descendência de Abraão, o que nos levaria a interpretar como sendo o Israel natural, a revelação que o Novo Testamento trouxe é que os filhos de Abraão não são necessariamente os da carne, mas os da

fé (Rm.2:28,29; Gl.4:22-31). Mas isto não ficou claro antes da vinda de Jesus, portanto, era de se esperar que o povo do reino fosse o Israel natural, e o Diabo tentou destruí-lo desde o princípio da aliança de Deus com Abraão. O livro de Ester, por exemplo, é a narrativa de como o inimigo tentou exterminar esta nação e como Deus estava sempre presente, guardando-os. E nos anos que antecederam a vinda de Cristo, o Diabo sufocou a nação israelita debaixo de quatro grandes impérios: Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e, por fim, Roma; em todos eles ele tentou destruir a identidade da nação e, mesmo não conseguindo, roubou-lhe a independência e a liberdade de se preparar para ser um grande e forte reino. Mas não adiantou, pois enquanto Satanás lutava para amarrar Israel como nação, Deus levantou debaixo do nariz do Diabo a Igreja gentílica! Era algo impossível de se ver sem a revelação do Espírito; era um segredo de Deus, ou seja, era parte do agir invisível de Deus. Ninguém imaginava que Deus estivesse preparando isto, nem mesmo o Diabo!

Portanto, quando a Igreja foi levantada, por meio dela Deus estava mostrando sua multiforme sabedoria aos principados e potestades. Foi como um recado que dizia: “Não adianta, vocês nunca entenderão e jamais vencerão; Eu sou maior!” O livro de Salmos diz que o Senhor se rirá de seus inimigos; creio que nesta hora Deus riu... Enquanto os demônios observavam atônitos o mistério de Deus e reviam seu trabalho inútil de tentar prender o povo do reino, creio que Deus riu. E a Igreja é um recado eterno desta sabedoria de Deus e seu poder de armar sataneiras.

Quando Satanás se tocou que o povo do reino não era necessariamente Israel, mas sim os que criam em Jesus

e nasciam de novo (Jo.1:11,12), tentou então destruir a Igreja. Observe o que diz a Bíblia:

“E Saulo consentia na sua morte. Naquele dia, levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém; e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria.

Saulo, porém, assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere.”

Atos 8:1,3

Assim que veio a perseguição, a Igreja perdeu seu sossego e os crentes começaram a ser presos e até martirizados. Então muita gente, devido à intensidade da perseguição, começou a fugir para outras cidades. E a Igreja que logo no início já tinha chegado à marca dos cinco mil membros, dispersou-se, ficando apenas os apóstolos. Aparentemente Satanás conseguiu o que queria e oprimiu o povo do reino, mas ele não sabia que esta era mais uma sataneira!

Veja o *outro lado* da história: Jesus capacitara seu povo com o poder do Espírito com um único propósito:

“Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra.”

Atos 1:8

Eles não deviam permanecer só em Jerusalém, mas

a responsabilidade de serem testemunhas de Cristo envolvia o começarem lá seu trabalho, mas depois espalharem-se progressivamente pelas outras cidades da Judéia, as de Samaria e então não parar mais! Só que o povo de Deus se acomodou. O tempo passou e eles estavam lá em Jerusalém ainda. Não estavam obedecendo a Cristo. Não haviam se tornado ainda uma Igreja missionária. Algo precisava ser feito.

E sabe quem ajudou?

O Diabo. É, ele mesmo!

Até Satanás enviar aquela perseguição, ninguém tinha saído pregar nas circunvizinhanças. Mas quando o Diabo quis destruir a indestrutível Igreja de Jesus, caiu em mais uma *sataneira*, e ajudou a espalhar o evangelho:

“Entrementes, os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra.”

Atos 8:1,3-4

É irônico como Deus põe seu inimigo para trabalhar para Ele; chega a ser engraçado. Toda vez que Satanás investe contra a Igreja, ou mesmo contra a sua vida, saiba de uma coisa meu irmão, enquanto ele ainda está indo, Deus já foi e voltou algumas eternas vezes! Vimos o como o adversário tentou barrar o povo do reino e se deu mal. Agora permita-me mostrar-lhe suas tentativas contra o rei do reino, e como elas novamente demonstraram que a multiforme sabedoria de Deus continuava no controle. Por várias vezes Satanás tentou parar Jesus. No começo foi com as tentações no deserto, mas logo que Jesus Cristo o derrotou, os planos mudaram; assim que ele saiu do deserto

e foi para Nazaré, sua cidade, o tiraram da sinagoga e tentaram empurrar-lhe de um penhasco, mas não puderam matá-lo. Lucas diz que ele simplesmente saiu do meio deles. Depois vemos que as conspirações para a morte do Messias vão crescendo até que em Jerusalém Jesus é traído, preso e crucificado. E o Diabo está nesta conspiração; foi ele mesmo que pessoalmente entrou em Judas para consumir a traição:

“Estava próxima a Festa dos Pães Asmos, chamada Páscoa. Preocupavam-se os principais sacerdotes e os escribas em como tirar a vida a Jesus; porque temiam o povo.

Ora, Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes, que era um dos doze. Este foi entender-se com os principais sacerdotes e os capitães sobre como lhes entregaria a Jesus; então, eles se alegraram e combinaram em lhe dar dinheiro.”

Lucas 22:1-5

Nosso Senhor mesmo declarou no Getsêmani, quando foi preso: *“esta é a vossa hora e o poder das trevas”* (Lc.22:53). Não era apenas a hora humana, daqueles que tinham conspirado contra Jesus, mas era a hora do poder das trevas porque Satanás estava lutando de todas as formas para empurrar Jesus à cruz. E “conseguiu”. Não porque fosse mais forte que Deus, mas porque estava caindo em mais uma *sataneira*. Jesus acabou mesmo morrendo e houve trevas sobre a terra. Creio que naquela hora não se tratava apenas da natureza gemendo pela morte do seu Criador mas, que também,

se tratava de densas trevas de malignidade produzidas por uma reunião de todo o reino do mal. O Salmo 22, que é messiânico, alude figuradamente à presença de demônios em volta da cruz quando fala de vários animais como cães e touros, que no aspecto natural não estiveram lá.

Só que três dias depois Cristo demonstrou que só morreu porque quis e, que, realmente, como ele mesmo dissera, tinha o poder de dar a sua vida e também de retomá-la. Ele ressuscitou vitorioso sobre todo o poder das trevas e demonstrou que não apenas sua ressurreição, mas a própria crucificação significava a derrota do Diabo. Aquilo que foi uma tentativa maligna de destruir a vida de Jesus, tornou-se a derrota do próprio Diabo.

Veja dois textos que dão testemunho disto:

“Tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz; e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz.”

Colossenses 2:14,15

“Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o Diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida.”

Hebreus 2:14,15

Aleluia! Um texto diz que na cruz Jesus despojou os principados e potestades e triunfou deles; outro diz que era necessário Jesus morrer para que pela morte Ele destruísse o que tinha o poder da morte, o Diabo. A tentativa maligna de destruir Jesus virou contra o próprio Diabo e o destruiu! Nossa mente não poderia imaginar jamais que Deus escolheria um caminho assim tão estranho para vencer o Diabo, dar-lhe um aparente gostinho de “vitória”, enquanto usava isto para destruí-lo. Não podemos entender o agir de Deus. E o Senhor faz questão de que assim seja, pois nesta sua maneira de agir não somente nós, os homens, ficamos sem entender o que está acontecendo, mas o próprio Diabo também fica; e na verdade esta é uma das razões de Deus agir assim, para levar o próprio Diabo a trabalhar para Ele muitas vezes, como servo compulsório. Há vários textos capazes de confundir a cabeça de qualquer um se não forem vistos por este prisma.

Permissões divinas para ações satânicas

Encontraremos algumas vezes nas Escrituras, textos que nos mostram permissões divinas para ações satânicas. Quero chamar sua atenção para alguns deles; e começaremos com um dos mais conhecidos (porém mal entendidos) exemplos, o de Jó, que foi duramente atacado pelo Diabo. Só que o Diabo conseguiu permissão para furar o bloqueio da proteção divina; e quem a deu foi exatamente o Chefe da segurança!

“Perguntou ainda o Senhor a Satanás: Observaste o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente

a Deus e que se desvia do mal.

Então, respondeu Satanás ao Senhor: Porventura, Jó debalde teme a Deus?

Acaso, não o cercaste com sebe, a ele, a sua casa e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste, e os seus bens se multiplicaram na terra.

Estende, porém, a mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face.

Disse o Senhor Satanás: Eis que tudo quanto ele tem está em teu poder; somente contra ele não estendas a mão. E Satanás saiu da presença do Senhor.”

Jó 1:8-12

Durante muito tempo não aceitei o livro de Jó. Dizem que durante a Reforma Martinho Lutero quis tirar o livro de Tiago da Bíblia, pois sua maior revelação na Palavra havia sido a da justificação pela fé, e as afirmações de Tiago sobre as obras o incomodavam; não sei se isto realmente foi assim, mas eu já tive vontade de que o livro de Jó não estivesse na Bíblia! Como não poderia tirá-lo, tentei arrumar explicações para o porque isto teria acontecido.

Então comecei a ensinar que Jó havia dado brecha ao Diabo; dizia que ele era medroso, que era por ter tanto medo dos filhos pecarem, que ele fazia sacrifícios preventivos, e que foi a porta do medo que ele abriu que deixou o adversário entrar, pois ele mesmo admitiu: *“Aquilo que temo me sobrevêm, e o que receio me acontece”* (Jó 3:25). Mas Jó disse isto depois das coisas estarem lhe acontecendo; e quanto a dizer que era brecha espiritual, fica difícil ajustar isto ao testemunho que o Senhor dá acerca dele, dizendo ser homem *justo e irrepreensível*; qualquer um que

estivesse dando brecha e lugar ao Diabo deveria ser considerado *repreensível*, mas ele não foi, pois não era este o seu problema. Se Jó somente estivesse colhendo o que ele mesmo autorizou o Diabo a fazer, então Satanás nem teria que pedir permissão a Deus.

Tudo isto é bobagem, são explicações simplistas para que outras doutrinas que formamos fiquem de pé. O fato é que este é um exemplo de uma permissão divina para uma ação satânica. Mas Deus não dá este espaço ao Diabo à toa; foi mais uma *sataneira*. E no fim Jó teve a restituição de tudo mas, o que é mais importante, ele termina dizendo: *“Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem.”* (Jó 42:5). No fim das contas, o Diabo acabou aproximando Jó ainda mais de Deus. Isto faz parte do agir invisível de Deus. O Senhor está agindo mesmo nos momentos e circunstâncias quando parece que nos abandonou. Ele está no controle.

Observe um outro exemplo bíblico:

“Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos.”

Lucas 22:31,32

Confesso que isto me assusta. É um tipo de coisa que ninguém gostaria de ouvir de Jesus. Ele se chega para Pedro e lhe diz: - “Olha, o Diabo pediu para apertar vocês e ver o que é que sobra”. Estou parafraseando o que foi dito, pois o significado de peneirar é este; se o grão for gráudo fica na peneira, se não for, sai do outro lado. O que Simão Pedro

provavelmente esperava e, certamente, se fosse comigo ou com você também seria o que nós esperaríamos, é que Jesus dissesse não ao Diabo e o mandasse embora. Só que não foi isto que aconteceu. Então Jesus comunica a Pedro que deixou o Diabo ir com tudo para cima deles, mas avisa: - “Não é porque deixei ele atacar que isto signifique abandono; já orei por você para que sua fé não desfaleça; estou cobrindo você.” Mas a maneira como Cristo encerra o assunto nos mostra o que Ele esperava do final daquilo tudo: - “Mas tu, quando te converteres, fortalece a teus irmãos”. Em outras palavras, Jesus estava dizendo que aquela prova tocara o coração de Pedro de maneira tão forte, que ele se converteria, mudaria radicalmente. E o lucro não seria só dele, mas deveria ser repartido com os irmãos, os outros discípulos.

Esta foi uma permissão divina para uma ação satânica. Só que não se tratava de um abandono, nem de juízo, nem tampouco de injustiça da parte de Deus. Este ocorrido foi parte do agir invisível de Deus e, tenha certeza: foi mais uma *sataneira*, que fez com que o Diabo ajudasse a fé de Pedro a se fortalecer, em vez de destruí-la. Mais uma vez ele trabalhou para Deus.

Nas cartas de Jesus às igrejas da Ásia, encontramos outro exemplo de uma permissão divina para um ataque satânico:

“Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o Diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida.”

Apocalipse 2:10

Novamente vemos Jesus avisando, antecipadamente, que o Diabo vai fazer algo contrário. Porém, não o vemos fazendo nada para impedir o Diabo, nem tampouco mandando estes irmãos resistirem ou lutarem. Mas Jesus avisa antes de acontecer (como com Pedro) para que saibamos que o controle está nas mãos d’Ele, e não nas do Diabo. O que Ele pede é fidelidade, que não deixem a investida do inimigo mudar sua fé. E isto é vitória, mesmo que não pareça. Para mim é difícil imaginar porque Deus deixaria alguém ser preso, ainda mais em se tratando de que o Diabo é que o lançou na prisão. Mas sei de uma coisa, os caminhos e pensamentos de Deus são mais altos que os nossos, e não há como entendê-lo em seu agir. Mas uma coisa eu sei, se Ele deixou o Diabo fazer algo, é mais uma *sataneira*; Satanás vai trabalhar para Deus de novo! Não estou dizendo que tudo o que o Diabo faz é prestação de serviços para Deus, mas que há circunstâncias onde o Senhor lhe põe armadilhas. O Diabo é como um cão preso; só vai até onde o tamanho da corrente permitir. Se o Senhor lhe solta um pouco mais a corrente e o deixa ir um pouco mais longe, não significa que ele está solto. Deus está no controle das nossas vidas e se por acaso o Diabo tiver alguma permissão de chegar perto, não se assuste; se você é um servo de Deus e isto lhe ocorrer, saiba que o Senhor o botou para trabalhar.

Um dos textos que mais nitidamente mostram Satanás sob o controle divino está no Apocalipse:

“Então, vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo, Satanás, e o

prende por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto, é necessário que ele seja solto pouco tempo.

Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão e sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuní-las para a peleja. O número dessas é como a areia do mar. Marcharam, então, pela superfície da terra e sitiaram o acampamento dos santos e a cidade querida; desceu, porém, fogo do céu e os consumiu.

O Diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde já se encontram não só a besta como também o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos.”

Apocalipse 20:1-3,7-10

Na hora certa de Satanás ser preso, não será necessário mais do que um anjo. Somente um dará conta do recado. Isto mostra que o Diabo não é tão grande como os crentes às vezes o estão pintando, pois nosso Deus é o Todo-Poderoso. Satanás tem poder, mas não todo o poder; isto somente nosso Deus tem. Na hora certa, determinada por Deus, o Diabo será preso e permanecerá preso por mil anos, mas depois é necessário que seja solto por um pouco de tempo. Observe o termo “necessário”; o Diabo precisa ser solto. Precisa por que? Porque vai realizar mais um último trabalho para Deus! É claro que ele nunca acha que está trabalhando para Deus, senão deixaria de agir; mas ao fim de muitas empreitadas, não resta dúvida, ele acabou

caindo em muitas *sataneiras*. Após mil anos de um reinado de paz e justiça, com a presença física de Jesus na terra, com tudo em plena harmonia, e ainda por cima sem Diabo para azucrinar a vida de ninguém, ainda assim haverá gente que se rebelará contra o Senhor; gente que por fora se rendeu ao senhorio de Cristo, mas não por dentro. E Satanás fará o trabalho da peneira, para ver quem é quem. Depois ele e os que se rebelaram serão julgados e lançados no lago de fogo.

Até a sua última hora, Satanás estará sob o controle divino e prestando serviços. Sei que falo com certa ironia, mas quero tentar chocar aqueles que acham que o Diabo está fora de controle. É certo que quando alguém dá direitos legais para que Satanás opere em sua vida, e ele entra destruindo tudo, Deus não se agrada disto; não foi Ele quem mandou o Diabo fazer o serviço, mas não podemos negar que ao criar os princípios espirituais, Deus criou também um risco de ter que ver o seu adversário atacar alguém, e com direito para isto. Não quer dizer que Deus mande o Diabo fazer o serviço sujo! Não, mil vezes não! Mas mesmo assim, Deus tem o poder de levar aquela circunstância negativa, que não era de seu agrado que acontecesse, para uma outra dimensão em que bênçãos poderão redundar do ocorrido; e é importante lembrar que Deus é presciente, ou seja, sabe de tudo mesmo antes de acontecer. Ele sabe onde o Diabo vai atacar e quais danos causará; sabe como reverter a situação e transformá-la em lucro mesmo antes que ocorra.

Deus é Deus. Aleluia!

3

MAIS QUE VENCEDORES

“Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou.”

Romanos 8:37

O evangelho de Jesus é um evangelho vitorioso. A Bíblia diz que Deus “*sempre nos conduz em triunfo*” (II Co.2:14); portanto podemos dizer que o evangelho é triunfo - em termos finais. O apóstolo João declarou que todo o que é nascido de Deus vence o mundo; nascer de Deus faz com que participemos da natureza divina, e Deus é um Deus de vitória; temos, portanto, toda a capacitação para vencermos. Isto é muito claro nas Escrituras: fomos chamados para vencer! Mas o ensino concernente a isto tem gerado muita polêmica no Corpo de Cristo nestes dias, não porque seja difícil compreender pela Palavra de Deus que nossa caminhada é vitoriosa, mas porque nosso conceito de vida vitoriosa está muito distante daquilo que a Bíblia apresenta. Fantasiamos demais, e achamos que seremos totalmente intocáveis, mas a Palavra de Deus não ensina isto. O que ela ensina e promete é vitória. Vitória

sempre e em todas as circunstâncias. Mas se há algo que precisamos entender melhor, e é o quê é vitória, como e quando ela se dá em nossa vida. Assim nos livramos do triunfalismo aparatoso e exagerado.

Vencer é prevalecer sobre o inimigo na batalha. Não se trata de ser inatingível, mas de prevalecer sobre o inimigo. Muita gente tem pregado em nossos dias um evangelho que dá garantia sobre tudo; se você não quer mais problemas venha a Jesus (e a igreja tal...) e tudo estará bem. Desde o começo de meu ministério, cri e preguei sinceramente este tipo de vitória; não nesta intensidade e nem nestas palavras, mas muitas vezes dava a entender exatamente isto; dizia às pessoas que se elas realmente cressem nas promessas do Senhor, estariam levantando o escudo da fé e não seriam de forma alguma atingidas pelo inimigo em tempo algum. Minha pregação não era fruto somente da influência de outros ministérios que proclamavam este tipo de vitória, mas principalmente porque eu vivia isto. Tive experiências tremendas de livramentos de Deus; numa delas, num assalto, onde o ladrão colocou uma arma na minha cara, houve uma interferência angelical e a história terminou comigo evangelizando o assaltante que acabou não levando nada meu. Por causa do que eu mesmo experimentava, acabava dando muita ênfase nisto; mas o Senhor abriu meus olhos e me mandou escrever este livro para abrir os olhos de seu povo. Não estou escrevendo contra quem tem pregado desta forma; creio que a maioria dos pregadores que dão esta ênfase é sincera e não têm encontrado no ensino convencional uma clareza bíblica que os leve a ver com mais profundidade o assunto. Ainda assim, prefiro milhares

de vezes que alguém exagere na ênfase da nossa vitória, do que pregue um evangelho de derrota, conformista. Mas prefiro muito mais que os crentes em geral compreendam a vitória bíblica, do ponto de vista de Deus, a proclamarem uma vitória utópica.

Toda vez que eu citava Romanos 8:37, falava de como somos *mais que vencedores*; mas para mim a idéia de mais que vencedor é que nós não apenas éramos vencedores, mas nos encontrávamos num patamar bem mais alto; ou seja, se ser vencedor já era bom, mais que vencedor era ainda melhor, mais intenso. Para mim, mais que vencedor significava vitória demais. Porém, depois que Deus começou a desvendar meus olhos para compreender seu tratamento em minha vida, uma das primeiras coisas que Ele me falou foi sobre corrigir meu conceito deste versículo.

Um dia, o Espírito Santo falou comigo enquanto eu lia esta passagem. Ele questionou-me o que queria dizer a expressão “mais que vencedor”. Eu sabia muito bem porque Ele me perguntava; não porque precisasse saber o que eu pensava, mas para me fazer meditar no assunto. Respondi que *achava* se tratar de um nível mais elevado de vitória, daquele andar triunfalista que eu pregava. E imediatamente o Senhor falou comigo que na vida espiritual não existe dois patamares de vitória (o do vencedor e o do mais que vencedor); vencedor é o que há de mais elevado. Ou alguém vence ou é derrotado, e só. Então o Espírito me disse que mais que vencedor significa que, além de vencermos a batalha, ao fim dela seremos alguma coisa a mais! Não só terminaremos como vencedores, mas seremos algo mais. A partir desta afirmação, o Espírito Santo conduziu-me

por um passeio nas Escrituras, começando pelo seu contexto e se estendendo a muitos exemplos e declarações bíblicas que comprovam isto. No fim de cada batalha não seremos apenas vencedores, mas também teremos sido tratados por Deus em nossa alma!

O tratamento de Deus

Chamo de tratamento o amadurecimento que o Senhor produz em nossas vidas em meio às provas e tribulações. Nosso caráter é aperfeiçoado, enriquecido em meio à adversidade. Isto não significa que o crescimento venha somente desta forma. Há muitas formas de crescer espiritualmente: o envolvimento com a Palavra, que é nosso alimento espiritual; o ensino e ministração dos mais maduros; nossa vida de oração pessoal e as respostas e experiências que dela decorrem. Há tanta coisa que pode ser mencionada! Mas quando falo de tratamento, refiro-me à forma de Deus tratar com as áreas difíceis de nossas vidas, especialmente aquelas em que não queremos nos deixar ser trabalhados e mudados profundamente.

O contexto da afirmação de que somos mais que vencedores nos mostra isto. O versículo começa dizendo: “mas em todas estas coisas”. A palavra “mas” revela que não interessa o que foi mencionado antes a vitória nos pertence e chegará a nós. E a frase “em todas estas coisas” mostra que não somente a vitória virá, mas *em meio a que condições* ela virá. O que são todas estas coisas a que Paulo se refere? O próprio texto bíblico responde. É só examiná-lo dentro de seu contexto:

“Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?”

Como está escrito: Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro.

Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou.”

Romanos 8:35-37

Veja exatamente o que o apóstolo Paulo havia mencionado:

- tribulação,
- angústia,
- perseguição,
- fome,
- nudez,
- perigo,
- espada.

Aqui temos a resposta do que são “todas estas coisas”, e isto não se parece com um evangelho onde o crente é intocável! Contudo não é tampouco a forma como devemos viver, mas algo a que, ocasional e temporariamente, podemos vir a estar sujeitos. Observe que não estou dizendo que temos que passar por estas coisas, mas sim que *podemos (pode ser que aconteça, pode ser que não)*; e, ainda assim, se vier a acontecer, será ocasional e temporário. O quadro de tribulação certamente será mudado, pois nestas coisas somos mais que vencedores! Deus não nos chamou para viver nelas,

mas também nunca disse que elas não tinham a menor possibilidade de aparecer por perto e até mesmo ficarem um pouquinho.

Portanto, ser mais que vencedor não é deixar de passar por estas coisas, mas sim vencer em meio à elas e apesar delas! A tribulação virá e pode durar um tempo, mas ao fim dela você será vencedor, pois está em Cristo. Mas você não apenas vencerá como também chegará ao fim da luta e da adversidade mais maduro, mais forte, e terá experimentado um tratamento todo especial de Deus em seu caráter cristão. As tribulações vêm e vão e se permanecermos firmes no Senhor, sempre as venceremos, mas quando elas se vão nos deixam melhores que antes. É o que diz a Bíblia:

“Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança.

Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes”.

Tiago 1:2-4

Algumas deficiências serão tratadas em nós pelo poder das provas, que são permitidas pelo Senhor para que possamos chegar a ser perfeitos e íntegros, completos. Não creio que o Senhor queira nos fazer sofrer, mas nossa teimosia e rebeldia nos impedem de aprender. Penso que quanto mais maleável, tratável, for alguém e corresponder com rendição ao Senhor, menos tratamento terá. Mas não creio que haja alguém tão perfeito e puro, com tal domínio

de seu coração enganoso, que não passe por nenhuma espécie de tratamento. Até mesmo Jesus, sem nunca ter pecado, passou por isto:

“Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade, embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem”

Hebreus 5:7-9

Jesus aprendeu - como homem - a obediência pelas coisas que sofreu. A Bíblia diz que Ele foi aperfeiçoado (este é o propósito das provas) em meio ao sofrimento. E se até mesmo Ele passou por este processo, o que nos leva a pensar que estamos isentos e que tal não nos sucederá?

Deus tem uma indescritível habilidade de aproveitar as circunstâncias, mesmo as mais negativas, para usá-las em nossas vidas. Isto não quer dizer que viveremos nelas. Temos uma promessa de vitória, elas chegarão ao fim e nós teremos o livramento do Senhor, mas quando elas tiverem ido deixarão um tratamento divino em nosso caráter, que se deu durante a prova. No meu caso, por exemplo, no acidente de carro pelo qual passei, sofri perdas materiais. Tudo o que perdi me foi restituído de forma multiplicada depois, mas até que isto acontecesse eu não conseguia entender porque Deus havia deixado Satanás roubar meus bens. O momento da restituição foi a vitória que eu esperava,

mas quando ela veio, descobri que eu não apenas havia vencido, mas me tornara mais que vencedor naquela situação, pois aprendi muito acerca de valores. Nossa mente está muita presa a valores materiais somente; só pensamos em números, e com um cifrão na frente! Eu avaliava minhas perdas usando a calculadora; quanto eu havia perdido no carro, em roupas, em livros, e coisas assim. Mas quando Deus começou a mostrar-me os lucros, vi que tais dividendos não podiam ser somados numa calculadora! O fato de o Senhor ter me livrado de cair e comprometer minha vida espiritual e ministerial e também de ter sido conduzido ao lugar e obra que Ele tinha para minha vida não podem ser medidos em números! Hoje eu pagaria muitas vezes mais o que aparentemente perdi naquele acidente para poder ter as coisas que com ele me sobrevieram. Para o nosso Deus não há nada que não possa redundar em benção na vida daqueles que o amam e estão sob o seu propósito eterno:

“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.”

Romanos 8:28

Não há nada, absolutamente nada que nos suceda que fuja ao controle de Deus. Ele conhece todas as coisas antecipadamente; conhece também o futuro e onde cada experiência do passado vai ser útil; sua Soberania é impossível de ser descrita ou explicada. Há certas tribulações que vão trabalhar em nossas vidas, forjando um melhor caráter para Deus. Muitas pessoas só conhecem os verdadeiros valores em meio às perdas materiais. Jó foi alguém que conhecia a benção da prosperidade, mas

em meio às perdas, conheceu valores ainda mais profundos do relacionamento com Deus do que aqueles que possuía antes, a ponto de poder dizer: - *“Antes eu te conhecia só de ouvir falar, mas agora meus olhos te vêem”* (Jó 42:5).

Em determinadas ocasiões de dificuldades teremos que aprender a depender de Deus mesmo. Mas estamos sendo tratados; estamos sendo levados para o matadouro, morrendo para nosso eu, triturando nossa carne. José passou por anos de provas terríveis; foi vendido como escravo pelos seus irmãos, distanciou-se de sua família e foi sujeito a uma grande vergonha e humilhação. Mas ele não se entregou. Lutou até se tornar o mais alto funcionário na casa em que entrou como escravo. Quando parecia que as coisas estavam se acalmando foi preso injustamente pela sua lealdade ao seu senhor. Na prisão ele lutou contra as circunstâncias e chegou a ser chefe dos presos em seus trabalhos. Somente depois de muitos anos veio a vitória. Ele foi exaltado a governador, e livrou seu povo de ser destruído pela fome. Mas não creio que tenha sido só isto e mais nada. Havia um novo homem dentro de José, amadurecido pelas provas, digno de governar e que reconheceu tudo sob o controle de Deus a ponto de dizer aos seus irmãos: *“Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida”* (Gn.50:20). Quem dera cada um de nós pudesse ver esta soberania de Deus sobre as circunstâncias como José viu! Mas isto não acontece sem as provações; são nelas que aprendemos a ver Deus numa dimensão mais profunda.

Infelizmente, em nossos dias o evangelho diluído que se prega está formando uma geração de medrosos e covardes

que correm diante das adversidades; mas uma reviravolta está por acontecer! O Senhor levantará um exército cuja fé estará firmada n'Ele e não nas circunstâncias, e o diabo não poderá barrá-los com nada. Este dia se aproxima e este livro em suas mãos é uma convocação divina para que você se junte a este exército. O Senhor quer uma geração de crentes valorosos que realmente podem tudo naquele que os fortalece.

Podendo tudo naquele que nos fortalece

A grande maioria dos cristãos de hoje não entende a clássica afirmação de Paulo que tanto repetimos: “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fl.4:13). Decoram o versículo, colocam-no em tantos lugares na forma de adesivo: porta de casa, vidro do carro, capa de caderno, etc; pintam-no nas camisetas, fazem tudo com ele, mas não o entendem! Poder tudo em Deus não reflete só a força para vencer, mas sim para suportar as circunstâncias até que venha a vitória. Quando examinamos o seu contexto vemos que é exatamente disto que Paulo falava:

“Alegrei-me, sobremaneira, no Senhor porque, agora, uma vez mais, renovastes a meu favor o vosso cuidado; o qual também já tínheis antes, mas vos faltava oportunidade.

Digo isto, não por causa da pobreza, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação.

Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de

abundância como de escassez; tudo posso naquele que me fortalece.

Todavia, fizestes bem, associando-vos na minha tribulação.”

Filipenses 4:13

Tanto no versículo 10 como no 14, Paulo fala que estava em tribulação, ou seja, necessidades materiais. Os irmãos interviriam com uma ajuda, uma oferta amorosa para seu sustento, e ele lhes diz que ela veio de encontro à sua necessidade do momento, ou como ele mesmo denomina: pobreza. Mas o apóstolo não reclama da privação, mas diz que aprendeu a viver contente em toda e qualquer situação.

Observe isto: ele aprendeu o contentamento, o que significa que no início de sua carreira cristã ele não o possuía. E onde foi que ele aprendeu a exercer esta virtude? Em meio a abundância ou à falta? É claro que na falta, pois são em circunstâncias como esta que Deus trata conosco.

Quando chegou a provisão enviada pelos irmãos filipenses, Paulo teve a vitória sobre a privação e necessidade, mas ele não apenas venceu, ele foi mais que vencedor! Ele venceu e aprendeu o contentamento. Aprendeu que sua alegria em Deus independe do que acontece do lado de fora e deve estar presente em toda e qualquer situação. Aprendeu que não são as circunstâncias que devem reger nossos sentimentos, mas sim a confiança no Deus da nossa vitória. Ele foi tratado pelo Senhor a ponto de se desapegar completamente das coisas materiais e viver contente pelo fato de que Deus é maior do que nossos problemas e intervém neles.

Paulo ainda diz que tinha experiência em tudo, tanto na fartura e abundância como na falta e escassez, mas que não interessava que tipo de situação ele passava, pois ele podia todas as coisas naquele que o fortalecia: Deus. E vemos claramente que poder todas as coisas não é deixar de passar por tribulações, nem tampouco vencê-las tão imediatamente cheguem, mas suportá-las paciente e confiantemente sabendo que a vitória do Senhor é certa e que ela chegará a tempo.

O Senhor está à procura de homens e mulheres que se deixarão ser tão trabalhados por ele nessa questão e que virão a ser soldados de tamanho poder de guerra que darão muita dor de cabeça ao diabo.

Já é tempo de deixarmos de lado nosso egoísmo como se o evangelho fosse apenas um meio pelo qual temos nossos sonhos realizados; não servimos a Deus por causa do que Ele faz, mas sim por causa do que Ele é! Não estou negando que Deus faz, pois realmente faz, e faz muito pelos seus! O que estou afirmando é que o que Ele nos faz não é mais importante do que o que Ele é.

Quando Moisés queria um nome para anunciar a Israel quem era o Deus que se revelara a ele na sarça, Deus chamou-se a si mesmo de Eu Sou. Quando alguém chega a ponto de servir ao Senhor baseado naquilo que Ele é, independentemente do que Ele faz, está num lugar onde o diabo não poderá prendê-lo no seu ministério.

O apóstolo Paulo estava dizendo que tendo a provisão material em abundância ou não, ele vivia contente de qualquer forma, pois muito acima dos milagres de provisão - que sempre aconteciam em sua vida - ele aprendera a se relacionar com Deus e se fortalecer nele.

Isto é ser mais que vencedor. É, além de vencer a circunstância que se atravessa, ainda crescer com ela.

Olhando para o alto

Fomos chamados para viver acima das circunstâncias e ter os nossos olhos no Senhor. As Escrituras Sagradas nos dizem que Satanás veio para roubar, matar e destruir (Jo.10:10). Esta era uma das menções bíblicas que eu mais gostava de pregar, dando ênfase ao fato de que Cristo, por sua vez, veio para nos dar vida e vida com abundância. Eu sempre dizia que o diabo vive tentando roubar a saúde, o dinheiro e a família de cada vivente, pois ele não quer que ninguém seja feliz sob as bênçãos de Deus. Mas o fato é que o diabo não está tão preocupado com estas coisas, elas não são seu verdadeiro alvo. O que ele verdadeiramente quer é roubar nossa fé e relacionamento com Deus. Este é seu fim, seu grande objetivo; mas roubar a saúde, o dinheiro e a família, são os meios que ele usa para tentar conseguir chegar onde realmente quer.

Portanto, precisamos aprender a viver olhando para o alto, com nossos olhos fixos no Senhor em todo tempo, independentemente das circunstâncias à nossa volta. E o processo de ser mais que vencedor tem a ver com isto. No fim da prova Deus não somente nos dá a vitória, como também nos ensina a apegarmo-nos mais a Ele, vivendo acima das situações externas. A geração atual de crentes vive olhando somente para as coisas terrenas, não tem seus olhos em Deus. Nossa pregação praticamente só enfatiza o que é terreno, quase não leva as pessoas a

olharem o celestial; mas segundo a exortação bíblica, devemos levantar nossos olhos:

“Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus.

Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra; porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus”.

Colossenses 3:1-3

Note o mandamento da Palavra que vem como um imperativo: Buscai e pensai nas coisas do alto, não nas que são da terra. Em toda a Bíblia encontraremos advertências quanto à termos nossos olhos no alto em vez de na terra.

No tabernáculo de Moisés, que Deus o mandou construir segundo o exato modelo das visões que ele teve no monte, é impressionante a ênfase figurada que o Senhor deu deste assunto. Quando mandou Moisés fazer as quatro coberturas que se sobrepunham como teto da tenda da revelação, o Pai Celestial mandou que elas fossem todas bordadas, embelezadas; eram um verdadeiro espetáculo artesanal que ninguém hoje poderia reproduzir, pois a arte não era meramente humana, Deus havia enchido os artesãos com seu Espírito para que pudessem executar o modelo divino ordenado. Portanto, quando alguém entrava na tenda da revelação, se queria ver algo belo tinha que olhar para cima, para o alto. Mas se conservasse seus olhos no chão não veria beleza alguma, pois Deus nunca mandou que fizessem nenhum tipo de piso, aonde acampavam

utilizavam-se da própria terra do local. Enquanto o teto era indescritivelmente belo, o chão era feio, de terra.

Assim também é na vida cristã, a beleza do andar com Deus está quando aprendemos a olhar para o alto, para Deus mesmo e as coisas celestiais; não há beleza numa vida de preocupação somente com o terreno. Não há nada espiritualmente belo num evangelho que só prega sobre o dinheiro e os caprichos deste mundo como se isso fosse a prosperidade bíblica! Não se engane, nossos olhos devem se levantar bem acima do que é terreno, sejam os atrativos deste mundo ou as circunstâncias negativas que nos cercam; devemos olhar para o alto em todo tempo.

Crentes que só se preocupam com o dinheiro e seus negócios, não servirão ao propósito divino da colheita de almas, pois para se ter a sensibilidade espiritual de ver a necessidade dos perdidos é preciso tirar os olhos das coisas terrenas e levantá-los para os céus. Jesus mesmo disse: *“erguei os olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa” (Jo.4:35).*

Por que o Mestre disse isto aos discípulos?

Porque enquanto eles só haviam pensado em buscar comida e saciar sua fome naquela aldeia de samaritanos, Jesus se preocupara em ganhar aquela mulher que estava junto ao poço de Jacó, e ela por sua vez, trouxe praticamente toda a aldeia para ouvi-lo. Então ele lhes diz que se nossos olhos estiverem no chão, cuidando apenas das coisas terrenas, não enxergaremos os campos brancos para a ceifa; ou seja, não teremos a sensibilidade de ver a necessidade espiritual das pessoas. Temos que olhar para o alto se queremos ser úteis ao Senhor, pois aqueles que só olham para o chão desanimam-se nas horas difíceis e

deixam de servi-lo. Já quanto aos que têm seus olhos no Senhor, não há o que os faça parar.

Prender nossos olhos no chão é o grande plano satânico contra nossas vidas; ao atacar nossa saúde, família e bens, o que o maligno quer de fato é tirar nossos olhos do Senhor, fazendo com que fitemos somente o chão, o terreno. Embora, como diz meu pai, tirar os olhos da terra não significa tirar os pés do chão (a perda do pragmatismo e da disciplina). Há um texto bíblico que revela esta astúcia do inimigo em seus ataques. Observe:

“E veio ali uma mulher possesa de um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos; andava ela encurvada, sem de modo algum poder endireitar-se.

Vendo-a Jesus, chamou-a e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade; e, impondo-lhe as mãos, ela imediatamente se endireitou e dava glória a Deus”.

Lucas 13:11-13

Esta mulher andava encurvada por quase duas décadas, e não havia meios de se endireitar pois sua doença era espiritual e não física. Tratava-se de um espírito maligno de enfermidade, um agente de Satanás prendendo seu corpo. Há uma figura aqui; esta mulher vivia olhando somente para o chão; sua costa encurvada a impedia de andar olhando para cima. Podemos ver em operação na vida desta mulher o verdadeiro plano maligno contra cada cristão; Cristo disse que ela estava numa prisão de Satanás:

“Por que motivo não se devia livrar deste

cativeiro, em dia de sábado, esta filha de Abraão, a quem Satanás trazia presa há dezoito anos?”

Lucas 13:16

Estar numa prisão de Satanás não quer dizer que o próprio príncipe das trevas a prendia pessoalmente, pois já vimos que era um enviado dele, um espírito de enfermidade, quem realizava o trabalho. Mas Jesus mostrou que tal espírito maligno só estava cumprindo ordens de seu chefe, o que nos permite ver que o plano era de Satanás e a execução era do subalterno dele.

Por que é importante notar isto?

Para entendermos que o inimigo não nos ataca só por atacar, ele tem planos e estratégias para tentar nos derrubar e devemos nos prevenir contra ele!

Que tipo de prisão era esta que Jesus mencionou?

Não era a doença e nem o espírito de enfermidade em si, mas a que ponto ele levava esta mulher. Ela não podia olhar para o alto! É isto que o diabo quer, que tiremos os nossos olhos de Deus; esta era uma crente da época, pois foi chamada de “filha de Abraão”, referência dada não só por ser naturalmente descendente do patriarca, mas por esperar na promessa divina feita a ele. Também vemos que ela estava na sinagoga, o que poderíamos chamar de a igreja da época. Não se tratava de uma pecadora qualquer que nada queria saber acerca de Deus, mas de alguém que o temia, cria n’Ele e queria andar em sua presença.

Semelhantemente, Satanás tenta nos prender com os olhos no chão, para que não olhemos para cima. E por que ele nos ataca desta forma? Porque ele não pode nos

arrancar das mãos de Deus, como Jesus mesmo falou:

“As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem.

Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão.

Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatá-lo.

Eu e o Pai somos um.”

João 10:27-30

O diabo jamais poderá nos tirar das mãos de Jesus! Nunca! Temos um claro pronunciamento de Jesus Cristo neste sentido. Mas ele vai atacar com sutileza; ele quer nos indispor com o Senhor, fazendo com que nos voltemos contra Ele, porque então nós mesmos desceremos dos braços do Senhor e estaremos expostos.

No livro do Apocalipse, o Senhor faz menção da doutrina de Balaão, que costumava ensinar Balaque a por tropeços diante dos filhos de Israel para que pecassem (Ap.2:14). Lemos em Números que Balaque contratou Balaão para amaldiçoar a Israel pois tinha medo de ser por ele destruído na batalha. Deus advertiu a Balaão que não fosse após Balaque, mas ele amou o prêmio da injustiça e desobedeceu. Mas não conseguiu amaldiçoar ao povo do Senhor, pois em cada uma das quatro vezes em que tentou fazê-lo, Deus mudou suas palavras em bênçãos sobre os israelitas. Vendo que nada podia contra o povo, Balaão aconselhou Balaque, rei dos moabitas, a enviar as mulheres do seu povo ao arraial dos israelitas para que se prostituíssem com eles e então os levasse a adorar os deuses delas.

Qual foi o pensamento de Balaão?

Ele viu que não havia como tocar o povo, pois eles estavam debaixo da proteção divina e com Deus ninguém pode; então a única saída seria colocar o povo contra Deus, visto que Deus não abandonaria o povo. E quando através do pecado da prostituição e também da idolatria o povo se afastou do Senhor, então ficou vulnerável, e a ira do Senhor se acendeu contra o povo. O que Balaão não podia fazer contra o povo, fez com que o próprio povo fizesse contra si mesmo! É assim que o diabo age. Uma vez que ele não pode tirar-nos da mão do Senhor, nem fazer nada contra nossas vidas por permanecemos em Cristo, então tenta nos colocar contra o Senhor, para que saíamos do colo d'Ele e fiquemos vulneráveis.

Esta é a razão porque o maligno tanto tenta prender nossos olhos nas coisas materiais, para que quando conseguir tocar nelas isto venha a doer em nós a tal ponto de nos indispor-mos contra Cristo. Mas na vida daquele que ama o Senhor e tem os olhos n'Ele, o inimigo não consegue isto.

Isso nos permite ver porque Satanás investe tanto contra o que possuímos, não porque seja isto o que ele queira, mas por ser o meio para que ele tente chegar onde realmente quer chegar: minar nossa fé e relacionamento com o Senhor. Mas diante disto podemos também enxergar porque Deus permite o inimigo investir contra estas áreas de nossas vidas; cada ataque maligno pode ser visto como um tempo de treinamento e adestramento para os soldados do exército divino. No paralelo natural, nunca vemos num quartel os soldados prepararem-se para a guerra passando um ano inteiro deitados em redes com sombra e água fresca. Não! Pois isto não prepara ninguém! Também o Senhor não

treina seu exército no bem-bom da vida, mas em meio às provas e tribulações. E muitas vezes Deus permitirá o ataque do maligno contra seus bens materiais para que ao fim você não apenas vença, mas seja mais que vencedor, seja alguém tratado pelo Senhor; pois enquanto Satanás nos tira algo tentando fazer com que nosso coração egoísta se volte contra Deus, o Senhor por sua vez, permite que aquilo seja temporariamente tirado até que nosso coração aprenda a não se apegar àquilo mais do que a Deus.

Às vezes será do interesse não só do diabo, mas também de Deus que algo nos seja temporariamente tirado. Percebi isto em meu acidente; não era somente Satanás que queria me tirar o carro e o ministério, mas naquele momento singular da minha vida Deus também queria muito fazê-lo! Não só para me conduzir ao seu plano para a minha vida, mas para me fazer entrar no que aquele anjo celestial chamou de “*o tratamento de Deus comigo*”.

Mas o golpe do diabo doeu em mim porque minhas coisas valiam mais para mim do que eu imaginava; meus olhos estavam no chão e não no alto. Mas Deus me ensinou, e como Paulo posso dizer que aprendi. Quando um homem ou uma mulher de Deus colocam seus olhos no Senhor e assim permanecem, serão vitoriosos. Tenho aprendido que os ataques mais atrozes do inimigo, como aqueles em que pessoas chegaram a ponto de morrer por Cristo, não visavam tocar nas circunstâncias e nem mesmo na vida destas pessoas; o diabo não queria que morressem, mas que, por medo da morte negassem Jesus. Cada vez que um mártir derramou seu sangue pelo evangelho, Satanás não ganhou, só perdeu. Pois o heroísmo dos mártires somente fortaleceu o evangelho, nunca o enfraqueceu. Nosso conceito de vitória

ainda é muito carnal, terreno; mas os mártires foram além disto e venceram ao diabo (Ap.12:11), pois sabiam manter seus olhos no Senhor. Veja um exemplo disto:

“Mas Estevão, cheio do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus e Jesus, que estava à sua direita, e disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, em pé à destra de Deus.

Eles, porém, clamando em alta voz, taparam os ouvidos e, unânimes, arremeteram contra ele.

E, lançando-o fora da cidade, o apedrejaram. As testemunhas deixaram suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo.

E apedrejavam Estevão, que invocava e dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito!

Então, ajoelhando-se, clamou em alta voz: Senhor, não lhes imputes este pecado! Com estas palavras, adormeceu.”

Atos 7:55-60

O relato bíblico diz que Estevão, cheio do Espírito, fitou os olhos no céu. Algo que o Espírito Santo vai operar em nós à medida que nos rendemos a Ele, é tirar nossos olhos do chão para o céu; das coisas terrenas para as celestiais. Estevão foi o primeiro mártir e nos deixou um modelo perfeito de vitória sobre o inimigo: seus olhos estavam em Deus, não no que é terreno. E neste texto tenho descoberto um princípio espiritual figurado muito forte: quando nossos olhos estão no Senhor, somos anestesiados para os ataques malignos contra nossa vida!

Estevão foi milagrosa e sobrenaturalmente

anestesiado por Deus contra as pedradas que o mataram; o texto diz que enquanto o apedrejavam ele invocava ao Senhor e orava, e mais: diz que ele se colocou de joelhos, e à semelhança de Cristo na cruz, pediu que o pecado de seus assassinos fosse perdoado. Ninguém que está sendo apedrejado faz isto; nossa imediata reação é cobrir o rosto e se proteger como puder; mas os olhos de Estevão não estavam em si mesmo, estavam nos céus, e em razão disto podemos dizer que ele foi fortalecido por Deus, ou até mesmo que foi “anestesiado”. Seria impossível em condições normais ele se ajoelhar e ficar olhando para o alto sem se defender, mas algo aconteceu com ele.

E quando colocamos os nossos olhos no Senhor independentemente de que tipo de situação estamos enfrentando, algo também vai acontecer conosco; seremos confortados e anestesiados pelo Senhor, e Satanás não será vitorioso. Pelo contrário, nós é que seremos mais que vencedores!

No caso de Estevão, o que veio além da vitória não foi o tratamento, pois ele passou à glória celestial, mas além de vencedor ele recebeu um galardão mais glorioso. É isto que acontece com os mártires; Hebreus 11:35 diz que alguns não aceitaram seu livramento porque visavam uma maior recompensa.

Quando passamos pelas provas e tribulações, Deus não somente nos prepara a vitória que inevitavelmente virá, mas usa o tempo em que nela estamos para tratar com nossa alma. O Senhor lida com todo apego excessivo que temos nas coisas terrenas e nos ensina a ter os olhos n’Ele; isto é ser mais que vencedor, é ser tratado por Deus e chegar ao fim da adversidade melhor do que entramos.

Esperando no Senhor

Se a vitória só vem no fim da prova, o que acontece até lá?

Podemos dizer que o tratamento acontece dentro da prova, no tempo em que a pessoa está esperando o livramento de Deus. O que faz alguém mais que vencedor não é uma vitória imediata, no primeiro “round” da luta; é justamente a espera que produz em nós este tratamento.

Vivemos na época dos instantâneos. Comida pronta congelada que em poucos minutos se prepara num forno microondas. Rápida locomoção e transporte, como o avião. Fac-símile, e outras coisas mais. Nossa geração não sabe ser paciente. E por causa disto não sabemos esperar; vivemos ansiosos, afobados e fazendo de tudo para ganhar tempo. Só que quando as provas e tribulações chegam, achamos que as orações têm que ser todas instantaneamente respondidas e que tudo deve se resolver com urgência; mas como na maioria das vezes não acontece assim, acabamos nos desesperando. Precisamos aprender a esperar, pois a espera produzirá preciosos frutos em nós se o permitirmos.

Entre toda promessa de Deus e seu cumprimento há um intervalo. Este intervalo é um período de espera até que tudo se cumpra. O mesmo se dá na adversidade. Entre o começo dela e seu fim (com nossa vitória) há um intervalo, em que devemos esperar.

A espera vai produzir mais resultados dentro de nós do que aquilo que veremos fora de nós neste tempo. Muita gente acha que a espera é uma desculpa dos que não crêem na intervenção imediata de Deus, mas na verdade ela é uma marca na vida daqueles que crêem! Fé e paciência caminham

juntas e não há meios de separá-las; vemos isto no ensino do Novo Testamento:

“Desejamos, porém, continue cada um de vós mostrando, até ao fim, a mesma diligência para a plena certeza da esperança; para que não vos torneis indolentes, mas imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdaram as promessas”.

Hebreus 6:11,12

Falando de perseverança, e de não se desesperar em meio às lutas, o escritor desta epístola fala sob a divina inspiração que é preciso que sejamos diligentes e imitemos aqueles que pela fé e paciência herdaram as promessas. Ou seja, não se herdaram as promessas divinas apenas por fé, mas pela fé e paciência juntas! Isto não dá sustento à visão de uma fé automática, mas leva-nos a ver que a espera faz parte do processo de intervenção divina em nossas vidas. Abraão foi chamado pai da fé e deixou-nos um exemplo a ser seguido; vemos isto na carta de Paulo aos romanos, no capítulo quatro, quando após chamá-lo de pai da fé, o autor diz que devemos seguir as pisadas da fé de Abraão; e em Hebreus ele é novamente apresentado como exemplo: *“E assim, depois de esperar com paciência, obteve Abraão a promessa.”* (Hb.6:15). Quando Deus fez a Abraão a promessa de dar-lhe um filho, ele tinha 75 anos (Gn.12:4), mas quando a promessa se cumpriu ele já estava com 99 anos (Gn.17:1), o que dá um período de espera de 24 anos!

O rei Davi também esperou muitos anos desde o dia em que Samuel o ungiu até aquele dia em que assentou-se sobre o trono de todo Israel.

A espera não é sinal de derrota ou de falta de fé, mas parte da operação da própria fé. É o período quando Deus estará trabalhando mais dentro de nós do que fora. A espera nos amadurece para que possamos receber o que o Senhor tem para nós; não passar o período de espera significa não estar pronto para a herança. O filho pródigo que o diga! Não quis esperar a hora certa de receber a herança, e ao antecipar-se ao momento devido, demonstrou não estar ainda preparado para o que tinha direito de receber. E justamente por não estar preparado acabou perdendo tudo: o dinheiro, o tempo fora de casa, sua moral e dignidade.

Verdadeiramente temos uma herança em Deus. Temos direito a tudo aquilo que o Pai Celestial nos tem prometido. Mas não encontramos em lugar algum da Bíblia qualquer alusão à posse instantânea delas. Quando esperamos em oração e fé algo da parte do Senhor, estamos amadurecendo para que possamos estar à altura daquilo que viermos a receber.

Não aprecio muito as campanhas promovidas por muitas igrejas que pregam a intervenção de Deus ao fim daquelas semanas; há momentos em que Deus tocará a pessoa na primeira oração que receber, e se isto não acontecer então precisamos ensinar esta pessoa a esperar no Senhor até que receba o que necessita. Não interessa se vai demorar um mês ou cinco anos!

Temos que ensinar o processo da espera e perseverança. Para a maioria destas igrejas, o máximo que se espera são as semanas da campanha, depois, se nada aconteceu acaba ficando por isso mesmo... A grande verdade é que tais campanhas exploram a credibilidade das pessoas e as amarram nas reuniões por mais tempo,

forçando-as a permanecerem na igreja. Não podemos deixar de desafiar as pessoas a crerem que o milagre e a intervenção do Senhor pode acontecer de imediato; contudo não podemos dar nenhuma garantia de que sempre será assim. Haverá momentos de espera e neles Deus não agirá apenas nas circunstâncias externas, mas principalmente nos valores internos.

Tenho aprendido muito com Moisés neste assunto. Ele viveu cento e vinte anos, que se dividem em três períodos de quarenta anos.

No primeiro período, o líder hebreu levou quarenta anos para achar que podia fazer a obra de Deus; seu engano foi apoiar-se em toda cultura, conhecimento, e educação que recebera no palácio de Faraó. Ao fim deste tempo tentou fazer a obra de Deus em sua própria força e capacidade e fracassou, o que o levou a fugir do Egito.

No segundo período, passou no deserto mais quarenta anos, ao fim dos quais ele chegou à conclusão que não podia fazer a obra do Senhor. Mesmo quando o Anjo do Senhor apareceu na sarça e o comissionou, ele ficou se desculpando, alegando não ser a pessoa ideal para o papel; após este período ele descobriu que não podia fazer nada de si mesmo.

E só então que o Senhor o envia como libertador, e os últimos quarenta de anos de sua vida foi gasto no ministério. Um ministério do porte do que recebeu Moisés não se forma da noite para o dia e nem em alguns anos de seminário! É necessário tempo, muito tempo para que toda a capacitação interior ocorra; é preciso esperar, pois é na espera que Deus forja o caráter.

Mas a espera, em algumas vezes, não envolve somente

a dimensão pessoal. No caso de Moisés, seus oitenta anos de preparação não eram apenas em função do tempo de Deus na vida dele, mas também de outros fatores envolvidos na mesma história. Havia o tempo de Israel como nação; o Senhor já falara antecipadamente a Abraão que sua descendência seria escravizada: *“Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos. Mas também eu julgarei a gente a que têm de sujeitar-se; e depois sairão com grandes riquezas”* (Gn.15:13,14). Só que embora Israel tivesse seu tempo dentro do plano de Deus, isto não dizia respeito a ele somente, mas para que Deus os pudesse livrar do Egito e levá-los a possuir Canaã, havia uma outra questão ainda: o tempo dos povos que habitavam em Canaã; o Senhor disse, na mesma ocasião, à Abraão: *“Na quarta geração, tornarão para aqui; porque não se encheu ainda a medida da iniquidade dos amorreus”* (Gn. 15:16). Para tirar a terra dos cananeus e entregá-la ao povo de Israel, havia um tempo onde a longanimidade de Deus estaria em operação, depois este tempo se esgotaria quando eles enchessem a medida da ira divina, o que resultaria em juízo. Ao dar a terra de Canaã aos hebreus, o Senhor não apenas cumpria seu plano na vida de seu povo, como também julgava aqueles povos que rejeitaram a Deus em seus pecados. Estas coisas aconteciam simultaneamente e tinham seu tempo. Mesmo antes de tudo isto ocorrer, mais de seiscentos anos antes, Deus já havia dito que seria assim. Ou seja, esta espera era necessária e não seria mudada. Foi o que o Senhor quis dizer ao anunciá-la previamente. Dentro de todo este contexto é que entrava o ministério de Moisés e foi por isso que ele

não foi aceito antes, ainda não era a hora; mas quando o tempo chegou, Deus o levantou.

Precisamos aprender a esperar no Senhor. Davi declarou: *“Esperei com paciência pelo Senhor, e ele se inclinou para mim e ouviu o meu clamor”* (Sl.40:1 - Revisada). Para um número considerável de pessoas entre o povo de Deus hoje, esta não é uma mensagem tão agradável, mas é bíblica. E será também um remédio para muitos que estão em crise! Não pare de crer no que Deus pode e quer fazer em sua vida. Se não acontecer imediatamente após a sua oração, persevere em buscar ao Senhor e crer que Ele agirá. Espere n’Ele até receber e, quando tudo terminar, você verá que não somente terá vencido a tribulação como também terá se tornado mais que vencedor. Você terá sido tratado e trabalhado por Deus e, ao fim do período de espera, descobrirá que enquanto aguardava no Senhor, Ele não apenas agiu nas circunstâncias, mas também o levou a alcançar mais maturidade.

E aconteça o que acontecer, saiba que Deus é soberano sobre todas as coisas a ponto de levá-lo a lucrar em qualquer situação e que, se você não tirar os olhos d’Ele, nada poderá afastá-lo do amor e cuidado d’Ele. Nada!

“Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor”.

Romanos 8:38,39

4

O CANTO DO GALO

O agir de Deus é invisível aos nossos olhos. Está além da compreensão de nossa mente. A multiforme sabedoria divina sempre trará surpresas, não somente a nós como também ao adversário de nossas almas.

É lógico que dentro daquilo que a Palavra de Deus afirma claramente sobre Deus mesmo, ou acerca do Reino e seus princípios, não devemos esperar mudanças ou surpresas; por exemplo, se lemos na Bíblia que a salvação é pela graça mediante a fé, não há perigo de que o Senhor mude de idéia e anule o que está escrito. Quando falamos de um agir imprevisível, referimo-nos àquelas coisas das quais as Escrituras não falam claramente sobre como Deus agirá. Há assuntos dos quais sabemos que Deus tem um compromisso de agir por ter prometido isto; a questão não é se Ele agirá ou não, pois sabemos que certamente agirá, a questão é como fará, e não há como prevermos isto.

Entretanto, dentro desta visão de um agir invisível aos olhos humanos, a Bíblia revela princípios que podemos saber que se manifestarão em nossas vidas. Quando nos rebelamos, Deus trata conosco. Quando nos ensoberbecemos, Ele trata conosco também. Em algumas

circunstâncias a ação divina poderá se mostrar um tanto quanto misteriosa. Gerações anteriores a nossa costumavam atribuir a Deus todas as coisas. Recentemente, Deus levantou muitos mestres e profetas que contribuíram com o Corpo de Cristo trazendo luz quanto a muitos princípios mal compreendidos, e pudemos ver que muitas vezes o diabo estava agindo em vidas não por uma permissão divina, mas por autorização da própria pessoa que quebrara princípios espirituais, dando assim lugar ao maligno. E em meio a tantos princípios que vieram à luz, começamos a ir para o outro extremo; e uma figura distorcida de Deus começou a ser proclamada, como se seu amor fosse colocado em questão quando permitisse que passássemos por provas e tribulações. Antes, tudo parecia vir de Deus; agora, tudo parece vir do diabo!

Mas a grande verdade é que nossos valores são tremendamente materialistas e corrompidos e nunca conseguimos ver os valores interiores de caráter que precisam ser formados em nós; e se esta formação de caráter nos custar perdas materiais, tenhamos certeza de que Deus não só a aprovará, como verá lucro nisto!

Neste capítulo quero partilhar um princípio que tenho aprendido com um dos meus pastores. Há momentos em que o Senhor quer que saibamos que nós não somos tudo o que pensamos ser. Nossa auto-suficiência e soberba impedem a ação de Deus em nós e através de nós. E quando viermos a nos encontrar em situação de perigo devido a estes sentimentos enganosos e ocultos em nossa alma, podemos ter certeza de algo: o Senhor tratará conosco!

O título deste capítulo é uma referência a como Deus tratou com Pedro na ocasião em que ele negava a Cristo e o

galo cantou. Convido-o a examinarmos a vida deste apóstolo e aprendermos com ele acerca disto.

Os discípulos eram homens falhos

Tiago, irmão do Senhor, escreveu acerca do profeta Elias, um dos maiores vultos do Velho Testamento: “*Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos...*” (Tg.5:17). Uma outra versão diz que “*era sujeito às mesmas paixões*”. A tradução de J. B. Phillips diz que “*ele era alguém tão humano quanto nós*”! Isto deixa bem claro como foi cada um dos homens a quem Deus muito usou em toda a história: frágeis, falhos, tentados, limitados em si mesmos. Não eram os super-heróis ou semi-deuses que pintamos em nossa imaginação. Cada um deles foi usado por Deus por dispor-se, anular-se, e deixar ser tratado.

Entre os doze apóstolos havia muita coisa humana, falhas na alma e no caráter que precisavam ser corrigidas. O sentimento de terem sido os escolhidos do Messias certamente afetou a cada um deles. A honra de terem a constante companhia e intimidade de Jesus, de verem seus milagres e prodígios, e também de serem usados por Deus para operação de maravilhas se torna uma descarga poderosa em cima do ego de qualquer um. E, inicialmente, eles ainda não sabiam como lidar com isto; a sensação de grandeza e superioridade penetrou o interior deles, e pode ser claramente vista em alguns episódios narrados nos evangelhos.

Em determinada ocasião, dois deles, sem ainda entender a natureza do Reino que Jesus estava proclamando,

quiseram tornar-se os dois homens mais influentes depois de Jesus em seu reinado:

“Então, se aproximaram dele Tiago e João, filhos de Zebedeu, dizendo-lhe: Mestre, queremos que nos concedas o que te vamos pedir.

E ele lhes perguntou: Que quereis que vos faça?

Responderam-lhe: Permite-nos que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda.

Mas Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu bebo ou receber o batismo com que eu sou batizado?

Disseram-lhe: Podemos. Tornou-lhes Jesus: Bebereis o cálice que eu bebo e receberéis o batismo com que eu sou batizado; quanto, porém, ao assentar-se à minha direita ou à minha esquerda, não me compete concedê-lo; porque é para aqueles a quem está preparado.

Ouvindo isto, indignaram-se os dez contra Tiago e João.”

Marcos 10:35-41

Observe que os outros dez indignaram-se contra Tiago e João, mas não por aceitarem o que Jesus lhes falara, e sim porque cada um deles também estava tomado do mesmo sentimento egocêntrico e soberbo. O restante da narrativa de Marcos mostra que Cristo teve que chamá-los para junto de si e estabelecer a ótica correta quanto ao ministério, que é baseada no serviço e não na posição:

“Mas Jesus, chamando-os para junto de si, disse-lhes: Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiores exercem autoridade.

Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos.

Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.”

Marcos 10:42-45

Em meio a este desejo de ser, a esta ânsia de posição, poder e prosperidade, Tiago e João, filhos de Zebedeu foram confrontados por Jesus com a afirmação de que posição como a que eles haviam pedido Ele não podia lhes prometer, mas beber do seu cálice (e isto fala de sofrimento) era algo que eles podiam ter certeza que experimentariam. Em nossos dias, estimulamos muito a busca de poder e prosperidade como se isto fosse a coisa mais importante que um cristão pudesse vir a experimentar, mas Deus está levantando seus profetas para declarar que Ele espera que bebamos o cálice das provações e saíamos não só como vencedores ao fim delas, mas tratados por Ele! Assim como o ouro provado no fogo se torna mais limpo, também sob o tratamento de Deus em meio à adversidade e crises externas e internas, seremos também aperfeiçoados. E isto faz parte do agir divino.

Até esta hora, contudo, os discípulos que Jesus escolhera ainda não haviam sido trabalhados interiormente

naquele sentido. E o curioso é que o próprio evangelista Marcos relata no capítulo anterior que tal problema já havia se manifestado no meio dos doze e que Jesus, por sua vez, também já havia chamado a atenção deles, ensinando-lhes os conceitos corretos; mas eles só tinham ouvido o Senhor, ainda não tinham aprendido. Observe:

“Tendo eles partido para Cafarnaum, estando ele em casa, interrogou os discípulos: De que é que discorríeis pelo caminho?”

Mas eles guardaram silêncio; porque, pelo caminho, haviam discutido entre si sobre quem era o maior.

E ele, assentando-se, chamou os doze e lhes disse: Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos.”

Marcos 9:33-35

Lucas também nos mostra este tipo de sentimento entre os apóstolos: *“Suscitaram também entre si uma discussão sobre qual deles parecia ser o maior.”* (Lc.22:24). O que precisamos notar é que este sentimento de grandeza entre eles era algo que cada um já carregava dentro de si quando Jesus os chamou, mas que certamente só se manifestou depois. Tente imaginar-se no lugar de Pedro na pesca milagrosa, e imagine que história de pescador isto não daria! Coloque-se no lugar dele e tente imaginar-se andando sobre as águas, coisa da qual não se ouvira dizer que um vivente experimentara. E o que não dizer da multiplicação de pães, das curas, libertações, e tantos outros milagres! Mas não era só isto; eles eram os

escolhidos do Messias e estavam sendo preparados para uma tarefa ainda maior... O coração de cada um deles começou a se ensoberbecer, e começaram a pensar de si mesmo mais do que realmente eram.

Eles haviam se tornado tão importantes, que achavam que mais ninguém poderia fazer o que Jesus lhes mandara fazer. E externaram este sentimento na primeira ocasião que surgiu:

“Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que, em teu nome, expelia demônios, o qual não nos segue; e nós lho proibimos, porque não seguia conosco.

Mas Jesus respondeu: Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e, logo a seguir, possa falar mal de mim.

Pois quem não é contra nós é por nós.”

Marcos 9:38-40

Só eles podiam fazer aquilo; outra pessoa não! Ninguém poderia brilhar como eles brilhavam ao lado de Jesus. Este sentimento foi externado diversas vezes. Quando uma aldeia de samaritanos não quis receber Jesus, dois deles quiseram orar para que descesse fogo do céu e os consumisse. Propuseram isto a Jesus imitando o estilo de Elias. Ao falarem assim, não estavam apenas demonstrando ser guardiões da “reputação” de Jesus, mas já se achavam tão “homens de Deus” quanto Elias. Precisamos ter muito cuidado quando crescemos em Deus, para que o diabo não encha os nossos corações de orgulho. Conteí como o anjo de Deus se referiu ao meu ministério na época em que me acidentei. O Senhor permitiu e usou

aquilo para que eu não crescesse ao ponto de ensoberbecer e cair. Nunca achamos que isso possa acontecer conosco; é sempre com os outros, nunca conosco! Mas as Escrituras advertem que quem está em pé deve cuidar para que não venha a cair (I Co.10:12).

Este sentimento foi se avolumando nos apóstolos até este nível de cegueira, em que a pessoa acha que a queda pode acontecer com os que estão à sua volta, mas não consigo mesma. Vejamos isto de forma específica na vida do apóstolo Pedro:

“Então, lhes disse Jesus: Todos vós vos escandalizareis, porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas. Mas, depois da minha ressurreição, irei adiante de vós para a Galiléia.

Disse-lhe Pedro: Ainda que todos se escandalizem, eu, jamais!

Respondeu-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje, nesta noite, antes que duas vezes cante o galo, tu me negarás três vezes.

Mas ele insistia com mais veemência: Ainda que me seja necessário morrer contigo, de nenhum modo te negarei. Assim disseram todos.

Marcos 14:27-31

“Ainda que todos se escandalizem, eu, jamais!”
Você percebe esta mentalidade em Pedro? Ele se achava tremendamente fiel ao Senhor, mas estava prestes a descobrir que não era tudo o que pensava ser. E embora nosso enfoque esteja em Pedro, que se achou melhor que os outros, note que cada um deles disse que se preciso fosse morreria com

Jesus. Eles realmente acreditavam em sua espiritualidade e fidelidade! Mas na hora em que Cristo foi preso, todos fugiram (Mc.14:50). Nenhum deles ficou por perto. “*Pedro seguiu-o de longe até ao interior do pátio do sumo sacerdote e estava assentado entre os serventuários, aquecendo-se ao fogo.*” (Mc.14:54). Mesmo não abandonando completamente a Jesus, Pedro permaneceu à distância, de onde pudesse satisfazer sua curiosidade do que viria a ocorrer, mas ao mesmo tempo salvar sua pele. E foi este distanciamento que o levou ao passo seguinte, já antes profetizado pelo Mestre: negar três vezes a Jesus.

“Estando Pedro embaixo no pátio, veio uma das criadas do sumo sacerdote e, vendo a Pedro, que se aquecia, fixou-o e disse: Tu também estavas com Jesus, o Nazareno.

Mas ele o negou, dizendo: Não o conheço, nem compreendo o que dizes. E saiu para o alpendre. [E o galo cantou.] E a criada, vendo-o, tornou a dizer aos circunstantes: Este é um deles.

Mas ele outra vez o negou. E, pouco depois, os que ali estavam disseram a Pedro: Verdadeiramente, és um deles, porque também tu és galileu.

Ele, porém, começou a praguejar e a jurar: Não conheço esse homem de quem falais!

E logo cantou o galo pela segunda vez. Então, Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe dissera: Antes que duas vezes cante o galo, tu me negarás três vezes. E, caindo em si, desatou a chorar.”

Marcos 14:67-72

Mateus em seu relato declara que Pedro chorou amargamente. Marcos enfatiza que ele irrompeu em prantos assim que “caiu em si”.

Caindo em si

O fato dele ter caído em si quando o galo cantou, mostra que até então estava um pouco fora de si. Nosso coração muitas vezes nos engana, levando-nos a achar que somos mais do que realmente somos. Pedro havia fantasiado seu amor e fidelidade ao Senhor; construía também um sentimento de grandeza em si, e de repente tudo foi para o chão. Ele descobriu que não era tão forte assim; descobriu também que havia uma grande distância entre o que ele achava ser e o que de fato era.

É por isso que o Novo Testamento enfatiza muito o cuidado para que não nos enganemos a nós mesmos. Na carta aos romanos, Paulo declarou: “...*digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém, antes, pense com moderação...*” (Rm.12:3). Cada um de nós passará por momentos de crise semelhante à do apóstolo; elas não são tão negativas quanto parecem; na verdade são tremendamente positivas, pois trabalham o nosso caráter.

Curioso, porém, foi Jesus relacionar este momento de límpida autoconsciência de Pedro com o cantar do galo. E sei de uma coisa: não é coincidência estas duas coisas estarem relacionadas; tudo o que foi escrito, foi escrito para nosso ensino. O canto deste galo tem uma figura, fala de um sinal, um alarme, um testemunho que nos fará cair em si e ver quem de fato somos. Note que é quando o galo canta

que Pedro lembra-se do que Jesus lhe dissera; logo, o canto do galo é um sinal que Deus usa para nos despertar e mostrar quem realmente somos. É o despertador de Deus!

Por que Jesus não impediu?

O Senhor Jesus Cristo, sabendo de antemão o que o apóstolo iria passar, avisou-o antes que acontecesse. Mas porque Jesus não fez nada para o livrar?

Por que não impediu?

Porque era necessário que Pedro passasse por isto; era parte do tratamento de Deus na vida e ministério dele. E mais: não era um acontecimento meramente humano, mas espiritual; Lucas, o médico amado, registra este detalhe:

“Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo!

Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos.

Ele, porém, respondeu: Senhor, estou pronto a ir contigo, tanto para a prisão como para a morte.

Mas Jesus lhe disse: Afirmando-te, Pedro, que, hoje, três vezes negarás que me conheces, antes que o galo cante.”

Lucas 22:31-34

Observe que até Satanás estava envolvido nisto!

O diabo também ouvia as afirmações de grandeza e espiritualidade que os discípulos ostentavam e por isso pediu a Deus para peneirar a vida deles do mesmo modo

como se peneirava o trigo. E o interessante é que ele recebeu a permissão divina para isto. Jesus estava apenas alertando Pedro que iria acontecer para que, quando acontecesse, ele soubesse da soberania de Deus sobre todas as coisas.

Mas em momento algum Cristo disse que impediria o diabo. Ao contrário, Ele estava fortalecendo Pedro e dizendo que aquilo realmente iria acontecer. Jesus não só não impediu, como também não mandou que Pedro resistisse ao diabo. Nada foi dito sobre orar contra aquilo, fazer guerra espiritual ou mesmo usar a autoridade espiritual. Porque esta era uma ação maligna sob permissão divina. Era mais uma daquelas muitas vezes que Deus coloca Satanás para trabalhar para Ele!

Toda esta cena de perseguição a Jesus que ocorreu no jardim em que foi preso, e tudo aquilo que se seguiu, estava debaixo de uma ação maligna. A pressão das pessoas sobre Pedro indagando se ele não estava junto com Cristo, o próprio medo que ele sentiu e que deve ter sido incrementado por pensamentos sombrios, todos aqueles acontecimentos estavam sendo empurrados pelo adversário. Jesus mesmo declarou no jardim: *“Esta é a hora e o poder das trevas”* (Lc.22:53). Contudo nada saiu (e nada sai) debaixo da soberania de Deus, que sempre age por sua multiforme sabedoria.

Embora Jesus não tenha impedido este acontecimento, não significa que não tenha havido intervenção sua. Ele mesmo declarou a Simão Pedro que havia orado e intercedido em favor dele; e deu a entender com isto que ele não apenas venceria a batalha, mas que ao final também seria tratado e trabalhado por Deus: *“quando*

te converteres, fortalece a teus irmãos”... e foi exatamente isto que aconteceu.

Há momentos em que não vemos o Senhor ao nosso lado; e essa sensação de estar sozinho parece ocorrer justamente sob os mais intensos e violentos ataques das trevas, mas podemos ter a certeza de que jamais estaremos abandonados, pois Cristo intercede por nós! Quando Estevão estava sendo apedrejado, viu Jesus em pé a direita de Deus; o Senhor intercedia por ele e quis que Estevão soubesse para que tal certeza o fortalecesse. Foi também por isso que Cristo avisou Simão que já havia orado antes, pois esta certeza nos fortalece em momentos de dificuldade. O Senhor nunca deixa de interceder por nós; nunca mesmo!

Tenha certeza disto!

Jesus avisou Simão Pedro que ele iria passar por aquilo, e não impediu o diabo, pois era necessário que ele passasse pelo que passou! Pedro tinha que passar pela peneira. O diabo queria com isto derrubá-lo. Deus, sabendo de antemão que este fim não seria alcançado, permitiu que a peneira maligna viesse sobre seu servo.

Mas quando veio a peneira, o diabo acabou trabalhando para Deus e permitiu que Pedro experimentasse um profundo quebrantamento e se despojasse da altivez e grandeza que arruinariam seu ministério... Aleluia! Nosso Deus é tremendo em sua forma de tratar conosco.

As vezes, as provações são mal compreendidas no meio eclesiástico. Alguém disse que o Senhor nos prova para saber quem somos, mas esta não é a verdade, pois Ele é onisciente, sabe todas as coisas mesmo antes que aconteçam.

Então, por que Ele nos prova?

Ele o faz para que nós saibamos quem realmente somos. Pedro foi provado para que soubesse que não era tudo o que pensava ser; Deus sabia que ele não era. E nós também seremos provados neste sentido. É o momento em que o galo canta nas nossas vidas e nos desperta. É o momento em que nossa soberba e espiritualidade fingida caem por terra.

É justamente nesta crise que o quebrantamento de Deus vem e opera em nós.

O canto do galo

Diversas situações podem enquadrar-se como o cantar do galo em nossas vidas; na verdade toda crise que nos leva a perceber que não somos tudo o que pensávamos ser pode ser vista como este alarme divino. Decepções consigo mesmo por não atingir as metas, por tropeçar em áreas que já julgávamos tratadas, por esfriar espiritualmente depois de um período de avivamento interior e assim por diante.

Estabelecido o conceito genérico do que pode ser este galo cantando em nossas vidas, quero me deter em um aspecto específico onde percebo que muita gente se prende sem entender o que está acontecendo, ou mesmo sem sequer imaginar que possa haver uma permissão divina para este tipo de crise. Penso ser este um dos cantos do galo; um alarme que mais se repete na vida dos cristãos: a angústia.

Há diferentes tipos de angústia, mas refiro-me àquela para a qual, normalmente, não temos uma explicação. Em que não conseguimos encontrar razão ou

motivo para que ela chegasse a alojar-se em nós.

Lembro-me de quando o pastor Francisco Gonçalves nos ministrou neste sentido pela primeira vez e abriu nossos olhos para ver uma outra dimensão da angústia na vida do crente. Isto aconteceu no ano seguinte ao acidente que mencionei e eu me encontrava em grande crise. Ele nos perguntou: - “O que vocês acham da dor? É algo bom ou ruim?” Todos afirmaram ser ruim, e então ele declarou: - “Se não fosse a dor, você colocaria o braço no fogo e só iria perceber quando só tivesse sobrado do cotovelo para cima!” Todos riram, e foi aí que ele acrescentou: - “A dor, na verdade, é um sinal de que alguma coisa em algum lugar não está bem e precisa ser tratada”. A partir daí ele discorreu sobre a febre não como algo ruim mas que, à semelhança da dor, fazia parte do sistema de defesa de nosso organismo. Que também é um sinal de que alguma coisa em algum lugar não está bem e precisa ser tratada. Se não fosse a febre, nosso corpo poderia apodrecer de tanta inflamação; mas ela é um sinal de advertência e nos leva a sermos tratados. Semelhantemente, o medo também pode ser visto sob esta ótica; se não fosse o medo, as crianças sairiam colocando o dedo em tudo quanto é buraco de bicho! O medo é um mecanismo de defesa e autopreservação. Há alguns sinais de advertência que Deus colocou em nós, e a angústia é um deles. *Ela é um sinal de que alguma coisa em algum lugar não está bem e precisa ser tratada.* Foi isto que Pedro sentiu aquela noite que chorou amargamente; não era apenas a decepção de descobrir que não era tudo o que pensava ser, mas um testemunho interior de algo não estava bem e precisava ser resolvido. O galo cantou na vida de Simão Pedro; mas o verdadeiro sinal de advertência não foi aquela

ave, e sim a angústia que se instalou em seu interior. Existem diversos tipos de choro, mas penso que o pior de todos seja este que ele experimentou: o choro amargo. Não há alívio neste tipo de choro. Ele nos dilacera por dentro e quanto mais choramos, mais vontade temos de chorar. Mas isto tudo foi muito positivo na vida do apóstolo. Muita gente diz que Pedro foi mudado no dia de Pentecostes, mas creio que sua mudança (ou conversão, como denominou Jesus) começou mesmo foi naquela noite e com aquele tratamento de Deus em sua alma.

Compreendendo as noites escuras

Um dos períodos de crise mais difíceis para muitos é o que eu chamo de “noites escuras”. Há momentos em que nos sentimos desprovidos de qualquer tipo de iluminação ou direção, perdidos e impotentes. Hoje temos muita vantagem em relação as pessoas que viveram nos períodos bíblicos. Com a energia elétrica e o avanço da tecnologia podemos fazer muita coisa durante a noite. Eu mesmo sou um dos muitos corujões que gostam de trocar a noite pelo dia. Mas naquela época as pessoas ficavam muito limitadas pois não podiam fazer nada até que amanhecesse.

Assim são nossas crises. Sentimo-nos atados em meio a angústia, a ponto de não podermos fazer nada até que a noite acabe e venha a luz do dia. Não bastasse este sentimento de impotência, vem também o medo. Medo do escuro é das coisas mais comuns entre as crianças. E há aqueles em que, mesmo crescendo, não conseguem livrar-se deste pavor. A noite escura sugere o incerto, o inesperado, o imprevisível.

Não é um momento em que explicamos os medos, mas em que temos medo do que nem sabemos!

Some-se ao medo o frio e o desconforto. Pedro sentiu isto naquela noite, pois foi aquecer-se ao fogo.

É exatamente nestas circunstâncias que o galo cantará em nossas vidas, pois é de noite que ele canta!

Estamos vendo na noite o aspecto da escuridão, das trevas. Consideremos alguns princípios acerca das trevas: Tem tesouros ocultos; algumas versões traduzem Isaías 45:3 dizendo: “*dar-te-ei os tesouros das trevas*”. Deus tem tesouros para nós reservados nesses momentos. Entre eles está o tratamento de nossa alma (que nesta hora torna-se bastante vulnerável ao Senhor).

A noite (ou trevas) foi criada por Deus. Às vezes imaginamos trevas como algo estritamente maligno, mas as Escrituras afirmam que Deus criou as trevas (Is.45:7); há um aspecto nelas que não tem nada de negativo.

Por exemplo, no natural é um momento de descanso que o Senhor deu aos homens. Quando estamos vivendo a crise das noites escuras devemos nos conscientizar que não é hora de tentar fazer nada, mas simplesmente descansar no Senhor. As trevas também podem ser vista como um lugar onde *a vida está sendo gerada!* Gênesis relata que na criação havia trevas sobre a face da terra, e neste ambiente a vida foi gerada; a semente sob o solo é outro exemplo, e a criança no ventre materno é ainda um exemplo da vida sendo gerada em meio às trevas. A Bíblia ainda cita uma figura, a vara de Arão que floresceu (Nm.17:1-11). Ela era apenas um pedaço de pau seco, mas floresceu quando foi colocada na tenda da revelação conforme a instrução do Senhor! A vida se manifestou enquanto a vara foi guardada onde não

havia nenhuma iluminação, no Santo dos Santos, diante da arca do testemunho.

Se você está enfrentando as noites escuras, anime-se! Reconheça que o agir de Deus em nossas vidas vai muito além do nosso limitado entendimento. Ele não age só quando achamos ou vemos que age, mas Ele opera sempre. E na maioria das vezes não conseguiremos entender como as coisas estão acontecendo até que tudo termine. Fique firme sabendo que Deus é fiel e tem cuidado de nós! Às vezes, sentimo-nos como se estivéssemos no Polo Norte, no período das noites eternas; parecem não terminar... mas vão terminar e haverá alegria ao amanhecer:

“Porque não passa de um momento a sua ira; o seu favor dura a vida inteira. Ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã.”

Salmos 30:5

Esta crise terá o seu fim. E o Sol nascente brilhará sobre os tesouros que ficaram.

Depois do canto do galo

Vemos claramente que um novo Pedro surgiu com o fim da noite escura. O evangelho de João nos mostra isto numa das últimas conversas que Cristo teve com ele. As palavras de Jesus sugerem muita coisa que, numa leitura rápida, acabam passando despercebidas aos nossos olhos.

“Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes

outros? Ele respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Ele lhe disse: Apascenta os meus cordeiros.

Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: Simão, filho de João, tu me amas? Ele lhe respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Pastoreia as minhas ovelhas.

Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, tu me amas? Pedro entristeceu-se por ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu me amas? E respondeu-lhe: Senhor, tu sabes todas as cousas, tu sabes que eu te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as minhas ovelhas.

Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, tu te cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; quando, porém, fores velho, estenderás as tuas mãos e outro te cingirá e te levará para onde não queres.

Disse isto para significar com que gênero de morte Pedro haveria de glorificar a Deus. Depois de assim falar, acrescentou-lhe: Segue-me.”

João 21:15-19

Porque o Senhor pergunta por três vezes o mesmo assunto, quando na verdade não precisava perguntar nenhuma, visto que após a ressurreição e conseqüente glorificação, o atributo da onisciência do qual Cristo se despira temporariamente voltara a operar em plenitude na sua vida? Se sabendo todas as coisas ainda assim perguntou, concluímos que o fez não por necessidade da resposta, mas para conduzir o apóstolo a uma sincera auto-avaliação. Penso que o que realmente o Senhor queria era justamente isto; levar Pedro a olhar dentro de si mesmo e reconhecer onde ele estava em relação ao seu amor a Cristo.

Lembre-se que antes Simão Pedro achava que amava ao Senhor Jesus à ponto de dar sua própria vida por Ele, e de repente veio a descobrir que não era tudo o que pensava ser e nem tampouco amava tanto quanto achava. E depois de sua decepção, Pedro passa a achar que não amava tanto o Senhor; é dentro deste dilema vivido pelo apóstolo, que Cristo o leva a examinar-se a si mesmo e localizar-se espiritualmente onde ele verdadeiramente estava quanto ao seu amor. Vemos isto na maneira como as perguntas lhe foram feitas pelo Senhor e pela promessa que ele lhe fez depois delas.

Há um jogo de palavras no original grego que não percebemos na tradução do Português; trata-se da palavra “amor”. O grego usa palavras diferentes para conotar expressões diferentes do amor; se a referência ao amor é física, sexual, então a palavra grega empregada é “*eros*”; se a conotação do amor for fraternal, então é “*fileo*”; e quando trata-se um amor perfeito, intenso, do tipo de Deus, a palavra usada é “*ágape*”.

No português não temos este tipo de diferença; contudo, Jesus usou diferentes tipos de palavras na conversa com Pedro. Na primeira pergunta, Ele diz: - “Tu me amas (ágape)”?. E Pedro lhe responde: - “Tu sabes que te amo (Fileo)”. Na segunda vez se dá o mesmo, Jesus pergunta se Pedro o ama no nível mais alto de amor – o ágape - e Pedro reconhece que ama, mas nem tanto – seu amor só é fileo. Como não consegue levar Pedro ao seu nível, Jesus desce ao dele e na terceira vez lhe pergunta: - “Tu me amas (fileo)”?. E então Pedro diz: - “Senhor, tu sabes todas as coisas, tu sabes que eu te amo (Fileo)”. É como se por mais uma vez ele afirmasse: - “O meu amor não vai além disto e eu não quero me enganar de novo”. Talvez até pudéssemos traduzir estas

diferentes palavras como: amar (ágape) e gostar (fileo). Portanto para as perguntas de Jesus a Pedro: “Você me ama?” as respostas seriam: “Senhor, você sabe que eu gosto de você”.

Mas Jesus termina dizendo que ele viria a glorificar a Deus através de sua morte; ou seja, que chegaria o dia em que ele amaria tanto ao Senhor como achou que amava no começo. E nesta promessa de que Pedro daria sua vida por Ele, Jesus declarou até mesmo que tipo de morte seria; o apóstolo estenderia suas mãos, um tipo de morte comum nos dias do Império romano: a crucificação. E a tradição diz que quando o imperador Nero mandou crucificá-lo (entre 64 a 67 d.c.), Pedro teria dito: - “Não sou digno de morrer como o meu Senhor”. E então teria pedido que o crucificassem de cabeça para baixo, o quê, se de fato ocorreu, foi uma demonstração ainda maior de amor a Jesus Cristo.

Somente quando descobrimos que não somos tudo quanto pensamos e enxergamos nossas fraquezas e vulnerabilidades (na maioria das vezes em meio às crises) é que Deus vai trabalhar profundamente em nós. Este é um tipo de ação de Deus que não vemos com os nossos olhos. Quando estamos no meio destas crises, normalmente não entendemos o que está acontecendo e nem tampouco achamos que Deus possa estar agindo, mas Ele sempre estará operando em nós, mesmo quando não vemos!

Não restrinja o agir de Deus só ao que você vê e compreende, mas permita-lhe ser Senhor em sua vida. Confie n’Ele em toda e qualquer circunstância, e saiba que a seu tempo tudo será esclarecido. E você terá sido aperfeiçoado e conduzido a um nível de maior maturidade.

5

NAS ASAS DA ÁGUIA

“Como a águia desperta o seu ninho, adeja sobre os seus filhos e, estendendo as suas asas, toma-os, e os leva sobre as suas asas, assim só o Senhor o guiou, e não havia com ele deus estranho”.

Deuteronômio 32:10,11

O texto acima é parte do cântico que Moisés cantou antes de morrer; foi seu último cântico e foi proferido no limiar da terra prometida. Israel tinha chegado bem próximo à Canaã, sem contudo possuí-la. Moisés não chegou a entrar na terra, somente a avistou de longe. E numa verdadeira retrospectiva, ele olha para trás e fala da forma que Deus os havia conduzido desde que deixaram o Egito. E a ilustração natural que ele encontrou para resumir o que espiritualmente lhes ocorrera foi a da águia em seu vôo de adejamento. A ação de Deus em prol de seu povo foi por ele comparada com o a águia que leva seus filhotes em suas asas.

Primeiramente precisamos entender a ilustração natural para então entendermos o significado espiritual da afirmação deste profeta do Senhor. Os escritores da Bíblia

tomavam exemplos das coisas que eles conheciam muito e bem e que dispensavam explicações em seus dias. Mas no tocante a nós, a compreensão não vem assim tão rápida!

Eu nunca vi uma águia de perto, só em fotos e filmes; não entendo nada de águias, de modo que quando leio um texto bíblico dizendo: “*como a águia*”... isto não me diz nada. Mas um dia resolvi entender o comportamento da águia, e o que significa voar nas asas dela. O que descobri me tocou profundamente, pois pude ver esta verdade natural como um paralelo do agir de Deus em nossas vidas. Lembre que Moisés estava olhando para trás e repassando a forma como Deus tinha agido para com eles quando deu esta ilustração, o que nos faz perceber que o Espírito Santo permitiu-lhe ver algo concernente ao agir de Deus. O Senhor age mediante seus princípios, e como eles não mudam, seu agir também não. O que Moisés falou, na verdade é um princípio para nós hoje também. Não se trata apenas de história, de algo do passado, mas sim de um princípio que se encaixa perfeitamente em nosso viver cristão.

Os filhotes da águia são quem voam em suas asas. Na hora em que precisam aprender a voar, a mãe águia os tira do ninho com sua asa e os leva para um passeio; lá pelo meio do passeio ela sacode a asa e joga o filhotinho para o alto, que no susto, no desespero, começa a bater suas asas, e é assim que aprende a voar. Geralmente o filhotinho não consegue voar no primeiro susto e despenca em direção ao solo; nestas ocasiões a águia mãe dá um vôo rasante e vai buscá-lo; leva-o de volta ao ninho e tempos depois vai repetir o processo até que ele aprenda a voar.

Este vôo nas asas da águia não é panorâmico, é um

momento quando a maturidade *é imposta*. Trata-se de um tempo de amadurecimento, onde o filhote deixa de ser totalmente dependente e tem que ganhar sua própria vida. Logo, ao referir-se a Deus levando seu povo nas asas da águia, Moisés não falava de um vôo panorâmico, mas de um tempo onde o Senhor estava exigindo deles a maturidade. Até então Deus tinha feito tudo pelo povo, mas agora eles haviam chegado a um ponto onde teriam que crescer. Querendo ou não teriam mesmo que crescer!

Deus agiu assim com Israel e age assim conosco. Esta é uma crise pela qual *cada* cristão passa, sem distinção. Esta não é uma hora agradável. Ninguém gosta de deixar o ninho.

Para que sair atrás de comida se no ninho só se precisa abrir a boca para comer o que a águia mãe traz?

Eu não exageraria a ponto de dizer que é traumático, mas, certamente é um choque. Você sempre teve tudo à mão e de repente tem que se virar! O fácil ao qual estávamos acostumados se vai, e repentinamente tudo fica difícil. Não penso que alguém consiga ver tudo isto com alegria, pois é um momento de crise interior. Reflete abandono, rejeição.

Se Deus sempre fez tudo por nós, porque agora vai deixar de fazer?

Não vemos isto com bons olhos até entendermos o que de fato está acontecendo. A verdade é que muitos cristãos não chegam a entender isto nunca! Culpam a Deus achando que Ele os rejeitou e acabam não crescendo nunca. Tomam o susto e mesmo assim não voam. Voltam ao ninho e o processo se repete; e como nunca voam, suas vidas tornam-se aquela mesmice de ficar sendo

jogados para o alto, ter o frio na barriga, despencar precipício abaixo até que o Senhor os salve e recolha ao ninho. E depois tudo de novo...

A águia não é considerada uma mãe desnaturada por fazer isto com seus filhotes, pois sabemos que o que ela faz é benéfico, importante e indispensável. Só que quando o Pai Celeste age assim conosco, não entendemos e o acusamos. Esta crise de aparente abandono e rejeição é inevitável; é parte integrante da vida cristã. Se ainda não aconteceu com você, vai acontecer, é questão de tempo. É o amor de Deus nos forçando a amadurecer.

Se você já passou por isso, é importante que você entenda o que aconteceu, pois muitos cristãos ficam magoados com Deus e acabam interpretando errado os fatos, o que lhes impede de crescer e implica na repetição do processo. Caso ainda não tenha passado por isso, é importante que saiba o que de fato estará acontecendo na hora em que isto ocorrer. Assim você não vai se desesperar e nem tampouco culpar a Deus.

Deixando a meninice

Precisamos crescer! A Bíblia fala do crescimento espiritual num perfeito paralelo com o crescimento natural. Menciona as criancinhas que precisam de leite e o adulto que come alimento sólido. Não há como ignorar o crescimento pois ele faz parte da vida. O apóstolo Paulo declarou: *“Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino.”* (I Co.13:11). Quando somos crianças,

comportamo-nos como tal, e as outras pessoas também nos tratam assim; mas ao crescermos, não somente temos que deixar de agir como crianças, mas as pessoas a nossa volta, e em especial os pais, também têm que deixar de nos tratar como crianças.

Quando casei, minha mãe entrou comigo na igreja; e seria um absurdo se ela entrasse me carregando no colo! Não importa se ela me carregou quando eu era um criança; a partir do momento que cresci ela começou a me tratar de acordo com o crescimento. Não se pode permanecer na infância para sempre, nem naturalmente e nem espiritualmente.

Temos que deixar de ser crianças birrentas e aceitar nosso crescimento. Como inicialmente ele aparenta abandono, acabamos por não dar as boas vindas à ele mas, depois, somos gratos por termos amadurecido.

As mudanças para Israel

Basicamente, a diferença no agir de Deus para com os israelitas entre a fase de voarem nas asas da águia, e a fase do amadurecimento “forçado” ao entrarem em Canaã, são quatro:

- *alimento especial* - o maná diário;
- *proteção especial* - vestes e sapatos que não se envelheciam;
- *direção especial* - coluna de nuvem de dia e a de fogo à noite;
- *ausência de guerra* - Deus os desviou do caminho da Filistia exatamente por isso, para não verem a guerra.

Em cada uma destas áreas o povo israelita provou mudanças drásticas. Foi como se o Deus que eles conheceram passasse por uma grande mudança! Sabemos que Deus não muda, n'Ele não há mudança e nem sombra de variação.

Entretanto, como esta fase de amadurecimento vem revelando um aspecto do agir de Deus que até então não conhecíamos, pode parecer que Ele mudou. Mas a verdade é que chegou o tempo em que nós devemos mudar, e se não levarmos um “empur-rãozinho” neste sentido, ficaremos eternamente acomodados.

O alimento especial

Tão logo Israel saiu do Egito, viu-se num deserto onde não havia como plantar e colher seu próprio alimento, não só pela questão de ter ou não terra fértil, como também pelo fato de que estavam a caminho de Canaã e somente lá se fixariam definitivamente.

Mas logo chegaram ao questionamento: o que comeremos?

E Deus lhes deu o maná, o pão do céu:

“E, quando se evaporou o orvalho que caíra, na superfície do deserto restava uma cousa fina e semelhante a escamas, fina como a geada sobre a terra.

Vendo-a os filhos de Israel, disseram uns aos outros: Que é isto? Pois não sabiam o que era. Disse-lhes Moisés: Isto é o pão que o Senhor vos dá para vosso alimento.

Deu-lhe a casa de Israel o nome de maná; era como semente de coentro, branco e de sabor como bolos de mel.

E comeram os filhos de Israel maná quarenta anos, até que entraram em terra habitada; comeram maná até que chegaram aos termos de Canaã.”

Êxodo 16:14,15,31,35

Durante quarenta anos foram sustentados desta forma milagrosa pelo Senhor, mas ao entrarem em Canaã e comerem do fruto da terra, cessou o alimento especial.

“No dia imediato, depois que comeram do produto da terra, cessou o maná, e não o tiveram mais os filhos de Israel; mas, naquele ano, comeram das novidades da terra de Canaã.”

Josué 5:12

Foi como se Deus lhes dissesse: - “Enquanto não havia meios de vocês se sustentarem por si mesmos, Eu o fiz por vocês. Mas agora é com vocês, estão por conta própria”. Não que o Senhor deixaria de estar com eles, mas agora teriam que se esforçar para terem seu próprio alimento.

E a aplicação disto é que no começo de nossa caminhada da fé experimentamos durante um tempo o alimento especial. Onde quer que abrissemos as nossas Bíblias Deus falava, até mesmo nas genealogias! Só que depois de um tempo na caminhada da fé, todos passamos por aquela crise quando parece que a fonte secou; que a Palavra já não é mais a mesma. Falta-nos algo, e não se trata apenas de ânimo ou motivação, mas é como se a própria Bíblia tivesse mudado de repente... E o que não dizer daquelas promessas tão vivas em nosso coração e que nos sustentavam nas horas difíceis, mas que agora não

parecem mais do que meras lembranças? Ou ainda aqueles cultos quando parecia não interessar quem pregasse, a Palavra de Deus jorrava sobre nossos corações... Então nossa fé era suficiente para crer que Deus poderia usar até mesmo a jumenta de Balaão em nossas vidas mas, depois de um tempo, parece que já não somos supridos. E o pior: tornamos críticos e já não temos mais nem os ouvidos e nem o coração abertos.

Isto não nos ocorre porque não queremos mais ser alimentados, e sim porque chega um momento quando o Pai Celeste mesmo muda não somente o nosso cardápio, mas também a forma de obter o alimento! É o momento quando Ele “sacode a asa”, e nos joga para despenhadeiro abaixo. É a hora de voar, de ser maduro, de crescer. E daí por diante teremos que dar duro pelo alimento, a semelhança de Israel que teve que arar, plantar e colher para, então, se alimentar. E isto é muito mais complicado do que receber o maná. Esta é a hora de começarmos a estudar e meditar de fato na Bíblia; é a hora de se cavar mais fundo para poder extrair mais ricos minérios. Enquanto estamos no início, Deus nos sustenta de forma especial, mas seu plano não é que vivamos na moleza, na comodidade. O Senhor quer de nós empenho e determinação na busca de alimento; Ele quer que a maturidade tenha o seu lugar em nós.

Proteção especial

Não foi somente a alimentação especial que sofreu mudanças. Houve mudança também na forma de Deus proteger seu povo. Durante o tempo em que peregrinou pelo deserto, os israelitas provaram um milagre após o outro, e

entre tantos eles há um que queremos destacar:

“Quarenta anos vos conduzi pelo deserto; não envelheceram sobre vós as vossas vestes, nem se gastou no vosso pé a vossa sandália.”

Deuteronômio 29:5

Eles nem sabiam o que era moda! Usaram as mesmas roupas por quatro décadas. Suas sandálias também não envelheceram (além de outros milagres de preservação, como a cura para a picada das serpentes abrasadoras). Mas quando chegaram à Terra Prometida tiveram que inventar a confecção de roupas e calçados!

Ao iniciarmos a jornada da fé cristã provamos o mesmo: proteção especial, cura, e muitas outras bênçãos. Parece que nos tornamos inatingíveis, que há um escudo especial a nossa volta. Alguns parecem nem conhecer as provas e tribulações, pois as poucas que lhes sobrevêm, parecem já vir acompanhada do livramento... Mas chega o dia de ser lançado do ninho e de alcançar a maturidade e é, então, que as provas e tribulações parecem vir com tudo para cima da gente.

Isto não significa rejeição, mas é indício de crescimento espiritual. Tenho acompanhado a vida espiritual de muita gente nos últimos anos e confirmado o quanto isto é comum.

Direção especial

Uma outra coisa que passa por mudanças neste tempo de amadurecimento é a forma como Deus manifesta sua

direção em nossas vidas. No início ela parece vir sempre e de forma espetacular. Depois chega o momento em que ela se torna ocasional, até que definitivamente torna-se rara e nada espetacular. Com Israel foi assim. A princípio, Deus o guiou através de uma nuvem de dia e de uma coluna de fogo à noite:

“O Senhor ia adiante deles, durante o dia, numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho; durante a noite, numa coluna de fogo para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite.

Nunca se apartou do povo a coluna de nuvem durante o dia, nem a coluna de fogo durante a noite.”
Êxodo 13:21,22

Mas tão logo chegaram em Canaã, tudo mudou! Nem sequer ouvimos mais falar da coluna de nuvem e de fogo. Quando Deus dá instruções a Josué para atravessarem o Jordão, Ele diz que o povo deveria seguir a arca carregada pelos sacerdotes:

“Sucedeu, ao fim de três dias, que os oficiais passaram pelo meio do arraial e ordenaram ao povo, dizendo: quando virdes a arca da Aliança do Senhor, vosso Deus, e que os levitas sacerdotes a levam, partireis vós também do vosso lugar e a seguireis.

Contudo, haja a distância de cerca de dois mil côvados entre vós e ela. Não vos chegueis a ela, para que conheçais o caminho pelo qual haveis de ir, visto que, por tal caminho, nunca passastes antes.”

Josué 3:2-4

Este tipo de direção não é nada espetacular. Quem carregava a arca eram homens e, antes, as colunas de nuvem e de fogo se moviam sobrenaturalmente. Isto fala de uma mudança que experimentamos na forma de Deus nos dirigir quando nos aproximamos de Canaã, o lugar da plenitude espiritual.

No início de nossa caminhada com o Senhor Jesus, muitos de nós temos experiências tremendas com a direção de Deus. São manifestações de todo gênero: sonhos, visões, palavras proféticas, textos bíblicos recebidos com grande impacto no íntimo e isso sem sequer termos procurado. Só que tempos depois, a “fonte” parece secar e este tipo de direção deixa de ser freqüente. Há pessoas que, para tudo o que iam decidir, oravam antes, e então abriam “aleatoriamente” suas Bíblias e sempre recebiam uma palavra específica para sua situação. Sabe, não duvido nenhum pouco que Deus se mova assim, pois já tenho visto muita gente recebendo muita resposta específica para o que buscavam em Deus.

Lembro-me em especial de uma ocasião em minha adolescência em que vi meu pai negociando um carro com uma outra pessoa que se dizia ser cristã, mas parecia estar querendo se aproveitar dele no negócio; meu pai pediu licença para aquele homem por um instante, entrou em casa, fez uma oração a Deus pedindo sua direção e abriu a Bíblia esperando uma resposta; caiu num texto do livro de Provérbios que diz o seguinte: *“Nada vale, nada vale, diz o comprador; mas depois sai e vai-se gabando”*.

Coincidência? De forma alguma! Reconheço que Deus usa esta forma de falar com seus filhos, e eu mesmo tenho provado muito de orientações deste gênero. Mas

penso que depender sempre deste tipo de orientação é algo infantil. O Pai quer que amadureçamos. Precisamos aprender a ouvir a voz do Espírito Santo em nossos corações. Paulo escreveu aos romanos que *“todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus”* (Rm.8:14). E enquanto Deus trouxer este tipo de direção espetacular, não cresceremos a ponto de aprender a sermos sensíveis à voz do Espírito. Não estou dizendo que as manifestações espetaculares desaparecerão em definitivo de nossas vidas, mas que há um princípio de maturidade nisto, e que de fato precisamos aprender a sintonizar nosso coração com o Senhor. Jesus declarou que suas ovelhas ouvem a sua voz. As manifestações espetaculares poderão vir como uma confirmação da própria direção divina, mas teremos que aprender a ouvir Deus. À semelhança do filhote da águia, teremos que aprender a voar. E meu conselho é que quando o Senhor sacudir sua asa e lançá-lo ao ar, você não murmure contra Ele e nem tampouco venha sentir-se abandonado, mas reconheça que é tempo de amadurecer.

Ausência de guerra

Quando ensinamos aos novos convertidos sobre a batalha espiritual que nos cerca, isto lhes parece fantasia. Primeiro, porque não estão habituados ao convívio com o mundo espiritual. Segundo, porque são poupados da guerra no início de sua caminhada, exatamente como se deu com a nação israelita:

“Tendo Faraó deixado ir o povo, Deus não o levou

pelo caminho da terra dos filisteus, posto que mais perto, pois disse: Para que, porventura, o povo não se arrependa, vendo a guerra, e torne ao Egito.

Porém Deus fez o povo rodear pelo caminho do deserto perto do Mar Vermelho; e, arregimentados, subiram os filhos de Israel do Egito.”

Êxodo 13:17,18

A batalha espiritual é um fato e não uma fantasia; vemos isto com clareza nas Escrituras e também no dia a dia de nossa vida espiritual.

“Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor a na força de seu poder.

Revesti-vos de toda armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes.

Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mal e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis.”

Efésios 6:10-13

Contudo, assim como o Senhor poupou a seu povo no início da sua caminhada, também nós somos poupados até que tenhamos a maturidade suficiente para entrar em batalha. Sei pela minha própria experiência que durante um tempo não provamos da batalha contra os demônios pois Deus nos impede de ver a guerra para que não

desanimemos; mas depois de estarmos mais consolidados na fé, o Senhor não só permitirá que entremos em guerra, como nos ordenará que batalhemos contra o inimigo! Não há plenitude espiritual sem batalha; eles saíram do Egito sem ver ou conhecer a guerra, mas para entrar em Canaã era necessário pelejar contra os inimigos da terra.

Não devemos, portanto, desanimarmos na hora da guerra, mas saber que é um sinal de que estamos no limiar da terra prometida, e não de que fomos abandonados.

Compreendendo a rejeição

O que torna este processo dolorido, é que ele aparenta rejeição, abandono. É quase inevitável provar este sentimento, mesmo nos conscientizando de que é apenas um momento de tratamento de Deus.

Penso, contudo, que o fato de sentirmos isto tão fortemente, não se deve somente ao lado humano, frágil, que sente a necessidade de curtir sua própria dor, mas que Deus mesmo usa deste sentimento para produzir outras coisas em nosso íntimo, tratando conosco de forma mais profunda.

Ao observar a vida dos homens que se destacaram servindo a Deus, nunca tomei conhecimento de um sequer, na Bíblia ou na história, que não tenha passado por um profundo sentimento de rejeição. Parece-me que a sensação de rejeição é uma das ferramentas que Deus usa para aperfeiçoar nosso caráter, pois ela tem um poder de produzir grandes reações no nosso íntimo.

O próprio Jesus experimentou a rejeição em diversos níveis; João 7:5 diz que nem seus *irmãos* criam nele.

Marcos 6:1-6 nos mostra que seus vizinhos também não criam nele. Um dos doze o traiu. E a própria nação o rejeitou, pois como escreveu João: “*veio para o que era seu, mas os seus não o receberam...*” (Jo.1:11).

Mas o pior sentimento de rejeição não é aquele produzido por homens, mas aquele quando parece que Deus nos rejeitou. Os homens, reconhecemos como falhos e imperfeitos, e quando nos rejeitam por alguma razão, podemos buscar refúgio em Deus; entretanto, quando parece que Deus nos rejeitou, para onde iremos?

Este tipo de sentimento mexe profundamente conosco! Jesus suportou bem toda rejeição que sofreu. Isaías se referiu a Ele em sua profecia como uma *ovelha muda* que não abriu sua boca quando levado ao matadouro, pois diante de toda rejeição humana ele nada reclamou. No entanto, houve um único instante em que Cristo não permaneceu calado - quando bradou na cruz: “*Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?*” (Mt.27:46). A Bíblia diz que ele bradou em alta voz, ou seja: gritou. E o que é isto, senão um desabafo de alma?

Toda rejeição pode ser suportada no nível humano, mas não no divino. Quando *parece* que fomos rejeitados por Deus, não temos consolo em mais nada.

Por que o Senhor permite que tenhamos este sentimento?

Sabemos que quando Ele nos leva nas asas da águia, e nos lança ao ar para que aprendamos a voar, seu propósito não é nos abandonar mas sim fazer-nos crescer.

Contudo, o sentimento de rejeição nesta hora é inevitável, e creio que Deus aproveita este tipo de sentimento *para produzir algo em nós*.

“Ele, Jesus, nos dias de sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplica a quem o podia livrar da morte, e tendo sido ouvido por causa da sua piedade, embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem”

Hebreus 5:7-9

O escritor nos revela que Jesus em sua condição humana passou por um tratamento de Deus, e *aprendeu* a obediência pelas coisas que *sofreu*! Você pode imaginar isto? Jesus Cristo aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu, inclusive a rejeição. E o escritor aplica isto à ocasião em que Jesus orou por livramento da cruz no jardim do Getsêmane; ou seja, a um momento de conflito, onde parecia que Ele estava sendo abandonado por Deus. O evangelho de Mateus declara que sua alma estava cheia de tristeza até a morte. Isto é rejeição. Angústia e tristeza à ponto de sentir a morte não dão nenhum outro sentimento a não ser solidão e abandono!

Mas no sofrimento da rejeição Ele foi aperfeiçoado por Deus. Tal sentimento provocou dentro dele uma reação para Deus. Quando nos leva “nas asas da águia”, Deus quer produzir em nós o mesmo tipo de reação. É um tempo de crescimento.

Além de Jesus, podemos ver o mesmo exemplo de rejeição na vida do apóstolo Paulo. Depois de sua conversão em Damasco, ele foi para Jerusalém e a Palavra nos declara que os cristãos tinham medo dele, não acreditando que fosse de fato discípulo e não o recebiam

(At.9:26). Não bastasse a rejeição inicial por parte dos cristãos, Paulo experimentou em quase todo o seu ministério perseguição por parte dos judeus; sua nação também o rejeitou, razão pela qual ele ficou preso muitos anos, indo seu julgamento até Roma. Não bastando isto tudo, durante o tempo de sua prisão até mesmo alguns de seus colaboradores o abandonaram:

“Procura vir ter comigo depressa.

Porque Demas, tendo amado o presente século, me abandonou e se foi para a Tessalônica; Crescente foi para a Galácia, Tito para a Dalmácia.

Somente Lucas está comigo. Toma contigo Marcos e traze-o, pois me é útil para o ministério.”

II Timóteo 4:9-11

Paulo declara que em sua primeira defesa ele esteve sozinho, que ninguém estava ao seu lado, mas que o Senhor esteve ao seu lado e o fortaleceu, e isto lhe foi um conforto.

É fácil suportarmos a rejeição no nível humano, quando o Senhor está ao nosso lado; mas e quando nos sentimos rejeitados por Ele? Em sua segunda carta aos coríntios, Paulo desabafa num momento destes, e declara que achava que Deus havia posto os apóstolos em último lugar (II Co.4:9). O que seria isto a não ser achar-se no fim da fila, como quem ficou para ser atendido depois dos outros? E ele enfatiza: “a nós, *apóstolos*”; como querendo dizer: somos apóstolos, não devíamos estar no fim da fila, mas no início.

Sabemos que Deus não nos rejeita, mas por que Ele

permite situações que nos fazem sentir assim?

O que Ele quer com isto?

Ele se utiliza deste tipo sentimento para despertar em nós uma reação, uma resposta para Ele. Então dá-se conosco o mesmo que se deu com Jesus: foi aperfeiçoado pelas coisas que sofreu, inclusive a rejeição.

Podemos compreender melhor este conceito, quando o apóstolo Paulo diferencia a tristeza segundo o mundo e a tristeza segundo Deus. A Bíblia não diz que nunca seríamos contristados e que só viveríamos em alegrias mil; pelo contrário, diz que Deus tem uma tristeza para ser usada nos seus! Só que ela nada tem a ver com a tristeza deste mundo. Sua diferença percebe-se não somente por quem a origina, mas também pelos resultados que produz. Observe:

“Agora, me alegro não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento; pois fostes contristados segundo Deus, para que, de nossa parte, nenhum dano sofrêsseis.

Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte.”

II Coríntios 7:9,10

Uma conduz à vida, outra à morte! E como a tristeza segundo Deus pode produzir em mim vida? Pelas reações que em mim provoca. Paulo fala que esta tristeza segundo Deus havia produzido uma reação interior positiva nos coríntios:

“Porque quanto cuidado não produziu isto mesmo

em vós que, segundo Deus, fostes contristados! Que defesa, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vindita! Em tudo destes prova de estardes inocentes neste assunto.”

II Coríntios 7:11

Note as palavras “defesa”, “indignação”, “temor”, “saudades”, “zelo”, e “vingança”. Eu diria que o sentimento de rejeição provoca em nós uma reação destes sentimentos mencionados pelo apóstolo.

No brado de Jesus na cruz, Ele mostrava saudades do Pai, indignação pelo aparente abandono, temor por estar sozinho, e defesa de si mesmo. As reações podem ser claramente vistas!

No caso de Paulo que mencionou ter sido colocado por último, não foi diferente; havia a indignação do fim da fila, as saudades de quem parecia já ter estado no início da fila, sua defesa demonstrando ser espiritualmente melhor que os coríntios, o zelo dele pelo Senhor sendo suscitado e a reação de um combate contínuo e forte.

A rejeição produz em nós a reação do nosso valor-próprio.

E por que Deus a permite?

Para nos ensinar a auto-negação. Não há crescimento espiritual genuíno sem que haja a auto-negação. E na hora em que nos ensina a voar, além de nos dar a maturidade de vivermos a vida cristã sem ser carregados no colo, Deus ainda faz isto de um modo em que venhamos a conhecer seu tratamento em nós.

Paulo declarou que em certa ocasião orou três vezes sobre um assunto e não foi atendido por Deus. Mas esta

aparente rejeição era um tratamento de Deus na vida dele, para lhe ensinar a caminhar em humildade. Trata-se de seu espinho na carne, relatado em II Coríntios 12:7-10. O agir de Deus continua sendo invisível aos nossos olhos. Suas formas de operar em nós são tão variadas! Até mesmo nossas próprias crises, como as de rejeição, podem ser um tempo quando Ele esteja nos fazendo crescer em sua presença...

Embora o agir de Deus nos pareça algumas vezes tão incerto e imprevisível, uma coisa temos como certa: Ele jamais nos abandonará! Ele está conosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Como declara o famoso poema, “pegadas na areia”, há momentos quando parece que ficamos sozinhos, mas é justamente nesta hora que o Pai nos carrega no colo. Precisamos compreender a aparente rejeição, que pode ser mais um instrumento do agir invisível de Deus.

6

OS AGUILHÕES DE DEUS

Quando Saulo seguia pela estrada de Damasco, teve a mais importante experiência de sua vida: viu Jesus, que se revelou a ele como o Cristo. E encontramos nesta revelação uma afirmação do Senhor Jesus para a qual não atentamos muito: *“Dura coisa te é recalcitrar contra os aguilhões”* (At.26:13-15).

Há uma profunda revelação divina aqui. A compreensão desta frase tem afetado muito o meu andar em Deus. Já partilhei que quando um anjo do Senhor falou com um dos meus pastores em minha ordenação, ele disse acerca de mim: “Ele é rebelde e não aceita o tratamento de Deus em sua vida”. De fato, eu não aceitava mesmo; não porque quisesse ir contra Deus, mas por não reconhecer que Deus estivesse tentando tratar comigo. O fato é que eu realmente não aceitava. Só que quando ouvi esta frase, que eu fora chamado de rebelde, doeu em mim. Quando o anjo do Senhor apareceu ao profeta Daniel, chamou-o de homem muito amado; a outros, os anjos tem trazido muitos elogios, e eu fui chamado de *rebelde!* Rebelei-me contra aquilo só para tentar provar a Deus que eu não era rebelde... Saí para

um retiro à sós com o Senhor, querendo ouvir sua voz e aprender dele numa época em que até estes termos como “tratamento” eram coisa nova para mim. E ouvi. O Espírito Santo me conduziu naquele tempo de oração a uma compreensão deste assunto aqui explanado, e então compreendi muitas coisas na minha vida e na vida dos que eu pastoreava.

Deus trata mesmo conosco. O livro de Hebreus declara que se estamos sem correção, então não somos filhos, somos bastardos. Mas Deus corrige a quem ama. Não me refiro a correção do pecado expresso em ações apenas, e sim àquilo que povoa nosso íntimo: nossas atitudes, intenções e motivações erradas, nossa visão distorcida do reino de Deus, a falta de quebrantamento, a vida egoísta e carnal, centrada só no que pensamos e queremos. O Pai Celestial sabe como lidar com tudo isto; e tenha certeza: Ele tratará conosco no tocante a isto!

Penso que devemos começar com algumas definições. O que é um aguilhão? É uma ferramenta que praticamente não conhecemos nos dias de hoje, pois a tecnologia substituiu seu uso. Hoje em dia, a grande maioria dos campos de plantio são arados por um trator, mas naqueles dias de Paulo, o arado era puxado por bois ou cavalos; quando o animal empacava, usava-se um aguilhão de metal, tal qual uma lança, para espetá-lo e fazê-lo andar de novo. O aguilhão, portanto, era uma haste comprida de metal com a ponta afiada, cujo propósito era produzir incômodo e dor no animal, fazendo-o obedecer seu dono. Só era usado nos animais teimosos e obstinados.

Agora veja o paralelo: Jesus disse que Paulo estava recalitrando contra os aguilhões, o que nos revela que Deus

tem seus agulhões. E com que propósito Deus tem seus próprios agulhões? Para usá-lo em nossas vidas, quando empacamos em relação a sua vontade. O tratamento de Deus sempre tem a ver com aquelas áreas em que não nos deixamos ser trabalhados facilmente; tem a ver com nossa teimosia e rebeldia, mas o Senhor sabe como nos espetar e fazer com que andemos de novo!

Esta é mais uma parte do agir invisível de Deus. Ele age de formas misteriosas que, na maioria das vezes, não são visíveis aos nossos olhos. Temos o costume de atribuir ao diabo toda circunstância negativa, mas nem sempre é assim. Há momentos quando podemos estar colhendo o fruto de nossa própria obstinação, e o diabo não será o responsável não. O que quero partilhar neste capítulo é que, algumas vezes, Deus mesmo pode estar nos resistindo. Não é fácil reconhecer Deus agindo assim, como não é fácil reconhecer a maior parte do seu agir em nós, pois Ele trabalha fora da vista dos nossos olhos e da compreensão de nossa mente. Se empacarmos, certamente o agulhão será usado.

Tendo definido o que é um agulhão, creio que precisamos entender melhor a palavra “recalcitrar”, que já não é tão usada em nossos dias. Recalcitrar significa: *“resistir; não ceder; teimar; obstinar-se; insurgir-se; desobedecer; e no caso do animal: dar coices”*. Nos dias em que Jesus escolheu esta ilustração havia alguns animais tão teimosos e rebeldes, que mesmo sendo agulhoados não andavam. E não só não avançavam como ainda se rebelavam contra o próprio agulhão; ao serem espetados ficavam embravecidos e davam coices no agulhão. Resultado: se machucavam muito mais ao darem coices do que quando eram agulhoados. O Senhor Jesus não somente revelou que

Deus tem e usa seus agulhões, como também que Saulo (como muitos de nós) estava sendo por demais obstinado; além de empacado em relação a Deus, ele se encontrava recalitrando, ou seja, dando coices contra o agulhão de Deus em sua vida, tentando lutar contra ele. Nós, cristãos de hoje, também somos assim; muitas vezes quando Deus quer tratar conosco, resistimos.

Tenho certeza de que o Pai Celeste não quer nos tratar como se trata com os animais, mas a verdade é que muitas vezes agimos como tais. A própria Escritura nos adverte a não agir assim; e certamente Deus não nos advertiria desta forma se não fosse comum procedermos desta maneira. Observe o que o Espírito Santo disse por boca de Davi:

“Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir; e sob as minhas vistas, te darei conselho.

Não sejais como o cavalo ou a mula, sem entendimento, os quais com freios e cabrestos são dominados; de outra sorte não obedecem.”

Salmo 32:8,9

A Bíblia está dizendo que os animais só obedecem na marra, e menciona os freios e cabrestos usados para *forçá-los* a obedecerem. E então somos exortados a não agirmos como o cavalo ou a mula! O fato é que, quando agimos como animais, Deus nos tratará como tal. Se empacamos em relação a sua vontade, Ele tem seus agulhões. E tenha certeza: Ele não deixará de usá-los contra a nossa caturrice!

O aguilhão da consciência

Em relação a Saulo, Deus já vinha usando seus aguilhões e ele recalitrando contra. Mas que aguilhões eram estes? O que já poderia estar espetando a vida de Paulo em relação à pessoa de Cristo Jesus? Contra o que ele já vinha lutando quando viu o Senhor?

Em toda a Bíblia vemos que os aguilhões de Deus podem tratar com a pessoa interiormente (em sua consciência) e exteriormente (nas circunstâncias a sua volta).

Como no caso da conversão de Paulo a Bíblia nada diz sobre uma pressão circunstancial, entendemos que se tratava de aguilhões espetando seu íntimo, sua consciência. Pela própria Escritura podemos discernir alguns aguilhões que vinham aferroando sua consciência:

1. Insatisfação quanto ao judaísmo;
2. A identidade de Jesus. Era fácil perseguir seus seguidores, mas livrar-se de pensamentos quanto à identidade de Jesus, não era assim tão simples... nenhum homem jamais operou tantos milagres!
3. O testemunho de cristãos que, mesmo em meio a perseguição e morte, estavam cheios de alegria e perdão.

Certamente todas estas coisas vinham dando um nó na cabeça de Paulo. Ele estava tremendamente desgostoso com um judaísmo que não lhe comunicara vida, e o que lhe faltava de justiça, paz e alegria, sobejava aos cristãos que se dispunham a morrer por Jesus. Quem era este homem? Creio que Paulo deve ter feito esta pergunta a si

mesmo centenas de vezes, mas em momento algum ele cedia a idéia de que Jesus podia ser o Messias de Deus. E com todas estas evidências, o Senhor foi espetando Paulo por dentro; mas ele era teimoso e lutava contra isto. Recalcitrava contra os agulhões, até que o Senhor lhe apareceu.

Tenho conhecido pessoas que eram totalmente contra o mover do Espírito Santo na Igreja, e lutavam com unhas e dentes contra a obra de renovação espiritual que o Senhor tem operado, e que começaram a ser “torturadas” por dentro com pensamentos de que só Deus podia estar fazendo aquilo. Elas têm nos relatado que enquanto sua boca negava esta obra, era como se, aos poucos, sua mente e coração comesçassem a dizer sim. E esta guerra interior as deixava realmente aborrecidas! Não sei dimensionar o que Paulo passou, pois foi uma experiência pessoal dele; mas sei que certamente ele enfrentou lutas interiores.

Este é o primeiro nível da agulhoada de Deus. O Senhor começa sempre falando ao nosso interior de forma tão meiga e suave, que às vezes pode parecer que nem sequer seja Deus falando. Mas depois aquela voz começa a insistir a ponto de tornar-se até incômoda. Lembro-me de quando estava num ministério itinerante de apoio a igrejas e Deus começou a falar ao meu coração sobre a necessidade de pastorear. Eu sempre dizia que a última coisa que eu queria ser na vida era pastor e, de repente, via o meu coração começar a concordar com Deus e uma luta muito grande iniciar-se no íntimo, entre ceder àquilo ou ao que minha boca dizia. A princípio, parecia ser apenas um pensamentozinho qualquer; depois, tornou-se uma idéia mais clara; por fim um desejo de pastorear. Contudo, minha

razão dizia que não havia pressa, que podia esperar mais tempo para ver como as coisas se conduziriam. E eu recalcitrei contra aquele aguilhão interior como pude, até que Deus passou ao segundo nível.

O aguilhão circunstancial

Quando não cedemos ao aguilhão da consciência, Deus pode avançar para um outro nível de aguilhoadas: o das circunstâncias adversas. Penso que o melhor exemplo deste tipo de aguilhão pode ser encontrado na vida do profeta Jonas.

“Veio a palavra do Senhor a Jonas, filho de Amitai, dizendo: Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim.

Jonas se dispôs, mas para fugir da presença do Senhor para Társis; e, tendo descido a Jope, achou um navio que ia para Társis; pagou, pois, a sua passagem, e embarcou nele, para ir com eles para Társis, para longe da presença do Senhor.”

Jonas 1:1-3

O Senhor comissionou Jonas a proclamar contra o pecado de Nínive, mas ele sabia que se o fizesse os ninivitas poderiam arrepende-se e neste caso, seriam poupados. Desejando que fossem destruídos pela ira e juízo divinos por julgá-los cruéis e merecedores de tal sorte, Jonas decide não levar a mensagem de Deus a eles, e se rebela contra Deus. E ao rebelar-se, experimenta os aguilhões de Deus em sua vida:

“Mas o Senhor lançou sobre o mar um forte vento, e fez-se no mar uma grande tempestade, e o navio estava a ponto de se despedaçar.

Então os marinheiros, cheios de medo, clamavam cada um ao seu deus, e lançavam no mar a carga, que estava no navio, para o aliviarem do peso dela. Jonas, porém, havia descido ao porão, e se deitado; e dormia profundamente.

Chegou-se a ele o mestre do navio, e lhe disse: Que se passa contigo? agarrado no sono? Levanta-te, invoca o teu deus; talvez assim esse deus se lembre de nós para que não pereçamos.

E diziam uns aos outros: Vinde, e lancemos sortes, para que saibamos por causa de quem nos sobreveio este mal. E lançaram sortes, e a sorte caiu sobre Jonas.

Então lhe disseram: Declara-nos, agora, por causa de quem nos sobreveio este mal. Que ocupação é a tua? Donde vens? Qual é tua terra? E de que povo és tu?

Ele lhes respondeu: Sou hebreu, e temo ao Senhor, o Deus do céu, que fez o mar e a terra.

Então os homens ficaram possuídos de grande temor, e lhe disseram: Que é isto que nos fizeste! Pois sabiam os homens que fugia da presença do Senhor, porque lho havia declarado.”

Jonas 1:4-10

Este foi o primeiro aguilhão de Deus na vida de Jonas. O Senhor enviou-lhe uma grande tempestade. Sempre que falamos de tempestades, pensamos em adversidades, dificuldades, pois é exatamente isto que elas significam.

Só que geralmente vemos em Satanás a origem das adversidades, e neste caso, a Bíblia diz que foi Deus quem a enviara! É lógico que o Senhor pode colocar o diabo para trabalhar para Ele, permitindo uma investida contra áreas específicas de nossas vidas; mas isto não quer dizer que o diabo esteja no controle da situação. E há tempestades como esta de Jonas que Deus mesmo envia.

Nossa rebeldia produz as aguilhoadas de Deus que, muitas vezes, podem vir através de circunstâncias adversas enviadas por Ele mesmo. E nesta hora não adianta orar, repreender o diabo, e nem jejuar. A única coisa que podemos e devemos fazer é nos arrepender e deixar a rebeldia. Enquanto Jonas não se posicionou, a tempestade foi ficando cada vez pior. É assim, também, com muitos cristãos rebeldes. Tem muita gente em rebeldia que vive correndo atrás de igrejas e pregadores, como se uma oração resolvesse seus problemas... Mas o que é preciso quando Deus está usando seu aguilhão é desempacar e decidir obedecê-lo!

Mas Jonas não cedeu ao aguilhão de Deus. Pelo contrário, recalcitou, e se machucou ainda mais. Deve ter pensado consigo mesmo: “Se Deus pensa que eu vou desistir tão fácil, deve estar enganado! Ele mandou a tempestade para me assustar com o medo da morte, mas eu sou duro na queda, e não vou recuar, se é para morrer, eu morro, mas não irei à Nínive!” E decidiu morrer afogado em vez de obedecer ao Senhor:

“Disseram-lhe: Que te faremos, para que o mar se nos acalme? Porque o mar ia se tornando cada vez mais tempestuoso.

Respondeu-lhes: Tomai-me, e lançai-me ao mar, e

o mar se aquietará; porque eu sei que por minha causa vos sobreveio esta grande tempestade.

Entretanto os homens remavam, esforçando-se por alcançarem a terra, mas não podiam; porquanto o mar ia se tornando cada vez mais tempestuoso contra eles.

Então clamaram ao Senhor, e disseram: Ah! Senhor! Rogamos-te que não pereçamos por causa da vida deste homem, e não faças cair sobre nós este sangue, quanto a nós, inocente; porque tu, Senhor, fizeste como te aprouve.

E levantaram a Jonas, e o lançaram ao mar; e cessou o mar da sua fúria.

Temeram, pois, estes homens em extremo ao Senhor; e ofereceram sacrifícios ao Senhor, e fizeram votos.”

Jonas 1:12-16

Note que a tempestade enviada por Deus era progressiva. Quanto mais os homens tentavam alcançar a terra remando, mais tempestuoso ficava o mar. Quando Deus usa seu aguilhão, não há escapatória a não ser cedermos e arrependermo-nos. Jonas não se intimidou diante do risco da morte e preferiu morrer a deixar de teimar. Ele queria morrer, estava muito desgostoso com Deus. Só que Deus começou a jogar duro com ele, e não o deixou morrer! Em momento algum o Senhor queria destruir Jonas, mas sim tratar com ele. Lembre-se que este é o nosso assunto: o agir misterioso do Pai tratando conosco. Deus se recusa deixar Jonas morrer:

“Deparou o Senhor um grande peixe, para que

tragasse a Jonas; e esteve Jonas três dias e três noites dentro do peixe”

Jonas 1:17

O profeta queria que tudo tivesse acabado sem que ele precisasse ceder, mas Deus não deixou. E então vem o segundo aguilhão, que nas palavras de Jonas em sua oração, é quando “todas as tuas ondas e vagas passaram sobre mim” (Jn.2:3). Muitos descrêem do relato do livro de Jonas, mas vale lembrar que Jesus se referiu a ele não só como histórico mas também como tipológico (Mt.12:39-41).

É interessante que no navio Jonas ficou firme e não cedeu, mas quando Deus pegou pesado com ele, enviando um peixe que o engoliu vivo, impedindo-o até mesmo de morrer, e trazendo ainda mais sofrimento, então ele se rendeu. Temos em seu livro o relato da oração que ele fez no ventre do peixe:

“Então Jonas, do ventre do peixe, orou ao Senhor seu Deus, e disse: Na minha angústia clamei ao Senhor, e ele me respondeu; do ventre do abismo gritei, e tu me ouviste a voz.

Pois me lançaste no mais profundo, no coração dos mares, e a corrente das águas me cercou; todas as tuas ondas e vagas passaram por cima de mim.

Então disse: Lançado estou diante dos teus olhos; tornarei, porventura, a ver teu santo templo?

As águas me cercaram até à alma, o abismo me rodeou; e as algas se enrolaram na minha cabeça até aos fundamentos dos montes. Desci à terra, cujos ferrolhos se correram sobre mim para sempre; contudo

fizeste subir da sepultura a minha vida, ó Senhor meu Deus!

Quando dentro de mim desfalecia a minha alma, eu me lembrei do Senhor; e subiu a ti a minha oração, no teu santo templo.

Os que se entregam à idolatria vã abandonam aquele que lhes é misericordioso.

Mas com a voz do agradecimento eu te oferecerei sacrifício; o que votei, pagarei. Ao SENHOR pertence a salvação!”

Jonas 2:1-7

Imagine você o estado deplorável (e até cômico) de Jonas com todas aquelas algas enroladas no pescoço e cabeça, três dias e três noites molhado, no escuro, sem comer, e com enjoô, fora o resto do que ele passou e que nem sabemos. Deus sabe como nos quebrar. Se endurecemos e empacamos, Ele irá nos aguilhoar; e se começarmos a recalcitrar, Ele sabe exatamente como lidar conosco. Jonas se rendeu, e lembrou de deixar claro em sua oração que ele pagaria todos os seus votos (o que provavelmente indicava que ele aceitava ser obediente e levar a mensagem de Deus à Nínive). E como ele cedeu e se arrependeu, então Deus retirou seu aguilhão:

“Falou, pois, o Senhor ao peixe, e este vomitou a Jonas na terra”.

Jonas 2:10

Então o Senhor falou novamente com Jonas no sentido dele ir e pregar aos ninivitas e, desta vez, ele foi. Foi e pregou o juízo que Deus estabelecera por um dia inteiro. Um avivamento aconteceu, e todos desde o menor até o maior se arrependeram. E Deus não destruiu a cidade.

E o comportamento de Jonas nos revela que mesmo tendo obedecido a Deus ele não o fez de coração. Agiu como aquela criança que a professora pôs de castigo, em pé diante da classe, e que disse: “*por fora estou em pé, mas por dentro estou sentada*”; ou seja, obedeceu mecanicamente, não de coração.

“Com isso desgostou-se Jonas extremamente, e ficou irado. E orou ao Senhor, e disse: Ah! Senhor! Não foi isto que eu disse, estando ainda na minha terra? Por isso me adiantei fugindo para Társis, pois sabia que és Deus clemente e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade, que se arrepende do mal.

Peço-te, pois, ó Senhor, tira-me a vida, porque melhor me é morrer do que viver.”

Jonas 4:1-3

Nesta hora, Jonas voltou a agir como um animal, e empacou. Portanto, precisava de um aguilhão e Deus lhe deu uma terceira espetada. Ele está tão contrariado, que quando o Senhor lhe pergunta se sua ira é razoável, ele vira a cara e não responde. Sai da cidade e se isola de Deus e das pessoas, remoendo sua bronca.

É aí que o Senhor o pega de jeito mais uma vez. Desta vez Deus dá algo a Jonas para depois o tirar. Penso que isto retrata o Senhor mexendo na própria estabilidade que um dia nos deu, a fim de nos levar a ceder.

O tratamento visa justamente mudar nossos conceitos e valores, e isto aconteceu com o profeta. O livro termina com Deus falando por último, e não Jonas, o que nos mostra que ele aprendeu a parar de retrucar e de empacar.

Nós também precisamos aprender isto, que não importa o que achamos ou sentimos, Deus sempre tem e terá razão! Ele é perfeito e não erra nunca. Precisamos aceitar isto com fé infantil e não mais empacarmos em relação à vontade divina.

“Então Jonas saiu da cidade, e assentou-se ao oriente da mesma e ali fez uma enramada, e repousou debaixo dela, à sombra, até ver o que aconteceria à cidade [note que ele esperava que Deus mudasse de idéia e acabasse destruindo aos ninivitas].

Então fez o Senhor Deus nascer uma planta, que subiu por cima de Jonas, para que fizesse sombra sobre a sua cabeça, a fim de o livrar de seu desconforto. Jonas, pois, se alegrou em extremo por causa da planta [note que ele era um homem de extremos, tanto para a tristeza (v.1), como para a alegria].

Mas Deus, no dia seguinte, ao subir da alva, enviou um verme, o qual feriu a planta, e esta se secou.

Em nascendo o sol, Deus mandou um calmoso vento oriental; o sol bateu na cabeça de Jonas, de maneira que desfalecia, pelo que pediu para si a morte, dizendo: Melhor me é morrer do que viver.

Então perguntou Deus a Jonas: É razoável esta tua ira por causa da planta? Ele respondeu: É razoável a minha ira até a morte.

Tornou o Senhor: Tens compaixão da planta que não te custou trabalho, a qual não fizeste crescer; que numa noite nasceu e numa noite pereceu; e não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive, em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem

discernir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais?”

Jonas 4:5-11

Imagine Jonas vendo uma planta crescer no prazo de um dia, com uma velocidade assustadora, nunca antes vista, era um milagre! E o milagre animou o coração de Jonas; é bem provável que ele tenha achado que estava vencendo o jogo, que Deus já estava se dobrando a ele, e até mesmo o paparicando. De repente, Deus lhe arrancou a única coisa que lhe valia naquela hora! E Jonas teve que se render, pois se continuasse endurecendo, Deus também endureceria com ele.

Quando Jonas se rende, o livro termina, pois é a história dos aguilhões de Deus na vida do profeta...

Muitas vezes temos passado por aflições e angústias que nós mesmos geramos. Precisamos de um coração submisso à vontade do Pai, que saiba orar como Jesus orou no jardim do Getsêmani: *“não seja como eu quero, e, sim, como tu queres”* (Mt.26:39).

Os aguilhões na minha vida

Mencionei que Deus já vinha aguilhoando a minha consciência em relação ao ministério pastoral. Mas eu resisti sua voz mansa e suave que tentava convencer meu coração.

Continuava sabendo que Ele me queria no ministério pastoral e fora da correria na qual nos encontrávamos, mas não fazia nada a respeito e ainda discutia *por dentro* com Deus. Em muitas circunstâncias adversas Deus me espetou e eu não cedi, até aquele acidente na estrada.

Foi neste momento que seu agulhão em minha vida deixou de me espetar somente por dentro e começou a fazê-lo do lado de fora, nas circunstâncias. Fazia um mês que eu estava com aquele carro que era uma resposta de oração, e me senti como Jonas em relação à planta. Parecia que Deus pusera o doce na boca da criança só para tirar depois. Também tive vontade de morrer por achar que Deus estava brincando comigo. Mas ao fim de tudo, compreendi que estava lutando contra a vontade de Deus. Eu queria que as coisas acontecessem do meu jeito. Tinha meus próprios planos para o ministério e ainda relutava com o plano de Deus, mas quando me rendi os agulhões cessaram e a graça de Deus me envolveu.

Se resistirmos, o agulhão também será insistente, mas se cedermos, o Senhor nos tratará com bondade e graça.

Se você tem sido agulhoado por Deus, ceda. Não fique recalcitrando, pois em um certo momento o tratamento cessa, e o que vem depois é juízo. Devemos aprender que é possível viver sem ter que provar os agulhões de Deus, basta andar em plena submissão. Mas como nem todos (para não dizer ninguém) andam nesta dimensão de rendição, torna-se inevitável o uso deles.

Muitas vezes nossa obediência é meramente externa, de atitudes apenas; mas é preciso rendermo-nos de coração ao Senhor. Há momentos em que temos que ser sábios e sensíveis, e discernir espiritualmente o agir de Deus, ainda que oculto aos nossos olhos. Não adianta ficar culpando o diabo e companhia Ltda., temos que reconhecer que quanto mais endurecermos, mais Deus endurecerá também; é necessário contrição e quebrantamento, e se não nos

rendermos espontaneamente, Deus irá nos espetar!

Não estou tentando pintar uma caricatura de Deus. Muita gente tem feito isto e O distorcem completamente; não servimos a um Deus tirano que vive nos perseguindo para castigar e tirar nosso couro! Esta é uma imagem distorcida, uma caricatura que fizeram d'Ele e nada reflete da verdade. O que quero é apenas mostrar que Deus é infinitamente amoroso, mas disciplina com firmeza.

Não estou dizendo que Ele irá nos agulhoar a troco de nada, por diversão; refiro-me a ocasiões específicas de rebelião dos seus filhos. E é lógico, ao falar de rebelião não me refiro a um crente desviado que abandonou tudo e se jogou no mundão, mas sim a atitudes como as de Jonas, onde não nos dobramos diante da vontade divina e ficamos lutando por aquilo que nós achamos certo.

Contudo, Deus não está em posição de ser questionado nem tampouco desafiado, e toda rebeldia será tratada por Ele, que nos quer fazer voltar à submissão que sempre regeu nossas vidas.

Os agulhões não fazem parte do cotidiano, são ocasionais, extraordinários. Mas existem e certamente serão usados quando necessário. Eles são parte do agir invisível de Deus, da sua forma soberana de fazer com que todas as coisas contribuam para o bem daqueles que amam a Deus e são chamados segundo o seu propósito.

7

OS ABALOS DE DEUS

Você já ouviu falar dos abalos de Deus? É provável que não, pois não é um tipo de mensagem que esteja na moda em nossos dias, mas eles existem e estão acontecendo muito no meio evangélico. E creio que ainda aumentarão. Visto ser uma promessa para o tempo do fim, é lógico pensar que quanto mais nos aproximamos do fim, mais se intensificam os abalos. Eles compõem mais uma parcela interessante *do agir invisível de Deus*. São o modo como Deus faz com que nossas vidas sejam chacoalhadas para que as coisas abaláveis sejam removidas e as inabaláveis permaneçam. O autor da epístola aos hebreus foi divinamente inspirado para falar disto:

“Tende cuidado, não recuseis ao que fala. Pois, se não escaparam aqueles que recusaram ouvir quem divinamente os advertia sobre a terra, muito menos nós, os que nos desviamos daquele que dos céus nos adverte, aquele, cuja voz abalou, então, a terra; agora, porém, ele promete, dizendo: Ainda uma vez por todas farei abalar não só a terra, mas também o céu.”

Ora, esta palavra: Ainda uma vez por todas, significa a remoção dessas cousas abaladas, como tinham sido feitas, para que as cousas que não são abaladas permaneçam.

Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; porque nosso Deus é um fogo consumidor”

Hebreus 12:25-29

Vemos que a rebeldia daqueles que não dão ouvidos à voz divina será repreendida com abalos. Note que não estamos falando sobre Deus recompensar a fidelidade com abalos, mas sim daqueles que rejeitam a voz de Deus, ou seja, sua Palavra. Isto não se refere a incrédulos, mas a cristãos que não estão dando ouvidos à Palavra de Deus em *determinadas áreas de sua vida!* O tratamento e correção de Deus nas nossas vidas vem naquelas áreas onde ainda não estamos correspondendo com o que Ele diz em sua Palavra. São áreas de nossa vida cristã e caráter onde necessitamos ser trabalhados, e é justamente por isto que os abalos vêm.

O Senhor fala claramente sobre trazer seus abalos; na verdade, Ele promete que vai trazê-los, e é de se esperar que Ele cumpra sua promessa, pois é Fiel! O texto fala de abalos sísmicos, tremores de terra produzidos por terremotos. Nunca vi pessoalmente um terremoto (e jamais gostaria de ver um), mas o que vi pela televisão e por fotografias, foi suficiente para me assustar. As pessoas ficam completamente indefesas, o governo e as autoridades nada podem fazer; tudo o que se pode fazer

num terremoto, além de tentar preservar a vida, é esperar que ele passe e ver o que dá para reaproveitar depois.

Estes abalos mencionados na carta aos hebreus, são uma aplicação de outros dois textos bíblicos; o primeiro é quando Deus diz a Moisés que falaria com ele aos ouvidos de todo o povo, para que soubessem que o Senhor lhe falava e cressem em seu ministério; o segundo é uma profecia de Ageu que citaremos adiante. Tanto um como outro refletem os abalos que, espiritualmente, podem ser trazidos pelo Senhor em nossas vidas.

Nesta ocasião em que Deus se revelou ao povo de Israel o que aconteceu foi o seguinte:

“Ao amanhecer do terceiro dia houve trovões e relâmpagos e uma espessa nuvem sobre o monte, e mui forte clangor de trombeta, de maneira que todo o povo que estava no arraial estremeceu.

E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte.

Todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente”.

Êxodo 19:16-18

É exatamente deste ocorrido que o escritor de Hebreus vinha falando nos versículos anteriores, mostrando que há uma grande diferença entre as manifestações do Velho e as do Novo Testamento. Porém, no que diz respeito a Deus trazer abalos pela sua Palavra, nada mudou; esta é a mensagem do fim do capítulo doze de Hebreus.

Quando os abalos de Deus chegam a nossas vidas, são semelhantes a um terremoto, não há o que fazer. Nenhum pastor pode orar e vê-lo passar imediatamente; nem tampouco a própria pessoa; tudo o que se pode fazer é tentar se salvar (não deixando que o diabo nos desanime a ponto de nos fazer desistir) e esperar que o terremoto passe para ver o que sobrou e o que terá que ser reconstruído.

Alguém poderia argumentar que este texto de Hebreus não parece falar de algo acontecendo no âmbito individual, mas ele não só sugere esta aplicação pessoal (ao falar de outras pessoas que não deram ouvidos à voz de Deus), como também se refere a uma outra porção bíblica de aplicação pessoal, no livro do profeta Ageu.

Os abalos nos dias de Ageu

Ageu foi a primeira voz profética que se levantou entre os israelitas depois do exílio na Babilônia. A reconstrução do templo fora interrompida, e estava parada por cerca de quinze anos; o povo não se envolvia na retomada da restauração dizendo que o tempo de reconstruir a casa de Deus ainda não havia chegado. Então o Senhor o envia com uma mensagem de repreensão ao seu povo, mostrando que enquanto não obedecessem a voz divina, Deus *continuará abalando* a vida financeira deles, que já não estava nada fácil.

“Veio, pois, a palavra do Senhor, por intermédio do profeta Ageu, dizendo: Acaso é tempo de habitardes vós em casas apaineladas, enquanto esta casa permanece em ruínas?”

Ora, pois, assim diz o Senhor dos Exércitos: Considerai o vosso passado.

Tendes semeado muito e recolhido pouco; comeis, mas não chega para fartar-vos; bebeis, mas não dá para saciar-vos; vestis-vos, mas ninguém se aquece; e o que recebe salário, recebe-o para pô-lo num saquitel furado”.

Ageu 1:3-6.

Se a profecia parasse aqui, ninguém diria que, embora as condições materiais dos israelitas fossem ruins, Deus estivesse por trás disto. Quando pensamos no agir de Deus, pensamos em provisão, em prosperidade, nunca no contrário. Contudo, observando a continuação da profecia dada a Ageu, percebemos que a mão do Senhor estava estendida contra a nação de Israel, fazendo abalar sua economia. Era Deus abalando a vida financeira daquele povo!

“Esperastes o muito, e eis que o muito veio a ser pouco, e este pouco, quando o trouxeste para casa, eu com um assopro o dissipei. Por quê? Diz o Senhor dos Exércitos; por causa da minha casa, que permanece em ruínas, ao passo que cada um de vós corre por causa da sua própria casa.

Por isso os céus sobre vós retém o seu orvalho, e a terra os seus frutos.

Fiz vir a seca sobre a terra e sobre os montes; sobre o cereal, sobre o vinho, sobre o azeite e sobre o que a terra produz; como também sobre os homens, sobre os animais e sobre todo o trabalho das mãos.”

Ageu 1:9-11

É estranho demais ver Deus dizendo que Ele fez com que o muito esperado se tornasse pouco na colheita de seu povo e, ainda, depois tenha assoprado sobre o pouco, fazendo-o dissipar-se. Não combina com a mensagem de prosperidade de nossos dias, Deus mandar os céus reterem o orvalho e a terra reter seu fruto; nem tampouco Ele fazer vir a seca! Mas Deus fez tudo isto. Por quê? Porque somente abalando as coisas naturais na vida de seu povo é que as coisas espirituais teriam seu lugar. Eles só estavam pensando em si mesmos e haviam abandonado a restauração da casa do Senhor; mas Deus conseguiu recuperar a atenção e serviço deles de uma forma muito especial.

Quando o escritor de Hebreus escreveu sobre as coisas abaláveis serem removidas, ele falou sobre as inabaláveis permanecerem, e então acrescentou que temos recebido um reino inabalável! Ou seja, quando estamos sufocando as coisas espirituais por uma dedicação dirigida somente ao que é natural, Deus pode fazer tremer o que é abalável, o natural, para que caindo estas coisas, permaneça em nossas vidas somente aquilo que é espiritual, e então nossa reconstrução poderá começar a partir deste ponto.

Certa ocasião Jesus contou a parábola de um rico insensato que só queria edificar para si mesmo e não para Deus. Disse que ele fazia planos para aumentar sua produção e armazenagem para depois poder dizer à sua própria alma que descansasse e se regalasse por ter bens para muitos anos; mas Deus chamou este homem de louco, pois o que ele preparou não era para si mesmo, e quando sua alma fosse pedida de nada lhe adiantaria toda a sua riqueza. Finalmente o Senhor Jesus termina dizendo: *“Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico*

para com Deus” (Lc.12:21). De nada adianta edificarmos somente para nós mesmos; devemos edificar para o Senhor em nossas vidas, pois quando os abalos de Deus vierem, só ficará de pé o que construímos para o Senhor, e o que é nosso, humano, cairá. Em Lucas 14:28-30 Jesus assemelhou a vida cristã à edificação de uma torre, mostrando que no plano espiritual também edificamos.

O Senhor liberou palavras como estas num momento em que a vida de muitos irmãos da igreja que pastoreamos vinha sendo abalada, e não entendíamos o que estava acontecendo. Muitos estavam passando por verdadeiros terremotos, e todas as áreas de suas vidas estavam sendo sacudidas. Orávamos e não víamos intervenções espetaculares como antes; o céu parecia de bronze, pois parecia não haver resposta às orações. Foi neste período que Deus começou trazer esta compreensão a nossa equipe pastoral, onde bíblicamente víamos que Deus mesmo pode fazer tremer nossas vidas para a partir de então reorganizar nossos valores e prioridades. Assim que este ensino começou a ser ministrado com uma sólida base escriturística, muitos irmãos compreenderam o que lhes estava ocorrendo e mudaram de atitude. Então, e somente então, as intervenções de Deus tiveram o seu lugar em muitas destas vidas.

Tenho percebido isto não só em minha própria vida e igreja, mas também em contato com muitas outras igrejas e pastores. É um fato. Tal qual nos dias de Ageu, quando nos esquecemos das coisas de Deus e queremos buscar somente as nossas próprias, Deus não somente deixa de ter um compromisso de nos abençoar, como pode nos julgar e disciplinar, uma vez que a responsabilidade de

edificar o reino de Deus é nossa! Porém, quando procedemos de forma contrária, e colocamos o Senhor em primeiro lugar, tudo muda. A benção e a provisão divina fluem milagrosa e abundantemente, como prometeu nosso Senhor:

“Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas [materiais] vos serão acrescentadas.”

Mateus 6:33

Por que Deus estava sacudindo as finanças do seu povo naqueles dias depois do exílio? Porque os israelitas haviam se tornado egoístas e descomprometidos com o reino de Deus, e o propósito destes abalos era mudar a atitude do povo. Quando compreenderam que os abalos era uma forma de Deus fazê-los voltar a investir em sua casa, eles se animaram a obedecer sobre uma promessa divina de que então a prosperidade viria sobre eles. Em uma de suas profecias, Ageu deixa claro que os abalos visavam trazer para Deus os recursos para a restauração de sua casa:

“Pois assim diz o Senhor dos Exércitos: Ainda uma vez, dentro em pouco, farei abalar o céu, a terra, o mar, e a terra seca; farei abalar todas as nações e as cousas preciosas de todas as nações virão, e encherei de glória esta casa, diz o Senhor dos Exércitos.

Minha é a prata, meu é o ouro, diz o Senhor dos Exércitos.

A glória desta última casa será maior do que a

primeira, diz o Senhor dos Exércitos; e neste lugar darei a paz, diz o Senhor dos Exércitos.”

Ageu 2:6-9

Deus nunca está contra o seu povo. Estes abalos visavam corrigí-los e tratá-los, não destruí-los. Tão logo voltaram a cumprir a vontade de Deus, foram abençoados. Quando o livro de Hebreus fala sobre os abalos de Deus, fala também sobre “retermos a graça” (Hb.12:28), pela qual servimos a Deus de forma agradável. Reter, significa não perder, não desperdiçar; isto nos mostra que mesmo em meio aos abalos divinos, podemos estar sob a graça de Deus, desde que não nos rebelamos insistindo em deixar nossos valores invertidos, de forma contrária aos valores da Palavra.

Quando somos abalados pelo tratamento divino, devemos corresponder em obediência e mudança de mente, de atitude; ao obedecermos, a disciplina dará lugar à benção do Senhor.

Foi nestes mesmos dias e condição que Malaquias também foi usado por Deus para profetizar ao povo e desafiá-los a honrar o trabalho de reconstrução da casa de Deus; e ele falou inspirado pelo Espírito Santo, que à medida que o povo voltasse a dar os dízimos e ofertas alçadas, Deus abriria as janelas do céu e derramaria uma grande benção que não seria igualada por nenhuma outra (Ml.3:8-12)! E a partir do momento em que decidiram seguir a voz divina e obedecê-la, os israelitas viram a benção de Deus sobre eles:

“Considerai, eu vos rogo, desde este dia em diante, desde o vigésimo quarto dia do mês nono, desde o dia

em que se fundou o templo do Senhor, considerai nestas cousas.

Já não há semente no celeiro. Além disso a videira, a figueira, a romeira e a oliveira não têm dado os seus frutos; mas desde este dia vos abençoarei.”

Ageu 2:18,19

Embora Deus tenha abalado a vida financeira deles, fez isto só até que voltassem a priorizar o reino de Deus. Abalou as coisas abaláveis para que as inabaláveis permanecessem. Deus é soberano e governa em toda e qualquer circunstância, fazendo com que tudo contribua para o bem daqueles que amam a Deus, que são chamados segundo seu propósito. Nem sempre poderemos entender o agir invisível e misterioso de Deus, mas sempre poderemos ter a certeza de que é para o nosso próprio bem que Ele trata conosco e nos corrige.

Talvez sua vida esteja sendo abalada pelo Senhor e você não saiba o que fazer; aliás não há realmente nada a fazer quando os abalos divinos chegam a não ser permanecer firme e reconstruir a partir do que sobrou. Deus quer mudar seus valores, levando você a colocar o reino d’Ele em primeiro lugar. E, quando o fizer, o processo será invertido, e então Ele lhe abençoará e levará à reconstrução de tudo o que ruiu, porém com novos alicerces.

Eu já experimentei estes abalos em momentos que não havia necessariamente deixado de ter o reino de Deus em primeiro lugar, mas estava me afastando do plano de Deus para o meu ministério. De forma geral eles sempre vêm como correção, quando não damos ouvidos à voz do Senhor.

Se você tem percebido os tremores e abalos em sua própria vida, não se demore em separar tempo para estar com o Senhor e sondar seu próprio coração. Muitas pessoas reclamam que o Pai jamais fala com elas, mas na verdade nunca tiram tempo para o ouvir! Fique à sós com Deus e derrame seu coração diante d'Ele, deixando-O falar sobre os seus valores (o que está certo e o que não). Não se justifique, nem tente provar nada; procure ouvir a voz de Deus, que poderá se manifestar de formas diversas. Você pode ter uma experiência extraordinária e sobrenatural como também pode simplesmente ter avivado em seu coração determinadas passagens bíblicas nas quais Deus estará falando com você através delas. Não sei de que maneira Deus falará, mas se houver disposição e entrega de sua parte, certamente Ele o fará.

Assim como no caso dos aguilhões, também é com os abalos; não há nada que os remova a não ser arrependimento e submissão. Somente por meio da obediência e mudança de atitude o quadro será revertido. Do mesmo modo que os israelitas dos dias de Ageu tiveram que mudar seus valores e comportamento para então verem a benção do Senhor em lugar dos abalos, nós também teremos que reordenar nossos valores e comportamento para vermos tudo mudar. Não conseguimos ver Deus agindo em meio a um desmoronar geral em nossa vida, mas devemos lembrar que seu agir é assim: invisível.

É lógico que não estamos falando do melhor de Deus para nós, mas sim de correção. O plano do Senhor é nos abençoar, nos fazer o melhor. Creio que o Pai prefere não ter que abalar nossas vidas. Contudo, pela dureza de nossos corações e tão somente por causa da nossa própria

obstinação é que Ele nos trata desta maneira. Não haveria abalos se não nos desviássemos de sua vontade; eles só ocorrem quando algo está errado na nossa forma de agir. E a intensidade dos abalos sempre virão na proporção direta da nossa distorção de valores ou da nossa resistência ao Senhor e seu plano; não será maior e nem menor do que aquilo que necessitamos.

8

PLANOS DE BEM E NÃO DE MAL

Deus *sempre* deseja o nosso bem. Mesmo quando permite situações contrárias para tratar conosco, Ele quer o que é melhor para nós.

Tudo concorre juntamente para o nosso bem se de fato o amamos e somos chamados segundo seu propósito. Perder isto de vista e questionar o amor e cuidado do Senhor para conosco é dar espaço para que Satanás consiga tirar proveito.

O Senhor afirma claramente que seus planos para conosco (e conseqüentemente o seu agir) são de bem e não de mal. Nos dias em que a nação israelita foi levada para o cativeiro babilônico por causa da sua desobediência, muitos começaram a pensar que Deus só queria lhes fazer o mal; mas na verdade, o Senhor queria tratá-los e corrigí-los para o próprio bem deles. Depois da correção e tratamento, viria a intervenção divina na situação pela qual eles passavam: o cativeiro. É quando Deus fala que o cativeiro tinha um tempo estabelecido e que neste tempo seu povo aprenderia a buscá-Lo e invocá-

Lo; e então, somente então, Ele os traria de volta à sua terra. Veja a profecia de Jeremias que nos revela isto:

“Assim diz o Senhor: Logo que se cumprirem para Babilônia setenta anos atentarei para vós outros e cumprirei para convosco a minha boa palavra, tornando a trazer-vos para este lugar.

Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o Senhor; pensamentos de paz, e não de mal, para vos dar o fim que desejais.

Então me invocareis, passareis a orar a mim, e eu vos ouvirei.

Buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração.

Serei achado de vós, diz o Senhor, e farei mudar a vossa sorte; congregar-vos-ei de todas as nações, e de todos os lugares para onde vos lancei, diz o Senhor, e tornarei a trazer-vos ao lugar donde vos mandei para o exílio.”

Jeremias 29:11-14

Para o povo israelita, aquele era um momento difícil. Parecia que Deus já não se importava com eles e que tudo o que queria lhes fazer era o mal e não o bem. Mas Deus lhes fala de maneira enfática que intentava o bem para a nação; que mesmo tendo corrigido e tratado, queria o bem deles.

Às vezes parece que o Senhor já não está nos abençoando tanto; outras vezes parece que se esqueceu de nós. Na verdade apenas *parece*, pois Deus SEMPRE quer o nosso bem. Ele jamais tentará o mal contra nós, pois

nos ama profundamente. É lógico que em seu amor Ele irá nos corrigir e tratar, mas nunca intentar o mal. Mesmo quando julga alguém, o Senhor quer que a pessoa venha a se arrepender; e se ela não se arrepender e perecer sob o juízo, Deus ainda vai querer usar esta situação como um exemplo para que outros não procedam de igual modo.

Isto não pode ser jamais questionado: Deus quer o nosso bem sempre; em toda e qualquer situação devemos lembrar que Ele nos ama e nos deseja o melhor. Quando não entendemos, devemos confiar em seu amor e soberania, mas nunca questionar sua benignidade.

Em todo o Velho Testamento o povo era instruído a louvar ao Senhor dizendo: *“O Senhor é bom e a sua benignidade dura para sempre”*. Penso que Deus queria inculcar na mente e coração de seu povo isto; Ele é a própria expressão da bondade e benignidade e sempre agirá assim para conosco. Não conseguiremos ver a benignidade de Deus se avaliarmos seu agir pelo que nossos olhos vêem, mas se olharmos para o que sua Palavra diz a seu respeito nunca questionaremos este fato. O Senhor quer nos dar um futuro e uma esperança; quer o melhor para as nossas vidas.

Para muitos cristãos as provações, o tratamento, e até mesmo a correção de Deus não são uma demonstração de cuidado mas sim de abandono. Estão terrivelmente enganados! Em toda e qualquer situação Deus está querendo o nosso bem e usará todas as circunstâncias para que sejamos beneficiados:

“Sabemos que todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são

chamados segundo o seu propósito.”

Romanos 8:28

Nada foge ao controle de Deus. Desde que andemos em fidelidade, sem dar lugar ao diabo através do pecado, tudo cooperará para o nosso bem, embora nem sempre pareça.

Amarras queimadas

Fico pensando naqueles três amigos de Daniel, Hananias, Misael e Azarias, a quem o rei da Babilônia chamou de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Eles eram fiéis ao Senhor e recusaram a se prostrar perante uma estátua, pois haviam sido ensinados na lei de Moisés a adorar somente a Deus e nunca aos ídolos. E por causa da sua fidelidade eles enfrentaram uma das mais duras provas da vida deles, relatada no terceiro capítulo do livro de Daniel.

Resolveram ficar firmes em servir a Deus ainda que isto custasse a eles a própria vida. Passaram por uma experiência única: foram lançados na fornalha de fogo, mas saíram vivos, sem sequer ter um fio de cabelo chamuscado ou mesmo cheiro de fumaça em suas vestes, pois pela fé apagaram a força do fogo.

O fogo não pode fazer nada contra eles, nem queimar nada que lhes dizia respeito; exceto uma única coisa: as cordas que os amarravam! Veja só o que diz a Palavra de Deus:

“Então o rei Nabucodonosor se espantou, e se levantou depressa e disse aos seus conselheiros: Não

lançamos nós três homens atados dentro do fogo? Responderam ao rei: É verdade, ó rei.

Tornou ele e disse: Eu, porém, vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, sem nenhum dano; e o aspecto do quarto é semelhante a um filho dos deuses.”

Daniel 3:24,25

Até a hora em que foram lançados no fogo, os três servos de Deus estavam amarrados, mas logo depois estavam soltos, pois a única coisa que o fogo teve poder de queimar foram as suas amarras.

De modo semelhante, quando Deus permite que as provações venham como um fogo sobre as nossas vidas (I Pe.1:7), o máximo que Ele quer que se queimem, são as amarras de áreas de nossa vida que necessitam ser queimadas.

Espiritualmente falando, as amarras queimadas na vida de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, mostram-nos o poder e soberania de Deus sobre as provas para nos fazer crescer em meio à adversidade.

José passou momentos difíceis no Egito, depois de ter sido renegado e vendido por seus irmãos, mas o que o fortaleceu diante de tudo o que passou, foi a certeza de que Deus queria o seu bem, e de que lhe daria um futuro e uma esperança. Depois de toda provação já ter passado e Deus o ter exaltado, ele declarou aos seus irmãos: “*Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida*” (Gn.50:20). Aleluia! Mesmo quando outras pessoas intentam o mal contra nós

(e até mesmo o diabo), Deus está ao nosso lado para transformá-lo em bem, pois é isto mesmo que Ele intenta para cada um de nós, o nosso bem.

Fogo consumidor

Há um aspecto do tratamento de Deus que não tem sido compreendido por muitos cristãos. É a revelação de Deus como um fogo consumidor:

“Porque o nosso Deus é um fogo consumidor.”

Hebreus 12:29

Muita gente não entende que Ele executa o seu juízo sem deixar de ser amoroso, e acham que ser fogo consumidor é ser *destruidor*, mas Deus está interessado em nosso bem mesmo quando se revela como um fogo consumidor.

Quero deixar bem claro um princípio: o fogo não consome todas as coisas, somente as que são consumíveis. Quando Paulo escreveu aos coríntios, falou a respeito disto:

“Contudo, se o que alguém edifica sobre o fundamento é ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, manifesta se tornará a obra de cada um, pois o dia a demonstrará, porque está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um, o próprio fogo o provará.

Se permanecer a obra de alguém que sobre o fundamento edificou, esse receberá galardão; se a obra de alguém se queimar, sofrerá ele dano; mas esse mesmo

será salvo, todavia, como que através do fogo.”

I Coríntios 3:12-15

O ouro, a prata, e as pedras preciosas não se queimam; somente a madeira, o feno, e a palha. O fogo não queimará tudo, mas *somente o que tem que ser queimado*; há obras que resistem ao fogo, pois o propósito dele não é destruir tudo o que encontra, mas tão somente aquilo que é inútil e que não deve permanecer em nossas vidas. Há momentos em nossa vida onde passaremos por provas de fogo, mas assim como no caso dos três amigos de Daniel em que o fogo só queimou as amarras, também nas nossas vidas o fogo se limitará a queimar somente aquelas coisas que devem ser consumidas. Quando o tratamento chega ao fim, Deus dá testemunho de que o fogo não consome tudo, só o que é necessário.

No Velho Testamento, lemos a história do profeta Elias que orou e por duas vezes desceu fogo do céu e consumiu os homens que os perseguia (II Re.1:9-15). Já no Novo Testamento, lemos que Tiago e João, filhos de Zebedeu, quiseram imitar Elias quando Jesus não foi recebido por uma aldeia de samaritanos, e se propuseram a orar para que descesse fogo do céu e os consumisse. Naquela mesma hora, Cristo repreendeu seus discípulos dizendo-lhes: *“Vós não sabeis de que espírito sois. Pois o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las”* (Lc.9:55,56). Ou seja, a visão de fogo consumidor que eles possuíam era a de destruição, mas o fogo consumidor deve ser visto por outra ótica, pois Deus não quer nos destruir, mas sim nos restaurar, e o fogo só queima o que é consumível.

Esta é a revelação da sarça ardente que Moisés viu. Há momentos quando o fogo consumidor já não está consumindo, como foi no caso da sarça, pois Deus só quer ser fogo consumidor em nossas vidas até a hora em que já não haja mais o que ser consumido. A revelação da sarça nos mostra exatamente isto, o ponto em que Moisés chegara depois de quarenta anos no deserto: já não havia mais o que ser consumido.

Porque na sarça o fogo ardia e não a consumia? Vejamos o texto bíblico em seus detalhes para dele extrairmos os princípios:

“Apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Midiã; e, levando o rebanho para o lado ocidental do deserto, chegou ao monte de Deus, a Horebe.

Apareceu-lhe o Anjo do Senhor numa chama de fogo do meio de uma sarça; Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia.

Então disse consigo mesmo: Irei para lá, e verei esta grande maravilha, porque a sarça não se queima.

Vendo o Senhor que ele se voltava para ver, Deus, do meio da sarça, o chamou, e disse: Moisés, Moisés! Ele respondeu: Eis-me aqui.

Deus continuou: Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa.

Disse mais: Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó. Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus.”

Êxodo 3:1-6

Afim de entendermos bem o que acontecia com Moisés neste momento da visão, é preciso fazer uma pequena retrospectiva de sua vida. Moisés foi colocado por seus pais num cesto nas águas do rio Nilo, e encontrado pela filha de Faraó, que o adotou. A mãe dele foi chamada para criá-lo até determinada idade e ainda foi paga para isto; Moisés viveu no palácio e foi educado em toda ciência dos egípcios. Havia uma distância muito grande entre a realidade que ele vivia no palácio e a que o seu povo vivia sob o jugo egípcio da escravidão; isto contribuiu para que o seu coração ansiasse pela libertação de seu povo. Aos quarenta anos de idade, ele visita seu povo e vendo um egípcio maltratando a um hebreu, o matou. Fez isto por uma única razão que Estevão nos revela em sua pregação: *“Ora, Moisés cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus os queria salvar, por intermédio dele; eles, porém, não compreenderam”* (Atos 7:25).

Esta é uma declaração importantíssima acerca de Moisés, pois mostra que mesmo antes de Deus ter lhe falado ao coração sobre libertar seu povo, ele já desejava isto. De fato, a Bíblia declara que Deus opera em nós o querer e o realizar (Fl.2:13); Ele começa despertando em nós um desejo antes de nos levar a fazer o que planeja. Contudo, não é só o querer que vem de Deus, o realizar também deve vir, e nesta ocasião Moisés ainda não entendia isto e quis fazer sozinho a obra de Deus. Ele quis ser o libertador na força da carne e de seu próprio braço, mas Deus não aceita e não abençoa isto, pois devemos depender d’Ele e nos mover n’Ele se queremos fazer sua obra!

Moisés começou fracassando, pois o homicídio

que praticou foi descoberto e o rei quis matá-lo ao entender suas intenções. Então teve de fugir e foi para a terra de Midiã, onde peregrinou por quarenta anos, casou e teve seus dois filhos. Este homem com toda cultura e sabedoria que possuía, passou quarenta anos apascentando os rebanhos de seu sogro no deserto.

Quando o Senhor se revela a ele, já tinha oitenta anos de idade. Já não lhe parecia que o Senhor ainda o quisesse usar, afinal de contas quando Moisés estava no auge de seu vigor físico Deus o “rejeitara”. Mas para que o Senhor o usasse como veio a usar, era necessário trabalhar a vida dele, tratá-lo, adestrá-lo.

Por que Moisés não pôde libertar o povo aos quarenta anos?

Simplesmente porque não era o tempo de Deus. O Senhor já havia falado a Abraão acerca disto; que os hebreus seriam escravizados e afligidos por quatrocentos anos, e retornariam na quarta geração para a terra de Canaã, pois era necessário que a medida da iniquidade dos cananeus se enchesse antes que Deus os julgasse, dando a terra aos hebreus (Gn.15:13-16). Mas havia também o tempo de Deus na vida de Moisés. Ele precisava estar espiritualmente preparado, e tudo o que ele tinha era o preparo dos egípcios, pois fora educado como um príncipe.

É aí que entra a revelação da sarça. Depois de quarenta anos consumindo os “excessos” do preparo egípcio de Moisés, Deus se revelou a ele mostrando que já não mais havia o que consumir, que ele agora estava pronto para fazer a obra para a qual Deus o designara.

É interessante notar que Deus também não acusa

Moisés pelo homicídio que cometera quarenta anos antes, pois a revelação de Deus no fogo da sarça, não é de destruição, mas sim de restauração. O Senhor pede que ele tire as sandálias de seus pés para que a sola de seus pés estivessem em contato direto com terra santa, para se expor à santidade de Deus.

Veja que o propósito do Senhor é restaurá-lo e usá-lo depois de quarenta anos consumindo as coisas que deveriam ser consumidas em sua vida. Então o Senhor lhe mostra que o fogo só consome enquanto tem o que consumir, depois já não mais, pois o propósito do fogo não é destruir, mas aperfeiçoar.

Em todo o tratamento que passamos, Deus quer o nosso bem. Ele tem planos de bem e não de mal, e quer nos dar o fim que desejamos, com um futuro e uma esperança. Não devemos ter medo de seu tratamento, nem do fogo consumidor; pois se estamos abertos ao seu tratamento, tudo o que iremos provar é o aperfeiçoamento.

Não esmagará a cana quebrada

Um texto bíblico que me ajudou a compreender que Deus quer me fazer o bem e nunca me destruir, mesmo no mais intenso período de tratamento, foi o seguinte:

“Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumeja; em verdade promulgará o direito.”

Isaías 42:3

Nunca havia entendido o termo “não esmagará a cana

quebrada” até um dia em que fui com um amigo à sua lavoura. Entramos de caminhonete na plantação de trigo para que ele pudesse avaliar o estado do trigo em diferentes pontos, e percebi que à medida em que avançávamos, deixávamos um trilho, com a marca dos pneus que pareciam esmagar as indefesas plantinhas. Inocentemente eu lhe perguntei se não estava estragando aquela parte da plantação por onde passávamos e ele me disse que não; parou para mostrar que mesmo com o talo quebrado, aquele trigo se levantaria de novo, num verdadeiro processo de regeneração da natureza, e mostrou-me outras áreas onde isto já havia acontecido.

Quando a Bíblia fala da cana, está falando do caule das plantas. Deus está dizendo que mesmo que se quebre, Ele não destruirá a planta por causa disto, mas permitirá que ela seja restaurada e suas rachaduras refeitas. Esta é a mesma mensagem do fogo consumidor. Deus não quer nos destruir quando trata conosco, mas nos aperfeiçoar. Ele sempre quer o nosso bem. Quando estamos “quebrados” em alguma área de nossa vida, o Senhor não vai nos esmagar por não sermos perfeitos, mas vai permitir que a restauração aconteça.

A outra frase do versículo que transmite a mesma mensagem que a primeira, é: “*não apagará a torcida que fumeja*”. É uma alusão ao pavio da lâmpada que já não está mais aceso, está se apagando. Novamente a Bíblia declara que mesmo quando não estamos dentro daquilo que Deus planejou que estivéssemos, Ele não vai nos destruir. O Senhor não vai molhar a ponta dos dedos com saliva e apertar o pavio que fumeja, como fazemos com uma velinha num bolo de aniversário. Não, Ele não quer

nos destruir, quer o nosso bem! Como diz o antigo cântico pentecostal: “Se apagar o pavio que fumeira, Jesus assopra e o fogo pega”. Aleluia! Jesus jamais apagará o último pavio da esperança!

Lucrando nas perdas

Sei que muitas coisas que nos sucedem não parecem ter por trás de si o controle de Deus e nem que vá nos levar a algo melhor. Porém Deus sabe como tratar conosco. As Escrituras Sagradas estão cheias de exemplos de como podemos lucrar em situações de perdas.

Isaque começou a ser abençoado por Deus e prosperar em tudo o que fazia; chegou a plantar em época de fome e colher a cem por um! Tudo parecia bem e abençoado e Ele decidiu abrir os poços que Abraão seu pai havia cavado, mas de repente a calma cessou e os homens de Gerar começaram a contender com ele por causa daqueles poços; contudo, isto fez com que ele começasse a cavar outros poços e deixasse de andar só na sombra de seu pai, como fazia até então (Gn.26:12-33).

Isaque é, ao meu ver, a figura menos proeminente de todos os patriarcas. Como herdou tudo do pai, não fez muitas conquistas, como foi o caso de Abraão e também Jacó. Mas este episódio aparentemente negativo em dias onde a bênção do Senhor estava com ele, fez com que iniciasse suas próprias conquistas. O que parecia ser a ausência da bênção de Deus, se tornou numa bênção ainda maior .

O apóstolo Paulo passou por uma situação de naufrágio, onde o navio encalhou e começou a ser destruído pela força das ondas, o que fez com que todos

abandonassem o navio e tentassem se salvar chegando até a terra a nado ou segurando-se nos destroços do navio.

Ele poderia até mesmo ter questionado a Deus como muitos de nós o fazemos, mas não o fez, pois sabia que Deus nos faz lucrar nas perdas; sua segurança foi o ânimo do coração dos demais. Já em terra, Paulo foi pegar lenha para alimentar o fogo onde se secavam e aqueciam, e uma serpente saiu do meio da madeira e picou-lhe a mão; enquanto todos esperavam que ele morresse, Deus o guardou de forma milagrosa e uma porta se abriu para que ele pregasse o evangelho e ministrasse cura a muitos enfermos na Ilha de Malta. Deus pode nos fazer lucrar nas perdas!(At.27:41-28:10).

Quando Paulo e Silas foram açoitados e presos por terem expulsado o espírito de adivinhação de uma moça em Filipos, não se entristeceram, antes, começaram a orar e cantar louvores a Deus, e um grande terremoto os libertou e permitiu que ganhassem o carcereiro e toda a sua família para Cristo. O que aparentemente poderia ser visto como derrota ou perda Deus transformou em lucro, pois Ele é soberano sobre todas as coisas (At.16:16-34).

Ouvi, certa ocasião, um relato de um ocorrido entre um grupo de pescadores que moravam numa mesma vila. Os homens saíram todos a pescar e, em enquanto estavam ao mar, sobreveio grande tempestade que os deixou totalmente perdidos, sem conseguirem retornar. Quando a tempestade foi acalmando, já estava anoitecendo e eles não conseguiam se situar afim de poderem voltar. Aflitas, as mulheres e crianças se dirigiram à praia para os esperar, e num descuido gerado pela aflição, uma das casas incendiou-se e não havendo meios de controlar o incêndio,

perdeu-se tudo o que havia naquela casa. Não muito tempo depois do incêndio, os pescadores conseguiram retornar e foram recebidos com festa pelas famílias. Porém, uma das famílias recebeu seu chefe com choro. Não entendendo porque seus familiares choravam, ele perguntou-lhes o que os entristecia e a mulher lhe contou acerca do incêndio e de terem perdido a casa e seus pertences. Então o homem respondeu: - *“Pois vocês deveriam se alegrar. Se não fosse pelo incêndio que iluminou a praia, jamais teríamos conseguido retornar!”*

Tal qual este episódio dos pescadores, devemos crer que o Senhor também nos levará a lucrar em cada circunstância.

Compreendendo a correção

Até mesmo quando somos corrigidos, é para o nosso próprio bem, como reconheceu o salmista:

“Antes de ser afligido andava errado, mas agora guardo a tua palavra.

Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos”

Salmo 119:67,71

O Senhor não quer nos destruir quando nos corrige, quer o nosso bem. Mas mesmo quando estamos procurando andar com Deus, podemos errar com nossas motivações. A grande verdade é que somos falhos e imperfeitos e precisamos ser trabalhados por Deus. Mas isto será sempre para o nosso bem.

A epístola aos Hebreus também nos ensina a respeito da correção divina:

“E estais esquecidos da exortação que, como a filhos, discorre convosco: Filho meu, não menosprezes a correção que vem do Senhor, nem desmaies quando por ele és reprovado; porque o Senhor corrige a quem ama, e açoita a todo filho a quem recebe.

É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como a filhos); pois, que filho que há que o pai não corrige?

Mas se estais sem correção, de que todos se têm tornado participantes, logo sois bastardos, e não filhos.

Além disso, tínhamos os nossos pais segundo a carne, que nos corrigiam, e os respeitávamos; não havemos de estar em muito maior submissão ao pai dos espíritos, e então viveremos?

Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade.

Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça.”

Hebreus 12:5-11

Se somos filhos, seremos corrigidos, e isto é demonstração de amor do Pai celeste. Mas não quer dizer que iremos nos sentir “confortáveis” quando somos

corrigidos. A advertência é que não menosprezemos a correção e também que não desmaiemos quando somos corrigidos. Por que a Bíblia fala sobre desmaiar? Certamente porque há momentos em que a correção parece ser mais forte do que nós. E ela não trará alegria a princípio, só tristeza; mas depois produzirá em nós frutos de justiça. Portanto o que devemos ter em mente quando somos corrigidos é que Deus quer o nosso bem; ele nos disciplina para o nosso aproveitamento!

Devemos reconhecer sempre que os planos que Deus têm para nós não são planos de mal, mas sim de paz, de bem. E que o desejo do Senhor é nos dar um futuro e uma esperança, quer entendamos isto, quer não.

Há momentos em que parece que o tratamento divino em nossa vida não poderá ser suportado. Há horas em que nos parece que seremos destruídos. Mas não! Deus quer o nosso bem. Nunca deixe o inimigo sugerir que o Senhor está contra você. Mesmo que Ele esteja usando seus agulhões ou abalando nossas vidas, mesmo que o fogo esteja consumindo muitas coisas em nossa vida, ou que Deus, à semelhança da águia, nos tenha lançado ao ar para que aprendamos a voar, não podemos perder de vista que Ele quer o nosso bem! Seus planos para nós são os melhores e haveremos de desfrutá-los em sua plenitude.

Conclusão

O agir de Deus é, e sempre será invisível aos nossos olhos. Quando não o vemos agir, não quer dizer que não esteja agindo. Quando não compreendemos o que Ele está fazendo, não quer dizer que não esteja fazendo.

Quando nada à nossa volta parece refletir sua presença, não quer dizer que Ele tenha nos abandonado. Devemos ter sempre a certeza e convicção de que Deus é soberano sobre todas as coisas, e se andarmos na sua presença com um coração dedicado e sincero, provaremos o que Ele tem de melhor.

Com certeza Deus estará abençoando toda a jornada que você tem pela frente!

Visite nosso site:



Disponibilizamos estudos bíblicos, livros on-line com
acesso gratuito, mensagens em áudio e informações
sobre a Revista Orvalho...

Acesse e divulgue!